

UM ANO DEPOIS

ANNE WIAZEMSKY



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

Um ano depois

Anne Wiazemsky

Título original: Un An après

Tradução: Júlia da Rosa Simões

São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2018

Gênero: crônica (1968)

Numeração: rodapé, 176 páginas

Digitalizado e revisto por Virgínia Vendramini

Junho de 2019

Contracapa

"PARA A MAIORIA DE NÓS QUE NÃO TEVE A SORTE DE VIVER o MAIO DE 68 FRANCÊS, ESTE LIVRO OFERECE UMA SAÍDA - EMBARCAR NA EXPERIÊNCIA DESLUMBRANTE DAQUELES DIAS NA CARONA DE UM ELENCO GLORIOSO (GODARD, DELEUZE, JEAN-PIERRE LÉAUD, CHRIS MARKER...):"

JOÃO MOREIRA SALLES

EM 1968, ANNE WIAZEMSKY TINHA APENAS VINTE ANOS, MAS JÁ ATUARA EM FILMES DE ROBERT BRESSON, PIER PAOLO PASOLINI E FORA MUSA DE JEAN-LUC GODARD, COM QUEM SE CASOU. TOMOU CHÁ COM PAUL

MCCARTNEY, ACOMPANHOU GRAVAÇÕES DOS ROLLING STONES, FORA COLEGA DE SALA DO RUIVO DANIEL COHN-BENDIT, FAZIA PLANOS DE FILMAR COM BERNARDO BERTOLUCCI E VIVIA ÀS TURRAS COM o AVÔ, o ROMANCISTA FRANÇOIS MAURIAC. POUCAS PESSOAS ESTIVERAM TÃO PERTO DO OLHO DO FURACÃO DE 1968 QUANTO ESSA JOVEM CHEIA DE HUMOR E ENERGIA. E ESSA VIBRAÇÃO SE MOSTRA POR INTEIRO NESTE LIVRO.

TRADUÇÃO: Julia da Rosa Simões

todavia

ISBN 978-85-93828-60-

Orelhas

No início de 1968, o cineasta Jean-Luc Godard era um ícone da esquerda francesa. Lançado no ano anterior, seu filme *A chinesa* fora saudado como profético: ao retratar um grupo de jovens maoístas disposto a fazer a revolução, captava o espírito do tempo que eclodiria em maio de 1968, quando os estudantes tomaram as ruas de Paris. A atriz e escritora Anne Wiazemsky, autora deste livro, foi a protagonista de *A chinesa* e estava casada com o cineasta naquele ano. O casal vivia no epicentro do tumulto: dividia um apartamento no Quartier Latin, vizinho da Sorbonne, a universidade onde germinaram os primeiros conflitos que mais tarde paralisariam o país. Ao lado dos cineastas François

Truffaut e Jacques Rivette, do filósofo Gilles Deleuze, do líder estudantil Daniel Cohn-Bendit, em contato próximo com Bernardo Bertolucci e Pier Paolo Pasolini, com os Beatles e os Rolling Stones, a dupla Anne-Jean-Luc testemunha o mundo em ebulição e procura se situar em meio às vertiginosas transformações. Seduzido pelo clima político, Godard adota no período uma postura de radicalização. O cinema tal como o praticara deixa de lhe interessar: seria mera arte burguesa. Seus amigos mais próximos naquele ano eram jovens maoístas e choviam convites para palestras em universidades. De família burguesa - era neta de François Mauriac, escritor célebre do establishment católico -, Anne tinha apenas vinte anos, contra os 37 do marido famoso. Mas quem parece criança é Godard. Seu mau humor é cômico - um simples banho de mar da mulher era motivo para bronca: como ele explicaria aos amigos que se dera ao luxo convencional de ir à praia em meio a tanta agitação política? Um ano depois aborda os eventos de 1968 de um ponto de vista inusitado. Em vez de análise sociológica, a autora faz uma crônica daquele ano decisivo a partir do que viu e ouviu. Os protagonistas da cultura e da política estão todos aqui, mas retratados por quem os via de perto, e se mostram tanto mais ricos quanto mais cheios de contradições.

Anne Wiazemsky nasceu em 1947, em Berlim. Atuou em filmes de Robert Bresson, Pier Paolo Pasolini, Jean-Luc Godard, Marco Ferreri e Philippe Garrel. Nos anos 1980, iniciou uma premiada carreira literária, em que se destacam os romances *Canines* (1993) e *Hymnes à l'amour* (1996). Um ano depois (2015) foi adaptado para o cinema por Michel Hazanavicius, com Louis Garrel no

papel de Jean-Luc Godard. Anne morreu em 2017, aos setenta anos.

Anne Wiazemsky

Um ano depois

tradução

Julia da Rosa Simões

todavia

A Marie-Laure de Crozefon

Tínhamos nos mudado, algumas semanas antes, para o número 17 da rue Saint-Jacques, no Quinto Arrondissement. Desde a adolescência eu sonhava em morar no Quartier Latin, e aquele apartamento me parecia ter a localização ideal, perto da Sorbonne, do boulevard Saint-Michel e do Sena. Jean-Luc não dava muita importância ao lugar onde vivíamos, gostava do apartamento no número 15 da rue de Miromesnil, que ele alugava e servira de cenário para *A chinesa*. Mas por que não um outro? Quando eu acrescentara que "Além disso, estou de saco cheio da proximidade com a place Beauvau, de saco cheio do Élysée e de todos esses policiais"; ele respondera, forçando o sotaque suíço:

"Nesse caso... O 17 da rue Saint-Jacques ficava exatamente na frente da igreja Saint-Séverin. Tínhamos comprado o último andar, com uma vista maravilhosa para os jardins e para o bairro como um todo. A proximidade com a igreja deixara meu avô, François Mauriac, encantado: "Fantástico. Se sentir a menor tentação de voltar à Fé, só precisará atravessar a rua... Não terá tempo de mudar de ideia ou de deixar para depois". Ele seguia de longe minhas peregrinações, por meio de artigos na imprensa ou pelo que chegava a seus ouvidos, e aquilo o divertia. Que eu não o visitasse com frequência não o entristecia, e ele me recebia com afeto, sem me repreender. Os outros membros da família, pelo contrário, nunca deixavam de me lembrar do que chamavam minha "ingratidão". É verdade que eu, sem nenhum remorso e com grande alívio, me entregara a uma nova

7

vida da qual eles estavam excluídos: uma verdadeira desnaturada, diziam. Não estavam errados. Naquele dia, eu saía de uma das últimas projeções para a imprensa do filme de Michel Cournot, *Les Gauloises bleues*, que fora selecionado para representar a França no Festival de Cannes. Estávamos transbordando de alegria. Eu esperava que o filme vencesse a Palma de Ouro e tentara convencer o preocupado Michel disso, mas ele sinceramente não sabia se seria bom ou ruim participar. Eu era apoiada por nossos amigos, Rosier e Bambam, que já falavam em acompanhá-lo a Cannes, como bons groupies que éramos. Rosier e Bambam tinham feito uma entrada espetacular em minha vida e na de Jean-

Luc no final do verão de 1967. Eram os melhores amigos de Michel, que os visitava quase todos os dias e, com frequência, nos deixava com um misterioso "Vou visitar Rosierbambam". Eles formavam um casal. Ela, Michèle Rosier, era uma das três grandes estilistas da época e ele, Jean-Pierre Bamberger, diretor de uma indústria têxtil no Norte. Juntos, tinham criado a marca de roupas V de V, que logo teve grande sucesso. Dizia-se que a V de V havia "revolucionado a moda esqui". Pedi para conhecê-los. Um almoço foi organizado no belíssimo apartamento do casal, no número 20 da rue de Tournon. Na mesma noite, Jean-Luc e eu recebemos um telegrama de Rosier, que dizia apenas: "Ai, já sinto falta de vocês!". Era recíproco. Adquirimos o hábito de nos vermos com muita frequência, para ir ao cinema, para jantar, quase sempre na Brasserie Balzar, a meio caminho entre nossos apartamentos. Jean-Luc e eu não passávamos muito tempo em Paris desde o outono de 1967. Fizemos várias viagens aos Estados Unidos para apresentar A chinesa em faculdades americanas, exposições sempre seguidas de longos debates com estudantes que, em pouquíssimo tempo, me entediaram. Jean-Luc adorava essas trocas

8

e cada vez mais se apaixonava pela política e pela vontade de mudar o mundo daqueles jovens; as marchas de protesto contra a Guerra do Vietnã, o Black Power. Em Paris, frequentava estudantes de tendência maoísta, que eu não tinha a menor vontade de conhecer. Ele deixara de ir com tanta frequência ao cinema, dizendo que nesse âmbito minha educação estava pronta.

Acordarmos juntos e nos reencontrarmos à noite era, a seus olhos, o mais importante: éramos agora oficialmente um casal e ele gostava de se referir a mim como "minha mulher". Estarmos separados não o preocupava mais, desde que a separação durasse apenas alguns dias. Vê-lo enfim tranquilo me deixava feliz e, ao mesmo tempo, me perturbava: seria compatível com o grande amor que nos atirara um aos braços do outro quando ele fora a meu encontro na casa de uma amiga no sul da França? Outro temor me atormentava, registrado com seriedade no diário que eu escrevia na época e que quase abandonara: "Amar tira toda minha independência". No fim do ano de 1967, ele me pediu para participar, junto com Jean-Pierre Léaud, de seu filme *Agáia ciência*. Na mesma época, Michel Cournot me convidara para fazer as fotos publicitárias em preto e branco do seu, *Les Gauloises bleues*. Eu não hesitara. Recusar Jean-Luc, dizer não a meu marido, era uma prova de que eu ainda era livre e estava disponível para novas aventuras. Jean-Luc tivera um pouco de dificuldade para aceitar, mas depois, aconselhado por mim, chamara Juliet Berto. Dois meses estranhos tinham se passado, em que acordávamos muito cedo e voltávamos a nos encontrar muito tarde à noite, cansados demais para contar um ao outro nossos dias ou compartilhar nossas alegrias e preocupações. Quase nos tornamos castos e eu me perguntava, um pouco inquieta, se morar com alguém era isso mesmo. A convite de uma universidade americana, viajamos juntos para Los Angeles. Mas minha estadia foi curta e precisei deixar Jean-Luc para ir a Roma, onde Pier Paolo Pasolini antecipara

as filmagens de Teorema. Era a primeira vez que nos separávamos de fato e ficamos para morrer. Tínhamos a impressão de correr o risco de nunca mais nos vermos e choramos juntos até eu entrar no avião. A tripulação da Air France, impressionada, chegou a autorizar Jean-Luc a me acompanhar até a entrada da aeronave. Poucos dias depois, ele comprou uma passagem de ida e volta entre Los Angeles e Roma para verificar se eu ainda o amava. Nosso breve reencontro foi apaixonado, à imagem do que tínhamos vivido um ano antes. Aquilo me tranquilizou. Outro convite nos levou, no início de fevereiro de 1968, para Havana. As autoridades do cinema cubano receberam Jean-Luc como um herói. Senti-me incomodada com a devoção que pareciam dirigir-lhe, mas ele não notava nada. Quando Jean-Luc sugeriu a possibilidade de um filme conjunto, logo colocaram à sua disposição o equipamento necessário e dois técnicos. Partimos. Jean-Luc filmava aqui e ali, sem nenhuma convicção, paisagens, imagens de propaganda, alguns raros cartazes do Che. Eu o sentia em busca de alguma coisa que ele não conseguia encontrar, ele estava taciturno e insatisfeito. Nossos camaradas cubanos, no entanto, faziam de tudo para satisfazer o menor de seus pedidos e me agradar. Deram-me alguns presentes, como um enorme xale bordado do século XIX retirado da coleção de roupas antigas da escola de cinema de Havana. Mas havia um assunto que não devíamos mencionar e sobre o qual eles, como todos os cubanos, calavam obstinadamente: a detenção, na Bolívia, do francês Régis Debray, que combatera ao lado dos cubanos. O que Castro estava fazendo para libertá-lo? Não entendíamos aquele silêncio. Em Paris, havia grande agitação. Em 9 de fevereiro, o presidente da Cinemateca, Henri Langlois,

fora substituído por decisão governamental. Telegramas de François Truffaut, que chegavam a Jean-Luc no hotel, basicamente diziam: "Volte imediatamente, precisamos de você". Dois lugares foram reservados

10

no primeiro voo para Madri, onde passamos várias horas à espera de uma conexão para Paris. Jean-Luc enfurecia-se por não estar lá e a raiva devolvia-lhe a energia até então adormecida. Assim que chegamos em casa, ele saiu para se unir ao comitê que se formara em defesa de Henri Langlois e era conduzido com ardor por François Truffaut, Jacques Rivette e Barbet Schroeder. Muitos cineastas, atores e técnicos participavam dos debates. Tínhamos a impressão de que o cinema francês, pela primeira vez, se expressava numa única voz. Falava-se em "marchar" até a Cinemateca, provisoriamente fechada, e em "libertá-la". Eu nunca tinha sido uma entusiasta de Langlois, que era desleixado e, para dizer a verdade, sujo: sentia nojo dele. Esquivava-me de seus beijos ruidosos e dava um pulo para o lado quando ele queria me pegar nos braços. Jean-Luc franzia o cenho, mas era mais forte que eu. Eu sabia que o cinema lhe devia muito e que a Cinemateca do Palais Chaillot, tanto para mim como para os outros, era um lugar sagrado. As coisas avançaram com muita rapidez sob o impulso de Jean-Luc, Truffaut e Rivette, mais do que nunca decididos a conseguir a readmissão de Henri Langlois. Estudantes se aliavam ao pessoal do cinema, cheios de vontade de lutar. Como viajava muito para o exterior e era bastante indiferente ao que acontecia no mundo universitário francês, eu não conseguia fazer uma ligação entre a

revolta que reinava nas universidades americanas e o que via em Paris. Jean-Luc, ao contrário, pressentia o desenvolvimento de algo inédito em toda parte, na Alemanha, na Tchecoslováquia, em Roma ou em Londres. Suas amizades com estudantes maoístas confirmavam suas impressões nesse sentido. Assim que retornamos de Cuba, ele voltou a falar da revolução internacional. Mal lhe dávamos ouvidos, envolvidos em nossa missão de salvar Langlois e a Cinemateca. O ambiente era alegre, jovial, fraterno, e eu me divertia muito com os mais velhos, que voltavam a ter vinte anos como eu.

II

À primeira passeata do dia 12 de fevereiro, ao entardecer, na rue d'Ulm, sucedeu-se a do dia 14, na frente do Palais Chaillot, que reuniu, estimou-se, três mil pessoas. Subimos em fileiras cerradas a avenue Président Wilson, repetindo palavras de ordem que exigiam a demissão do ministro da Cultura, André Malraux, e a reabertura imediata da Cinemateca. Participei na primeira fila, entre Jean-Luc e François Truffaut, impressionada e inebriada pela determinação dos dois. Sua determinação se intensificou quando a passeata se chocou com a polícia que barrava a parte alta da avenida e interditava o acesso à place du Trocadéro. Houve um primeiro confronto, sem gravidade, mais na tradição do Teatro de Guignol, que levou a um acordo: fomos autorizados a nos reunir na esplanada para ler um apelo dirigido ao governo e assinado por todo o pessoal do cinema. Depois, deveríamos nos dispersar com calma. Claro que ninguém pretendia obedecer, e a leitura do apelo apenas reforçou nossa

combatividade. Queríamos abrir à força as portas da Cinemateca e do Teatro Nacional Popular, então bem protegidas, e atacar os policiais antes que eles nos atacassem. O choque foi violento. Pegos de surpresa, os policiais logo responderam a golpes de cassetete e o corpo a corpo se generalizou: estávamos longe do Guignol. Eu pensava nessa passeata do dia 14 de fevereiro enquanto voltava para casa. Reinava um clima de insurreição nas proximidades da Sorbonne. Estávamos no dia 3 de maio de 1968. Eu sabia que uma reunião devia estar acontecendo lá dentro e que a universidade de Nanterre fora fechada. Não sabia muito mais que isso, apesar das notícias que Jean-Luc me passava à noite, quando nos reencontrávamos. Durante o dia, eu tinha começado a participar das filmagens de Os gângsteres de Bonnot, de Philippe Fourastié, nos arredores de Paris. De repente, estudantes surgiram gritando de todos os lados, perseguidos pelo que me pareceu um exército de policiais,

12

com capacetes e cassetetes, batendo indistintamente nos jovens que conseguiam capturar. Fiquei parada no cruzamento do boulevard Saint-Germain com a rue Saint-Jacques, imóvel, paralisada de medo, incapaz de correr. Os estudantes fugiam na direção da place Maubert, me empurravam. "Não fique parada, sua tonta", me disse um deles, tentando me puxar. Como eu não saía do lugar, não hesitou em me dar duas bofetadas antes de voltar a correr. Aquilo me trouxe de volta à realidade. Vi o exército de policiais se aproximando e corri pela rue Saint-Jacques, onde ficava nosso prédio.

Aterrorizada pelos sons de guerra que chegavam até mim, convencida de que podia ter sido seguida até nosso apartamento, subi os quatro andares numa velocidade ensandecida e tranquei as três fechaduras que Jean-Luc julgara adequado mandar instalar. Enfim salva! Nosso apartamento tinha três níveis. Um primeiro lance de escadas levava ao escritório e ao banheiro de Jean-Luc, um segundo levava à sala de estar e à minúscula cozinha, um terceiro, ao meu banheiro e ao nosso quarto, embaixo do telhado. O quarto se abria para um pequeno terraço. Fiquei alguns minutos sentada, tentando recuperar o fôlego, atenta aos sons do edifício. Mas era da rua que chegava o eco do que acontecia lá fora. Um eco abafado pelos vidros duplos das janelas da sala principal. Eu as abri. A perseguição aos estudantes continuava pelo boulevard Saint-Germain e pela rue Saint-Jacques. Grupos de jovens, tanto homens quanto mulheres, lutavam de mãos nuas contra os cassetetes dos policiais, outros atiravam diferentes objetos encontrados nas calçadas. As vezes, uma fumaça me impedia de distinguir quem atacava quem. Mais tarde ficaríamos sabendo que se tratava de gás lacrimogêneo. Os uivos das sirenes da polícia e as buzinas distantes de motoristas furiosos, bloqueados nos arredores do Quartier Latin, encobriam

13

os rumores da turba e as palavras de ordem que continuavam a ser gritadas por alguns estudantes em megafones. O telefone tocou. Era Jean-Luc, preocupadíssimo. Temia que eu não tivesse voltado a tempo para nosso apartamento. Havia ligado uma

primeira vez, meia hora antes, e como não me encontrara, se preparava para ir ao apartamento de Barnabé e Rosier, onde pensava que eu poderia ter me refugiado. Aliviado de me saber segura, perguntava-se como vir a meu encontro. Estava na Rive Droite, mas me garantiu que daria um jeito de voltar para casa. Eu devia ficar ali, esperar por ele. Foi minha vez de ficar preocupada. Eu o vi avançar contra os policiais durante os confrontos do Palais Chaillot, conhecia sua agressividade, sua imprudência diante do perigo. Ele me prometeu prudência e desligou com um último conselho: "Ouça a Europe Numéro 1. Liguei o grande aparelho capaz de sintonizar a Radio Pékin que ele havia filmado em A chinesa, e ouvi um jornalista narrar ao vivo os enfrentamentos entre estudantes e policiais. As escaramuças agora se dirigiam à Sorbonne e ao Panthéon. Ele dizia que havia feridos dos dois lados e que o resultado daquele confronto parecia imprevisível. Um de seus colegas, em estúdio, repassou os últimos acontecimentos. Tudo começara com o fechamento de Nanterre e com a convocação perante a comissão disciplinar de alguns estudantes considerados os líderes da revolta que agitava a faculdade desde fins de março. A isso se somava a passeata do movimento Occident, de extrema direita, que ameaçava interromper a reunião improvisada na Sorbonne para denunciar ataques, como o recente incêndio da sede da Fédération des Groupes d'Études de Lettres. O reitor da Sorbonne chamara a polícia para restabelecer a ordem. Portanto, os que se enfrentavam naquele exato momento eram esquerdistas, comunistas, fascistas e policiais! Era difícil se achar no meio daquilo tudo.

Quando Jean-Luc chegou, estava muito decepcionado por não ter visto nada. O dia chegava ao fim e um límpido sol de maio iluminava a igreja Saint-Séverin e seus jardins. Estilhaços variados eram a única coisa que enchiam as calçadas e lembravam os enfrentamentos da tarde. Se os combates continuavam, era em outro lugar. Jean-Luc me fez contar em detalhe o que eu tinha vivido. O episódio das bofetadas do desconhecido o enterneceu. "Você sempre tem que se machucar!" Estava aludindo a um momento específico do caso Langlois, no dia 14 de fevereiro, quando os manifestantes, ele e Truffaut à frente, se voltaram para atacar os policiais. Os que guardavam a entrada do Palais de Chaillot, estupefatos com aquela audácia, abandonaram seus postos para correr ao socorro dos colegas. "Todos para o Théâtre National Populaire! Ocupação do teatro!", gritou então Rivette, se esgueirando para dentro do prédio. Eu estava ao lado dele, com meu irmão Pierre e uma amiga, e nós três o seguimos sem hesitar. Ter Rivette como um líder de guerra era excitante, e acompanhá-lo, um dever, uma honra. Corremos escada abaixo até a sala de espetáculos. Sem parar um instante sequer, Rivette pulou em cima do palco e se virou, triunfante. Então ficou embasbacado, como uma criança prestes a cair no choro. Seu exército, no total, era composto por Pierre, nossa amiga, um desconhecido e eu. Foi sinistro voltar a subir aquelas escadas. Nenhuma palavra foi trocada entre nós. Achei a situação bastante cômica, mas evitei fazer qualquer brincadeira a respeito, pois nosso querido Rivette parecia abatido. Pensei em consolá-lo, dizer que não era grave, mas nunca me permitiria tanta intimidade. No topo da escada, uma surpresa aguardava por nós: as portas do Palais de Chaillot tinham sido fechadas e eram vigiadas por alguns policiais.

Assistimos, impotentes, à violenta batalha que se desencadeava lá fora. Furiosos e humilhados, batíamos nas portas para que nos deixassem sair. Finalmente, um

15

estupefato policial acabou abrindo a porta. Saímos com dignidade, murmurei um "obrigada" e recebi de um outro policial um golpe de cassetete na cabeça que me fez despencar pelos degraus de saída e cair na calçada. Quase desmaiada, fiquei surpresa ao me descobrir nos braços de Simone Signoret. Sua notoriedade e a chegada de Jean-Luc, completamente ensandecido, acalmaram as coisas e eu pude ser evacuada. Nada me acontecera, mas as rádios que narravam a "revolta dos artistas" mencionaram o ocorrido. No dia seguinte, minha mãe recebeu um telegrama de desculpas do chefe de polícia, Grimaud, que fora amigo de meu pai quando os dois tinham sido alunos da École Alsacienne. Depois disso, várias vezes mencionávamos "A tomada do Palácio de Inverno por Jacques Rivette", como dizia Jean-Luc. Naquele dia, porém, Jean-Luc não quis se demorar naquela lembrança. - O que está acontecendo hoje é de ordem totalmente diferente e está longe de ter acabado. Ele me apertou em seus braços com carinho. - Você vai ver. Em vão, tentou contatar seus misteriosos amigos maoístas, depois Michel Cournot, em Sceaux, que não sabia de nada, depois Bambam e Rosier, que tinham entendido que os confrontos prosseguiam na rue Soufflot. Do teto transformado em terraço do número 20 da rue de Tournon, eles ouviam gritos de "Libertem nossos camaradas!". - Amanhã, não irei à montagem de A gaia ciência, que de todo modo me aborrece

profundamente. Vou me encontrar com os estudantes. Espero que venha comigo. De maneira nenhuma: na manhã seguinte, teria as filmagens de Os gângsteres de Bonnot.

16

III

Philippe Fourastié, que estava dirigindo seu segundo filme, tinha se cercado de quase toda a equipe técnica de Les Gauloises bleues, em que fora o excelente primeiro-assistente de Michel Cournot. No elenco, havia Jean-Pierre Kalfon, personagem principal do filme de Michel, e também Annie Girardot e Bruno Cremer. Estes últimos agora eram as estrelas de Osgângsteres de Bonnot, ao lado de Jacques Brel, que interpretava Raymond la Science. Nella, mulher de Cournot, e eu fazíamos papéis pequenos. Todos estávamos muito felizes por nos reencontrarmos tão rapidamente e as filmagens tinham iniciado em meio a uma atmosfera familiar e descontraída. Por ter feito as fotos publicitárias em preto e branco do filme anterior, eu me sentia particularmente ligada à equipe técnica. Nella e eu aparecíamos sobretudo em cenas de grupo em torno dos personagens principais. Fazia alguns dias que filmávamos a cerca de trinta quilômetros de Paris, numa mansão de 1900 e no parque ao redor. Os assaltos a banco, as perseguições de carro e o cerco em que Bonnot-Bruno Cremer seria morto estavam previstos para mais tarde. Todos sabiam o que havia acontecido na véspera em Paris. Alguns não estavam nem aí, consideravam que tudo não passara de

fogo de palha, outros tinham ficado mais impressionados. A Prefeitura de Polícia havia anunciado quase seiscentas prisões, as aulas tinham sido suspensas na Sorbonne e os

17

dois principais sindicatos de estudantes, a UNEF e o SNESup*, convocavam uma greve geral.

Filmávamos justamente a sequência de uma incursão policial à mansão. Um inspetor encarregado de obter informações sobre os possíveis esconderijos de Bonnot interrogava seus conhecidos. Eu interpretava uma personagem apelidada de Vênus Vermelha, que mais tarde os trairia, mas que, naquele momento, destilava todo seu desprezo pela polícia. Enquanto ensaiávamos, Bruno Cremer se plantara ao lado da câmera e zombava de mim. "Muito ruim!", ele dizia, ou a variante "Um horror!". Aquilo o divertia bastante, pois me deixava cada vez mais acanhada. Não era a primeira vez que me provocava assim. Quando aparecia nas filmagens de *Les Gauloises bleues*, dizia entre duas tomadas: "O cinema de seu marido é muito chato!". Eu ficara um pouco surpresa, porque o admirava. Também o achava muito sedutor. Em compensação, ouvi-lo repetir em público que eu era muito ruim me desestabilizava e aos poucos me fazia perder meus preciosos talentos. "Deixe-a em paz, Bruno, precisamos ensaiar", irritava-se o diretor. Armand, o cameraman, que se tornara um amigo, me cochichou: "Não se preocupe. Na verdade, deve ter gostado de você e está tentando conquistá-la. Bruno é mulherengo".

Talvez fosse verdade, talvez lisonjeiro, mas me senti exatamente como ele dizia, um horror. Terminada a sequência, não fiquei para assistir à próxima, como gostava de fazer, mas entrei na mansão, onde a produção se instalara. Dirigi-me à cozinha com a intenção de beber um café. Uma mulher de idade indefinida estava encarregada de cuidar da casa e preparar pequenas refeições e lanches. De pé, apoiada num antigo fogão à lenha, ela ouvia Jacques Brel, que

*1. As siglas se referem ao Sindicato Nacional de Ensino Superior e à União Nacional dos Estudantes Franceses. [N. E.]

18

monologava diante de um copo de vinho tinto. Sentei-me discretamente na frente dele e murmurei um inaudível "bom-dia". Chegado havia pouco, ele se mantinha sistematicamente afastado dos demais. Philippe Fourastié tentara aproximá-lo dos outros, sem sucesso. Ele não parecia hostil, mas ausente, como se viesse de outro mundo. Annie Girardot, que tinha fama de sedutora, fora encarregada de cativá-lo e entrou na cozinha pronta para isso. Por acaso, eu continuava ali. Ele olhou distraidamente para ela, sem sequer responder à sua atitude, depois olhou para mim, que me mantinha afastada, tentando passar despercebida, e então me dirigiu um grande e amplo sorriso. Annie, estupefata e talvez ofendida, interrompeu na hora seu número de sedução e foi embora. Quando interpretava, Jacques agia como um verdadeiro profissional e sempre

fazia as refeições com a equipe. Os que o admiravam loucamente, dentre os quais eu me incluía, ficavam muito impressionados de tê-lo a seu lado e tímidos demais para ousarem se aproximar. Ele também devia ser tímido. Naquela manhã, porém, ele não parava de falar. Discorria sobre uma pessoa que devia tê-lo feito sofrer ou que se portara mal com ele, não estava claro. Ele a amava, ela o havia abandonado, ele estava quase "surtando". De tempos em tempos, ele se virava para mim, que demonstrava compaixão, ou para a mulher, que continuava de pé, apoiada no fogão, e se mantinha impassível. Depois, suas queixas se transformaram em raiva. Ele parou de falar da mulher que o fazia sofrer daquele jeito para atacar as mulheres, todas as mulheres. Disse a nosso respeito palavras insultantes, cheias de ódio, subitamente confirmando uma misoginia que me deixou chocada, embora eu conhecesse a amargura de algumas de suas músicas. A estupefação deve ter transparecido em meu rosto.

Não é mesmo? - ele disse, virando na minha direção.

19

- Mas... Como pode dizer essas coisas na minha frente? Sou uma mulher! Ele me contemplou em silêncio por um instante. Sua raiva parecia ter serenado, dando lugar a um enigmático devaneio. - Não - ele disse enfim, num tom absolutamente diferente. - Você não faz parte das mulheres, você não é uma mulher.

Aquela afirmação me fez perder a voz. Perguntas pululavam em minha cabeça: se eu não era mulher, então era o quê? Ele me estendeu a mão por cima da mesa. - Você é um ser humano. E esqueça essas minhas idiotices, a primavera me deixa num estado estranho. Sim, era primavera, uma primavera esplêndida, luminosa e quente que eu não me lembrava de jamais ter visto. Ou não soubera ver. Mas logo reconheci em mim essa sensação de euforia, essa confiança infantil naquilo que o futuro ainda nos reserva de felicidade e descobertas. Eu sabia que aquilo não necessariamente duraria e que devia me apressar para tirar proveito de tudo. Sentei-me afastada das filmagens, numa campina, as costas apoiadas numa castanheira em flor, atenta ao cheiro da grama cortada na véspera, ao perfume dos lilases, ao canto dos pássaros finalmente de volta. Há quanto tempo eu não me deixava levar por aquela alegria, tão simples, que o contato com a natureza me proporcionava? Depois de nosso casamento, havia menos de um ano, tudo passou tão rápido, tínhamos feito tantas coisas, Jean-Luc e eu... - Mas o que está fazendo estatelada na grama com o figurino de época? Está cansada de saber que vai usar o mesmo até o fim do filme! Saia já daí! A figurinista, que tinha feito parte da equipe de Les Gauloises bleues, limpou minhas costas, nádegas e pernas com vigor. Meu longo e lindo vestido cinza, estilo 1900, precisaria ser lavado naquela noite. Como sempre, ela estava fumando um baseado, o que a mantinha num constante bom humor.

Jean-Luc estava em casa quando voltei. Mas não estava sozinho. Um jovem estava com ele, esparramado num dos dois divãs, uma cerveja na mão. Como todos os rapazes de sua idade na época, tinha cabelos compridos demais e sujos, usava jeans e um casaco preto amassado, uma camiseta branca de limpeza duvidosa. A negligência voluntária usada como uniforme geralmente me exasperava, encarei o desconhecido sem a mínima simpatia. - Oi, camarada! - ele disse, sem sair do lugar. Além disso, tinha uma voz estrondosa. - Jean-Jock - apressou-se a dizer Jean-Luc. E para encerrar as apresentações: - Anne, minha mulher. - Ora, Jean-Luc, você sabe que vi A chinesa várias vezes! Embora falasse alto e de uma maneira que devia julgar "proletária", seu lado garoto parisiense me fez considerá-lo com um pouco mais de boa vontade. Deixei-os na sala, subi até o quarto para trocar de roupa e tirar a maquiagem do dia. Dali, ouvia suas risadas. Pareciam contentes de estarem juntos e muito cúmplices. Desde quando se conheciam? Era principalmente o tal de Jean-Jock quem falava, os silêncios de Jean-Luc me surpreendiam: ficar calado na presença de outra pessoa não era um de seus hábitos, ele sempre precisava ter a última palavra. Fiquei intrigada e desci para me reunir a eles. Ao me ver, Jean-Luc julgou necessário explicar: - Jean-Jock está convencido de que as greves da Sorbonne e de Nanterre vão se estender a todas as universidades, que os secundaristas serão os próximos e a classe trabalhadora também. - Estamos na véspera da Grande Noite! - completou Jean-Jock. Quanto jargão! Eu olhava para um e outro sem compreender de onde vinha aquele entusiasmo, a segurança do jovem e

a admiração do mais velho. Minha ausência de reação deixou Jean-Jock surpreso: - Duvida de minhas previsões, camarada? Voltei a me exasperar. - Em primeiro lugar, pare de ficar me chamando de "camarada" toda hora, em segundo, não gosto dessa falta de cerimônia, acabamos de nos conhecer! Bastou uma frase para desconcertá-lo. Jean-Jock voltou a ser um garotinho me encarando com olhos suplicantes de cocker spaniel. Entendi que era sua maneira de fazer charme e aquilo o tornou mais humano a meus olhos. - Bom, tudo bem, podemos dispensar a cerimônia. Então, ainda como um garotinho, ele fingiu uma alegria excessiva, ficou de quatro e, imitando um cachorrinho, chegou a sentar nas patas de trás e ergueu as da frente. Seus olhos de cocker spaniel tornavam a cena tão verossímil que foi difícil conter o riso: não estávamos mais na véspera da Grande Noite, mas num filme de Walt Disney! Lembrei-me de que tínhamos marcado um jantar com Bambam e Rosier na Brasserie Balzar. Jean-Luc, que também se divertira com o número de Jean-Jock, concordou: - Vamos, não podemos deixá-los esperando - ele disse, forçando o sotaque suíço para melhorar de vez meu humor. Na escada, e na rue Saint-Jacques, na frente de nosso prédio, Jean-Jock cantava aos brados:

7e suis franc et sans soucis, Ma foi, je m'en flatte! Le drapeau que j'ai choisi Est rouge écarlate. De mon sang, c'est la couleur Qui circule clans mon cceur. Vive la Commune!

Enfants! Vive la Commune!"

- Viva a Comuna! Crianças! - repetiu Jean-Luc.

Ele virou para vê-lo se afastar, achando graça, enternecido. Estava visivelmente seduzido por aquela juventude, com algum sentimento paterno que até então só reservara a Jean-Pierre Léaud. Fiz-lhe essa observação. - Jean-Jock é um militante, Jean-Pierre é apenas um artista. E antecipando minhas perguntas, explicou que seu novo amigo, recém-aprovado no bac**, tinha anos de militância nas costas, no Ensino Médio. Tinha a quem puxar: o pai fora da Resistência comunista durante a Segunda Guerra e a mãe participara das redes de apoio ao FLN durante a Guerra da Argélia. - Ela com certeza conheceu e talvez tenha trabalhado com nosso amigo Francis Jeanson. Nosso amigo Francis Jeanson? Fazia meses que não tínhamos notícias dele e da ação cultural que vinha conduzindo havia um ano em Chalon, com o Théâtre de Bourgogne. Também não dávamos notícias, ocupados demais com nossas viagens e atividades. Mas eu tinha ficado com uma impressão desagradável: ele não entendera o motivo de meu não comparecimento às provas de fim de ano em Nanterre, de meu abandono da filosofia que ele me ensinara a amar. Se soubesse que minha decisão fora tomada alguns dias antes da data da prova porque Michel Cournot, como quem não quer nada, me

**3. Sou sincero e despreocupado/Palavra, me orgulho disso!/A bandeira que escolhi/É vermelho escarlata./De

meu sangue, é a cor/Que circula em meu coração./Viva a Comuna!/Crianças!/Viva a Comuna! Versos da canção Elle N'est Pas Morte, escrita no final do século XIX pelo mesmo autor da Internacional, Eugene Pottier, em memória da Comuna de Paris. [N. E.]

**4. Baccalauréat é o exame realizado na França pelos alunos que terminam o Ensino Médio e que dá acesso ao sistema universitário. [N.E.]

23

dissera enquanto eu revisava o conteúdo das provas nos fundos de seu jardim, em Sceaux: "Não vá, isso é bobagem, a vida real está em outro lugar"... O pensamento de Jean-Luc era sempre muito mais rápido que o meu. - Me pergunto como Francis analisaria o que está acontecendo hoje nas universidades. - A essa pergunta, ele responderia... - "Seja mais específico." Era a frase preferida de Francis e nós implicávamos muito com ele por causa dela. O fato de a repetirmos tão rápido e ao mesmo tempo nos fez rir e me deixou feliz por nossa cumplicidade reencontrada. Decidimos telefonar para ele, ou melhor, surpreendê-lo com nossa presença em Chalon, no próximo fim de semana. Jean-Luc parecia subitamente sentir uma necessidade urgente de retomar o diálogo interrompido. Na altura da place Paul-Painlevé, a visão da Sorbonne cercada por cordões policiais nos deixou perplexos. Por alguns minutos, tínhamos nos esquecido completamente do que acontecia em Paris naquele 4 de maio de 1968, e aquela cena era terrível. Armados de capacetes, escudos e cassetetes, aqueles policiais davam medo. Mais para cima, na rue Saint-Jacques, e um pouco mais adiante, na rue des Écoles, na

direção de Maubert e do boulevard Saint-Michel, grupos de estudantes se formavam. Alguns gritavam palavras de ordem hostis que nem sempre eram repetidas pelos outros. Uma distância prudente entre eles e os policiais se criara e parecia ser respeitada. Até aquele momento, pelo menos. Jean-Luc, fascinado, avançou na direção dos policiais, sozinho, punhos fechados na altura do peito para se proteger dos golpes que provocaria em resposta aos seus. Parecia um boxeador de filme noir norte-americano, um samurai de filme japonês. Puxei-o com todas as minhas forças na direção do restaurante, tão assustada pela atitude dele quanto pela dos

24

policiais, estranhamente impassíveis. Jean-Luc se deixou levar, resmungando. Dentro do Balzar, tudo parecia o mesmo: os garçons, com seus aventais brancos, passavam atarefados e os clientes, se comentavam o que acontecia nas ruas, o faziam em tom de conversa. O restaurante era um enclave à parte em pleno Quartier Latin e assim continuaria. Bambam e Rosier nos esperavam à mesa dos fundos, perto do caixa. Bambam se deixara cair no banco e Rosier estava muito agitada. - Ulalá - ela foi logo dizendo -, Jean-Luc está de cara feia, Jean-Luc não gostou da ideia de jantar num restaurante tão perto da Sorbonne vigiada pela polícia! - Sim, isso mesmo. Ele se sentou na cadeira vizinha à de Rosier, enquanto eu me sentava no banco ao lado de Bambam, em quem dei um beijo. Eu teria feito o mesmo com Rosier, mas ela já estava discutindo com Jean-Luc, tentando convencê-lo de que não, o Balzar não era protegido pela polícia, enquanto ele, espantado com a

verve dela, só conseguia grunhir uns "Dá na mesma!". Mas eles logo concordaram sobre a importância do movimento dos estudantes e sobre o que ele pressagiava. Era o vocabulário que os separava. Enquanto Rosier dizia "É fascinante! Jean-Luc, num tom professoral, a corrigia: "A questão não é ser fascinante". "Mas você entendeu o que eu quis dizer!" "Não, Rosier, não!" E assim por diante. Eu admirava Rosier, a força de suas convicções, sua coragem de expressá-las. Ela às vezes se perdia na própria emotividade, o que acontecia com frequência quando discutia com Jean-Luc, muito mais experiente que ela nesse tipo de disputa verbal. Ele gostava dela, mesmo quando ela o irritava, como naquela noite. Eles tinham mais ou menos a mesma idade. Para mim, ela era tanto uma mãe quanto uma irmã mais velha, uma espécie de modelo a ser seguido.

25

- Acha que a cena dos dois vai demorar muito? - me perguntou Bambam em voz baixa. Bambam era o oposto de Rosier: prudente, silencioso, muito atraente e muito sedutor, com um notável senso para a tirada cômica e pertinente, sempre dita na hora certa para vencer uma discussão em andamento. Quando isso acontecia, Jean-Luc se curvava de bom grado. Eles se admiravam e se tratavam com intimidade. Um dia, por acaso, descobriram que ambos tinham sido escoteiros quando crianças, um na França e o outro na Suíça. O nome de Bambam era "Canguru Boêmio", o de Jean-Luc, "Pardal Batalhador": Rosier, Michel Cournot e eu julgamos aqueles apelidos poeticamente atuais. Momentaneamente apaziguada a discussão entre Jean-

Luc e Rosier, falamos de outras coisas, atentos aos sons que chegavam da rue des Ecoles. Nada nos fazia supor que os confrontos voltariam a ocorrer naquela noite. Ouvíamos o fluxo habitual de carros no boulevard Saint-Michel e do ônibus 63, que tinha uma parada na calçada em frente ao Balzar. contei meu dia de filmagens, a obstinação de Bruno Cremer em me dizer que eu era ruim e minha descoberta, graças a Jacques Brel, de não ser uma mulher. Se pensava enternecê-los, perdi meu tempo. Rosier e Bambam acharam tudo muito engraçado e Jean-Luc tornou-se sonhador. - Ouvir o nome de Cremer me faz lembrar do fiasco de abril passado... Ele não terminou a frase. Por iniciativa de uma produtora inglesa determinada a produzir um filme com Godard e os Beatles, eu o acompanhara a Londres. Jean-Luc esboçara um vago início de sinopse em que uma garota (eu) que não conseguia fazer um aborto tentava o suicídio se atirando na frente de um carro. Infelizmente, toda vez se deparava com um Beatle ao volante de um Rolls e sua tentativa fracassava. O que aconteceria depois? Jean-Luc não

26

sabia, mas contava com os Beatles para encontrar alguma inspiração. Adorávamos a banda e ouvíamos seu último disco, Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band, ininterruptamente. Um encontro foi marcado com John Lennon e Paul McCartney no escritório da Abbey Road. O primeiro logo se mostrou hostil, contrário a todas as sugestões da ousada produtora. Parecia alheio e decidido a encerrar o mais rápido possível aquela reunião. O segundo, pelo contrário, era todo charme e

gentileza, parecia louco para fazer um filme com Godard, de quem dizia "venerar o cinema, todo o cinema". A conversa se prolongou e John Lennon se levantou sem abrir a boca, sem dirigir um olhar a ninguém, e saiu da sala. "Voltem amanhã", disse o conciliador Paul McCartney. "John não está num bom dia. Mas vou falar com ele e espero que se torne mais cooperativo:" Jean-Luc se livrou da produtora, dizendo estar cansado, e saímos para passear por uma Londres muito animada, cheia de vida. Ele estava de excelente humor. "Esse projeto idiota nunca vai sair do papel", disse, "mas tive uma ideia, uma ótima ideia!". E me lembrou de que os roteiristas norte-americanos de Bonnie e Clyde, Robert Benton e David Newman, haviam procurado François Truffaut e ele com um novo roteiro, chamado O assassinato de Trotsky. François decretara na mesma hora que não se sentia capaz de abordar um tema tão afastado de seu universo e que aquele seria um projeto para Jean-Luc. Este, de fato, ficara tentado. O roteiro o agradava, o entusiasmo e a cinefilia dos dois americanos também. Na véspera, Michel Cournot lhe mostrara, pedindo total segredo, uma primeira montagem de Les Gauloises bleues. Nunca soubemos o que Jean-Luc realmente pensara do filme, mas ele ficara impressionado com as interpretações de Jean-Pierre Kalfon, Bruno Cremer e Nella, que fazia a protagonista. Chegara a sonhar por um momento: Cremer seria o assassino de Trotsky, eu seria sua mulher, Nella, a de Trotsky. Mas para a pergunta "quem seria

Trotsky?", nenhum nome lhe ocorrera. Os dois roteiristas tinham objetado que Cremer, Nella e eu não éramos famosos e que o filme precisaria de uma estrela conhecida do público norte-americano. A coisa ficara nisso até aquele encontro na gravadora dos Beatles, na Abbey Road. "Trotsky será John Lennon! Indiscutível, não?" Passamos uma parte da noite tecendo planos. Nem mesmo filmar no México desencorajava Jean-Luc. Desde A chinesa eu não o via com tanta vontade de fazer um filme. - Por que se lembrou do fiasco de abril? Seu silêncio se prolongava, Bambam e Rosier esperavam que ele falasse mais a respeito. Minha pergunta trouxe Jean-Luc de volta ao jantar. - Porque me pergunto o que você estava fazendo embaixo da mesa com Paul McCartney! Entendi que estava falando do segundo encontro na gravadora, que fora ainda pior que o da véspera. Jean-Luc, muito inspirado, logo tentara convencer John Lennon da história sobre Trotsky. Eles fariam juntos um verdadeiro filme revolucionário, o primeiro. Ele falava rápido demais e a produtora tinha dificuldade para traduzir suas palavras, surpresa com o rumo inesperado que seu projeto tomava. Mas John Lennon logo os interrompeu e, numa voz esganiçada, o rosto deformado pela raiva, lançou-se num fluxo de palavras. Alguém acabara de trazer uma bandeja com chá, biscoitos e pequenos sanduíches. Paul McCartney dissera então um divertido: "Convido a mulher do diretor a tomar chá comigo embaixo da mesa". E levantara a toalha para passar. Como se fosse a coisa mais normal do mundo - e naquele contexto estranho, era -, imitei-o. Sentados um de frente para o outro, de pernas cruzadas, xícara de chá na mão, trocamos em voz baixa, num inverossímil dialeto franco-inglês, alguns comentários sobre a agitação frenética das pernas de nossos companheiros.

As de Jean-Luc e de John Lennon batiam no carpete, precisamos nos apertar ainda mais para evitá-las. As da produtora de minissaia cruzavam e descruzavam. Acima de nossas cabeças, o tom subia. John Lennon e Jean-Luc logo começaram a gritar. "Acho que deu merda", disse Paul, que, diante de meu ar desapontado, emendou: "Sinto muito, o projeto do seu marido parecia muito bom... Você diz isso a ele?". Depois, pegou um guardanapo branco e agitou-o para sair dali. "Trégua!", pediu, estendendo a outra mão para me ajudar a levantar. E fim. John Lennon saiu da sala batendo a porta, seguido por Paul McCartney, que não parava de dizer "I am sorry, so sorry...", e nos vimos na calçada. A produtora, à beira das lágrimas, só conseguia repetir "Não entendo, não entendo", enquanto Jean-Luc, furioso, tinha uma absurda crise de ciúme: "O que estava fazendo embaixo da mesa?". - Tomando chá com Paul McCartney. - Estou sabendo, foi o que disse em Londres, em abril passado. Então se dirigiu a Bambam e Rosier: - Vocês também acham isso normal? Rosier voltou a se agitar, enquanto Bambam se esparramava um pouco mais no banco. - Sim - ela disse, rindo nervosamente -, nada mais normal que tomar chá embaixo da mesa com Paul McCartney. Essa é inclusive uma das principais reivindicações dos estudantes, tomar chá embaixo da mesa com Paul McCartney! - Ai, minhas costas, preciso voltar para casa e fazer um alongamento! Bambam sempre tinha dor em alguma parte, principalmente nas costas. Era uma dor real, ninguém duvidava, mas sabíamos que também era sua maneira perfeita de encerrar uma situação que o constrangia ou

incomodava. Aquilo divertia Jean-Luc. - Se Bambam está com dor...

29

Falou com gentileza. Como era comum, sua agressividade se dissipava tão rápido quanto surgia. - Acabei de perceber que estou feliz por não ter que fazer o filme sobre Trotsky ou sobre os Beatles. É um alívio, até. Não quero mais fazer cinema - ele disse. Rosier deu de ombros e pediu a conta, enquanto Barnbarn se dirigia para a porta. Sem qualquer combinação, nós três escolhemos agir como se aquele fosse um de seus habituais gracejos. Lá fora, nada havia mudado. Os mesmos cordões policiais isolavam a Sorbonne. Os estudantes, em contrapartida, eram menos numerosos. "Devem estar reunidos em assembleia geral para preparar o dia de amanhã", disse Jean-Luc, como se invejasse uma vida da qual estaria excluído. Eu ouvia o canto dos melros e o grito dos andorinhões na place Paul-Painlevé e em torno do jardim da igreja Saint-Séverin. O dia chegava ao fim e eles se preparavam para a noite com uma última algazarra. Aquele momento, que poderia ter sido agradável, foi rapidamente estragado pelo grande número de viaturas estacionadas em cada cruzamento, perto de nosso prédio, posicionadas como em uma emboscada. Aquela simples presença já constituía uma ameaça. Ao pé da escada, agarrei-me ao pescoço de Jean-Luc: "Estou cansada, por favor me leve no colo". Ele resmungou, a princípio, mas supliquei tanto, como uma criança manhosa, que ele acabou cedendo. Ele era forte, musculoso como um atleta, e ficou orgulhoso de me provar isso subindo com

agilidade os quatro andares. O telefone estava tocando quando chegamos a nosso apartamento. Jean-Luc atendeu no escritório. "Sua mãe!", ele disse, me passando o aparelho. Meu irmão não tinha voltado para casa, ela estava preocupada: ele estava conosco? Não, e eu não tinha a menor ideia de onde poderia estar. Tranquilei-a dizendo que,

30

apesar da forte presença policial, o Quartier Latin parecia calmo. Por fim, prometi que se Pierre aparecesse eu diria que ela havia ligado e que ele deveria voltar imediatamente para casa. "Pierre sabe onde as coisas estão acontecendo, como Jean-Jock." Jean-Luc fez de novo a cara do excluído abandonado por todos.

Quando finalmente fomos nos deitar, ele me abraçou com carinho e se esqueceu por um instante das coisas que o preocupavam. "Jacques Brel tem razão: você não é uma mulher, você é minha mulher." Depois, como costumava fazer, pegou no sono imediatamente. Eu invejava sua capacidade de cair em sono profundo sem qualquer transição. Para mim, era mais complicado. A insônia era uma espécie de maldição desde a morte de meu pai, quando eu tinha quinze anos. Eu me acostumara a ter uma caixa de Imménoctal sempre à mão. Mas também gostava de olhar para Jean-Luc adormecido. Sem os óculos, seu rosto descansado revelava uma inocência, uma felicidade, que ninguém podia suspeitar e que me comovia muito. Um dia, fotografei-o nesse momento íntimo de abandono e a

imagem, mais tarde, o deixou surpreso. "Sou eu?" "Sim, Jean-Luc, é você:"

31

- De pé, bicho-preguiça!

Jean-Luc abriu as venezianas do pequeno terraço e o sol de maio iluminou nosso quarto. Ele depositou sobre a cama uma bandeja com uma xícara de Nescafé e um pão com manteiga bem caprichado. Eu não estava com a menor vontade de levantar e enfiei a cabeça embaixo do travesseiro. Mas adivinhei o que ele logo atirou em cima da cama: todos os jornais do dia. Aquilo se tornara um ritual: a bandeja com o café da manhã servido por Jean-Luc, acompanhada dos jornais. Ele estava acordado havia tempo e transbordava energia. Tinha tomado um café com croissants no bar mais próximo, folheando atentamente os jornais. Sem aquela leitura, ele não cogitava começar um novo dia. A dona da loja que ficava na parte de baixo de nosso prédio também vendia material de papelaria e alguns livros, e logo se afeiçoara a ele, decretando-o seu melhor cliente. Além dos jornais, Jean-Luc comprava todas as revistas, à medida que iam sendo lançadas, e canetas, canetinhas, borrachas, cadernos e blocos de papel. "Ah, Sr. Godard, apesar de tão conhecido, continua tão gentil e tão modesto!", ela gostava de repetir. Em pouco tempo, passou a guardar nossas chaves, receber a correspondência e até anotar mensagens. - Eu disse de pé, bicho-preguiça! Finalmente abri os olhos, vencida por seu bom humor e pela luz que invadia o quarto. Bem instalada nos travesseiros, a

xícara de Nescafé na mão, vi que ele também trazia um rádio de pilha.

32

- Acabei de comprar. Não podemos mais ficar sem ouvir a Europe Numéro 1 e a Rádio Luxembourg, os jornalistas são excelentes, andam por toda parte. São eles que vão nos contar o que está acontecendo! - Nesse caso, uma segunda xícara de Nescafé. O que não sabíamos era que milhares de franceses tinham tido a mesma ideia e que em pouco tempo os estoques de rádios de pilha pela primeira vez se esgotariam no país. Jean-Luc voltou com um novo Nescafé, depois me informou que eu devia deixá-lo trabalhar. Em quê, não me disse. Fiz então uma descoberta assombrosa: a capa de todos os jornais era estampada pelo retrato de Dany*, meu colega anarquista de Nanterre, que queria fazer de mim uma militante revolucionária, enquanto flertava comigo pelos corredores e gritava: "Solidariedade aos ruivos!". Um Dany alegre, solar, que convocava os estudantes à mobilização geral. Lendo os vários artigos que lhe eram dedicados, fiquei sabendo que era o líder do recente movimento de 22 de março, em Nanterre, e que fora convocado a se apresentar à justiça ao lado de outros sete estudantes. E dizer que eu via Dominique, Jean-Pierre e ele como Os Três Patetas! Desci para compartilhar minha descoberta com Jean-Luc e ele ficou quase tão admirado quanto eu. Embora nunca o tivesse conhecido pessoalmente, lembrava-se muito bem do que eu contava a seu respeito. Tinha até me pedido para ler, em A chinesa, um panfleto convocando ao boicote das provas de fim de ano, "causadoras de neuroses e

frustrações sexuais". Panfleto assinado "Os Anarquistas", que podia passar, segundo ele, por maoísta.

Um pouco mais tarde, o rádio nos informou que quatro participantes da manifestação de 3 de maio acabavam de ser condenados à prisão. Dany não estava entre eles.

*5. Daniel Cohn-Bendit, também conhecido por Dany le Rouge, tanto por suas inclinações políticas como pela cor do cabelo. [N. E.]

33

Eu só filmava 'a tarde e me encontrei com a equipe de Os gângsteres de Bonnot no intervalo para o almoço. Alguns comentavam apaixonadamente o que tinham ouvido ou lido na imprensa, outros não estavam nem aí e outros zombavam. Principalmente nosso diretor, Philippe Fourastié, seu assistente e Bruno Cremer. "Esses rrierdinhas pensam que estão fazendo a revolução", dizia um. 'Dá para ver que nunca foram para a Guerra da Argélia", dizia outro. Eram as únicas respostas que davam a Armand, muito intrigado com a revolta dos estudantes. Quando retomamos o trabalho, fiz um comentário em voz baixa sobre a brutal recusa deles em discutir a questão e Armand me respondeu no rxiesmo tom, mas com ironia: "Você queria o quê? São do grupo de Pierre Schoendoerffer, fizeram juntos La 317e Section*. Homens de verdade, ora!': As conversas não tinham chegado a ser hostis, o trabalho continuou no mesmo ritmo da véspera, mas alguma coisa havia

mudado, um certo bom humor parecia ter em parte se perdido.

No dia seguinte, 6 de maio, tudo se acelerou. Já pela manhã, ficamos sabendo do comparecimento de Dany e mais sete camaradas diante da comissão disciplinar da universidade de Nanterre. Greves e manifestações estouraram em várias universidades de toda a França. No início da tarde, novas manifestações se formaram no Quartier Latin. Eu não filmava naquele dia e acompanhei Jean-Luc. Misturados a uma multidão de jovens, estávamos animados de estar ali, entre eles, em pleno boulevard Saint-Germain. No início, as palavras de ordem eram confusas e pouco repetidas, a não ser "Libertem nossos camaradas!"; que mobilizavam todo mundo. Os estudantes encarregados da ordem nos cercavam à perfeição, formando correntes ao longo do cortejo e me fazendo

*6. Filme sobre a Guerra da Indochina, lançado em 1965.
[N. E.]

34

sentir muito segura. As injúrias começaram a jorrar de todos os lados contra os policiais, muito numerosos, que pareciam determinados a não nos deixar ganhar um centímetro de terreno. Eles não demoraram a atacar. Então começou a correria para fugir deles pelas ruas adjacentes, correria enlouquecida, desordenada, durante a qual percebi a que ponto estava com medo. Um medo

que nunca me abandonaria. Jean-Luc, ao contrário de mim, não tinha medo de nada. A violência das forças de segurança com os manifestantes o deixava possesso. Ele era o primeiro a se unir aos grupos que, aqui e ali, se formavam para revidar. Gritava mais alto que todos os outros e a grosseria de seus insultos aos policiais, aos membros do governo e aos principais líderes sindicais surpreendeu os demais. Eu o seguia como podia, suplicando que voltasse para casa, mas ele não me dava ouvidos. Às vezes, exaustos, parávamos num café para descansar ou beber alguma coisa. Todos os cafés estavam abertos, nenhuma porta fechada. Os comerciantes e moradores do bairro se diziam indignados com a violência policial e não deixavam de ajudar os jovens que buscavam abrigo. Durante um novo confronto, seguido de uma nova fuga perto do Panthéon, na rue Soufflot, Jean-Luc prendeu os pés numa lixeira tombada e caiu de corpo inteiro na calçada. Ajudei-o a se levantar. Estava apenas atordoado, mas seus óculos estavam quebrados. Para ele, era o pior que poderia acontecer: sem óculos, não enxergava absolutamente nada. Aquilo o deixou furioso. Queria que eu chamasse um táxi para ir aos Champs-Élysées, onde ficava a ótica que frequentava. Mas que táxi? Onde? Sua própria incoerência o consternava. Parecíamos dois imbecis, esbarrando nos estudantes que corriam para todos os lados. As forças de segurança logo chegariam, precisávamos encontrar um abrigo com urgência. Felizmente, não estávamos longe do número 20 da rue de Tournon. Guiei-o até

o prédio como um cego, exasperada por suas queixas. De maneira injusta, eu o considerava responsável pelo medo terrível que havia sentido e ainda sentia. Bambam abriu a porta e nos fez entrar sem demonstrar a menor surpresa. Compreendeu na hora o que estava acontecendo e propôs uma solução: ao lado, Rosier trabalhava em sua nova coleção com um jovem assistente, que tinha uma Vespa e talvez pudesse chegar aos Champs-Élysées se insinuando entre os manifestantes e os policiais. Em suma, bastaria alcançar a Rive Droite e voltar à Rive Gauche. O jovem assistente anotou o endereço da ótica, pegou os óculos e prometeu fazer o possível. "Traga dois pares!", gritou-lhe Rosier enquanto ele descia as escadas. E, virando-se para Jean-Luc: - Esse incidente pode acontecer de novo, melhor tomar precauções. - Então chama isso de incidente! - Sim, Jean-Luc, nada mais que um incidente. Agora, acalme-se e acomode-se no sofá enquanto faço um chá. Vai dar tudo certo.

Eu já estava no sofá, bebericando a Coca-Cola que tinha ido buscar na cozinha. Eu gostava muito daquele apartamento, onde imediatamente me sentira em casa, da hospitalidade calorosa de Rosier, dos móveis modernos, do poético bricabraque de objetos em que se misturavam recordações de viagens e achados preciosos descobertos em antiquários, das grandes janelas envidraças que se abriam para o céu e dos três gatos, resgatados famélicos das ruas de Paris e convertidos em gordos e afetuosos bichanos. De longe, chegavam as sirenes das viaturas da polícia e, mais raramente, das ambulâncias. O grosso dos confrontos devia ter se deslocado para os lados de Maubert ou do boulevard Saint-Michel, pois não ouvíamos mais as palavras de

ordem. Recuperada de meus temores, consegui me preocupar com a súbita fadiga que se abatera sobre Jean-Luc. Ele mal

36

respondia às perguntas de Bambam e às diversas propostas de Rosier, que encadeava gracejos e jogos de palavras para fazê-lo sorrir. Ele parecia esgotado e desamparado, e não pedia nem mesmo para ouvir o rádio. O assistente telefonou da ótica. As lentes não podiam ser trocadas naquele momento, os dois pares novos não ficariam prontos antes do fim da manhã seguinte. O assistente também disse que conseguira chegar à Rive Droite sem muita dificuldade, mas que lhe parecia mais difícil voltar. "Tire o resto do dia para você", disse Rosier. E, virando-se para nós: - Não estão começando a ficar com fome? - Sim. Jean-Luc tinha se levantado. Não comíamos desde o café da manhã e havíamos caminhado muito, corrido muito. - Fazer a revolução dá fome! Ele subitamente recuperara um pouco o bom humor e certo ar de vitalidade. Os óculos quebrados lhe tiravam todas as veleidades de atacar os policiais. - E por mais que seja um homem atlético, não tem mais vinte anos - Rosier não conteve a ironia. - Você também não - devolveu-lhe Jean-Luc, sorrindo. Era um pouco depois das sete horas da noite e surgiu a questão de onde poderíamos jantar. Nenhum de nós queria ir ao Balzar agora que a Sorbonne estava mais protegida que nunca pelas forças de segurança. Não sabíamos onde estavam acontecendo os combates de rua. Do terraço abaixo do telhado, vimos que a rue de Tournon parecia calma. - Que tal o La Méditerranée, ao

lado do Théâtre de l'Odéon? - propôs Rosier. - Ainda é um pouco cedo, mas tenho certeza de que seremos servidos. Bambam tossiu nervosamente. - Hmm, você conhece o lugar? - ele perguntou a Jean-Luc. - Não. Mas por que não?

37

Eu tinha ouvido falar desse restaurante por François e Claude Mauriac, que adoravam cear por lá e eram, diziam eles, clientes assíduos. Por isso, para mim se tratava de um lugar mítico, como antes havia sido e continuava sendo o bar do hotel Pont Royal, por causa de Sartre e da Les Temps Modernes. O restaurante era ainda mais bonito do que eu imaginava, muito chique. Fiquei maravilhada com os afrescos nas paredes, as fotos das celebridades. Jean-Luc, que não percebia todos esses detalhes, sentiu alguma coisa que o deixou desconfiado. - Acho que não faz meu tipo - ele disse. - Seu tipo ou não, não tínhamos muitas opções - respondeu Bambam, em tom conciliador. Com um gesto, fez-me sinal para que eu parasse de expressar meu entusiasmo diante de uma foto do deslumbrante Jean Marais ao lado de Jean Cocteau. Eu estava achando aquilo tudo muito divertido. Jean-Luc não era nem um pouco gourmand, comia para se alimentar. Quanto mais feio o restaurante, mais ele gostava. Foi unicamente para me agradar que mudou de hábitos, passou a frequentar as brasseries e finalmente adotou o Balzar. Um único casal jantava: um homem idoso e uma mulher nem tanto, muito maquiada, cabelos pintados de louro platinado e presos num inverossímil coque. O restaurante estava vazio, nós seis formávamos um grupo curioso.

Jean-Luc acabou avistando o casal e fez um comentário desdenhoso: "Uma puta e seu velho". Rosier e Bambam escolheram ignorar. Os garçons nos cercaram e fizemos o pedido. O jantar se desenrolou numa atmosfera tensa. Voltamos a ouvir sirenes, explosões distantes e gritos de estudantes. Tudo parecia confuso, mas tínhamos a impressão de que os combates de rua se aproximavam. Jean-Luc ficou novamente muito nervoso, amaldiçoava os óculos perdidos e criticava Rosier por ter nos arrastado para um restaurante luxuoso enquanto deveríamos

38

estar na rua, ao lado dos estudantes. Seu mau humor acabou irritando o pacífico Bambam, que calmamente o repreendeu. Um grupo de jovens brandindo bandeiras vermelhas subitamente invadiu o largo do Théâtre de l'Odéon e, depois de alguns segundos de hesitação, se precipitou pela rue Racine na direção do boulevard Saint-Michel. Pela primeira vez ouvimos novas palavras de ordem, "É só o começo, a luta continua!" e "CRS, ss!"*. Ao passar, eles derrubaram as floreiras diante do La Méditerranée e deram alguns socos na janela envidraçada do restaurante, como para acordar os que estavam lá dentro. Nenhum vidro se quebrou, mas o casal à mesa do outro lado se levantou assustado, pronto para se refugiar na cozinha. O largo à frente do teatro recuperou a calma e o casal voltou a se sentar. O homem tremia de medo e raiva. Uma raiva que expressava em voz alta, tomando-nos por testemunhas: - Malditos imbecis! Malditos imbecis! Espero que sejam todos presos junto com essa revolução! "Ai, ai, ai", pensei ao ver Jean-Luc empalidecer. - Imbecil é o senhor!

- ele gritou. - Velho imbecil! O homem, indignado e furioso, se levantou. Viu de onde vinha o insulto e, tremendo por inteiro, gritou numa voz também trêmula: - Como ousa? Lutei na guerra de 1914 e na de 1940, senhor! - Se ainda está vivo, é porque não fez nada. Caso contrário, estaria morto como milhares de outros homens! Um inútil, isso é o que o senhor é, um inútil! O homem quase engasgou e, ainda praguejando como um carroceiro, pediu ajuda aos garçons e ao maitre. Visivelmente, era um cliente assíduo e logo foi atendido. Enquanto isso, Rosier aproveitara para pedir a conta e pagar. Compreendemos

*7. O slogan CRS = SS equiparava as forças policiais francesas (Compagnies Républicaines de Sécurité) à SS nazista. [N. E.]

39

que já passara da hora de tirar Jean-Luc daquele bate-boca ridículo. Estávamos saindo do restaurante quando Jean-Luc se deteve e foi até o casal. - Empanturre-se, velho imbecil, beba. Nem por isso vai comer melhor essa piranha - disse, apontando para a pobre loira. Bambam foi até ele e o arrastou para a rua. - Isso é indigno de você - disse. - Indigno! Rosier, por sua vez, parecia a ponto de explodir. Quase cheguei às lágrimas diante daquele ódio que surgia de um recanto muito sombrio de Jean-Luc, sem motivo, sem explicação. Senti vontade de fugir, de me refugiar em qualquer outro lugar, até na casa da minha mãe. Mas não podia abandoná-lo sem os óculos agora que as forças de segurança e os

manifestantes perseguiram uns aos outros e se enfrentavam por todo o Quartier Latin. - Vamos acompanhá-los até o apartamento - disse Bambam. - Não podemos deixar Anne sozinha com essa responsabilidade. - Sem mim - respondeu Rosier -, já ouvi demais por uma noite. Mas não demore, também não quero ter que me preocupar com o senhor. E deu meia-volta, sem dizer mais nada, sem um gesto de amizade. Não tive tempo de, mais uma vez, me espantar com o fato de que Rosier, depois de vários anos de vida em comum, ainda chamasse Bambam de senhor, pois este logo apontou na direção do Balzar. - Os confrontos não parecem seguir para aqueles lados. Vamos tentar... Ele caminhava rápido, confiante, esquecido da dor nas costas e de sua habitual fleuma. Jean-Luc o seguia, silencioso e dócil, quem sabe arrependido da violência com que tratara o casal que jantava. Cruzamos com grupos de manifestantes que se retiravam momentaneamente para o Luxembourg. Eles nos confirmaram que os confrontos ocorriam no boulevard Saint-Germain,

40

sobretudo na altura do cruzamento do metrô Odéon, e que eram violentos. Num desses grupos encontramos meu irmão Pierre. Ele nos avistou e veio na nossa direção, surpreso por nos encontrar ali e com a estranha aparência de Jean-Luc. Barnbarn, que o conhecia, contou-lhe dos óculos quebrados e da necessidade de nos escoltar até nosso prédio. Como era de se esperar, Pierre disse que nos acompanharia e Bambam pôde ir embora. Senti-me grata por seu silêncio em relação à

desagradável cena do restaurante. Pierre adorava e admirava Jean-Luc, eu não queria que a bela imagem que fazia dele fosse maculada. Naquele momento, estava enternecido. - Sem óculos, você fica ainda mais parecido com o Buster Keaton... - Se você diz... Enquanto nos dirigíamos sem muita dificuldade para a rue Saint-Jacques, Pierre narrava seu dia. Ele tinha acompanhado tudo ao lado dos manifestantes, tirando fotos com a Kodak automática que usava no pescoço. De minha parte, contei-lhe da surpresa de descobrir pela imprensa que o líder do movimento de 22 de março era Dany, meu amigo anarquista de Nanterre. - Mesmo? O cara que sempre telefonava e para quem eu sempre tinha que responder que você não estava? - Sim. Como é que pode? Pierre ria de prazer. - Que orgulho dessa irmã. Além de casada com Jean-Luc Godard, é amiga de um líder revolucionário que, ainda por cima, parece simpático! Mas uma péssima surpresa nos esperava na place Paul-Painlevé. Se havia tão poucos manifestantes na rue des Écoles, em volta da Sorbonne e do Balzar, era porque o grosso das forças de segurança, na retaguarda dos confrontos, estava perto do boulevard Saint-Germain, no cruzamento com a rue Saint-Jacques. Para voltar para casa, precisaríamos passar por elas.

41

Jean-Luc, avisado, num primeiro momento se recusou a passar por ali, indignado. Meu irmão explicou que era o único caminho. "Veja isso como um jogo. Vamos nos infiltrar em território inimigo, como Buck Danny e os japoneses." Jean-Luc não entendeu a alusão a uma de nossas histórias em quadrinhos preferidas quando

crianças, mas gostou da ideia de jogo. Pierre abordou educadamente os primeiros policiais e explicou que queríamos voltar o mais rápido possível para casa porque, sem os óculos, o cunhado não enxergava mais nada. Os policiais, também educadamente, pediram nossos documentos de identidade. Os de Pierre estavam em ordem, mas Jean-Luc e eu só tínhamos nossos passaportes de cidadãos suíços. Não tínhamos nem nosso endereço registrado, pois quando casamos não fazíamos a menor ideia de onde queríamos morar. Nada indicava que realmente ficaríamos em Paris ou na França. Foi preciso uma longa explicação para que acreditassem que dizíamos a verdade, que o homem exausto, como que desorientado, e a jovem mulher que parecia ser sua esposa de fato pudessem ser o casal famoso cujos méritos Pierre louvava. De fato, os manifestantes estavam longe à frente, no cruzamento do Odéon, mas ouvíamos as palavras de ordem repetidas nos megafones: "Libertem nossos camaradas!", "É só o começo, a luta continua!" e "CRS, SS!". Atravessamos a barreira, enquanto os policiais transmitiam a instrução de "Deixem que eles passem". Seguíamos pelo meio de todos aqueles homens, impressionados com o número que formavam. Os capacetes, escudos e cassetetes os transformavam em guerreiros muito realistas, bastante assustadores, e nos provocavam desconforto. Em graus diferentes, nós três nos sentíamos humilhados de ter que sorrir e agradecer, ou melhor, de ter que inspirar confiança. Mesmo assim, preciso confessar que estava aliviada por não estar participando dos combates de rua, por não me sentir mais aterrorizada como no início da tarde, por poder me refugiar em casa.

Estávamos quase saindo dali quando um outro policial pediu para ver nossos documentos de identidade. Felizmente, uma ordem que repetia a instrução original o alcançou e ele nos devolveu nossos passaportes suíços. "Procurem amanhã mesmo a embaixada para regularizar sua situação. Da próxima vez, não terão a sorte que tiveram hoje!" Tinha o ar agressivo e parecia decepcionado por não poder nos prender. Mal tínhamos saído dali, livres, Jean-Luc murmurou: "Ui, que meda!". Virou-se e encarou o policial como se nunca mais quisesse esquecer seu rosto, o que não passava de um blefe, pois não enxergava nada, e murmurou de novo: "Voltaremos a nos ver!". Puxado por Pierre e por mim, porém, deixou-se guiar até nosso prédio. Em casa, Pierre pediu nossos passaportes, uma caneta e tinta da mesma cor da que registrava nossos nomes e locais de nascimento. "Desnecessário perder tempo na embaixada. Vou fazer umas correções e ninguém perceberá coisa alguma!" Me senti confiante, pois conhecia os talentos de meu irmão nesse âmbito, e Jean-Luc achou graça, como sempre que se tratava de trapacear alguém. Depois disso, circulamos à vontade por Paris, pela Suíça e pelo mundo inteiro. Pierre nos deixou para ir à rue François-Gérard. "Jurei à mamãe que estaria de volta ao cair da noite", explicou num súbito mau humor, como para salvar sua honra de jovem que acabava de fazer dezenove anos: "Mas isso vai mudar!". O dia, de fato, chegava ao fim. Nos jardins da igreja Saint-Séverin, os pássaros celebravam o início da noite, indiferentes às forças policiais reunidas no cruzamento. Jean-Luc se deitou num dos divãs, eu no outro, o rádio ligado, sintonizado na Europe Numéro 1. Graças ao rádio, soubemos mais detalhes sobre o desenrolar dos acontecimentos. A manifestação iniciara tranquilamente,

guiada por Dany Cohn-Bendit, Alain Geismar, secretário-geral do SNEsup, e

43

Jacques Sauvageot, presidente da UNEF. Os confrontos tinham começado sem que ninguém soubesse por quem. Os estudantes acusavam as forças de segurança, que por sua vez acusavam os estudantes. Pela primeira vez, ouvimos falar em "elementos incontrolláveis" que teriam se infiltrado na passeata para semear a discórdia. Estudantes entrevistados falavam em "provocadores manipulados pela polícia" O apresentador explicou de que maneira, diante da violência policial, os estudantes, até então não politizados, tinham ido para as ruas. Compreendíamos o sentido das novas palavras de ordem: "É só o começo, a luta continua!". Agora todos marchavam juntos. O jornalista falava com exaltação: que vitória para eles! Que fracasso para o governo! O locutor passou bruscamente a palavra a um de seus colegas jornalistas que estava na place Denfert-Rochereau, onde uma multidão de jovens se reunira e erguia barricadas como as que haviam sido erguidas no Quartier Latin no fim do dia. Mas os estudantes, agora mais bem organizados atrás de trincheiras, revidavam atirando paralelepípedos, balizas de sinalização, lixeiras em chamas, tudo o que caísse em suas mãos. Seus gritos, as advertências policiais, o estrondo dos paralelepípedos batendo nos escudos, as explosões e as primeiras sirenes de ambulância chegavam a nós como se estivéssemos lá. Graças a esse jornalista, que comentava o que via correndo de um lado para outro, tanto para se proteger quanto para ficar no centro dos

embates, vivemos ao vivo essa primeira noite de violência efetiva em Paris. Num dos raros momentos de calma, outro jornalista da Europe Numéro 1 anunciou em estúdio que corriam boatos de que o governo desejava abrir negociações com os principais líderes do movimento estudantil. E passou a palavra ao colega que estava na place Denfert-Rochereau e que havia conseguido uma breve entrevista com Dany. Este não respondeu

44

se o boato era pertinente, mas afirmou que não poderia haver negociações antes que dois colegas presos fossem soltos e antes da retirada total das forças de segurança do Quartier Latin e, obviamente, da Sorbonne. Era estranho ouvir o Dany do ano anterior falando como líder, com a mesma voz, o mesmo entusiasmo e a mesma convicção; era estranho concordar com tudo que ele dizia, embora eu tivesse escolhido virar as costas ao mundo universitário. Imaginei Dominique e Jean-Pierre a seu lado. como eu podia ter passado completamente ao largo daqueles três? A noite caíra havia um bom tempo e o apartamento continuava às escuras quando Jean-Luc propôs que fôssemos para a cama. Não acendemos uma única lâmpada, nem passamos no banheiro. Desligado o rádio, ficamos deitados um contra o outro, esperando o sono que não vinha. Eu adivinhava Jean-Luc agitado por mil pensamentos, como eu, mas nenhum dos dois os externava, como se depois de um dia como aquele só pudéssemos ficar em silêncio.

- De pé, bicho-preguiça!

A frase habitual de Jean-Luc foi seguida de um horrendo mugido que imediatamente me arrancou do sono. - Eu disse: de pé, bicho-preguiça. Acordem, bichos-preguiça! Lembrei com irritação que, pela segunda noite consecutiva, Jean-Jock dormia no andar de baixo, na sala. Na primeira, Jean-Luc o convidara ao voltarmos da grande manifestação que fora da place Denfert-Rochereau ao Arco do Triunfo. Assim que nos avistara, Jean-Jock deixara seu grupo de amigos para se juntar a nós. As notícias frescas recém-colhidas dos secundaristas, também prestes a entrar em greve, haviam deixado Jean-Luc encantado. Ele via em Jean-Jock uma ponte com os jovens, e continuava a chamá-lo afetuosamente de "meu comissário político". Eu era mais cética: era um ano mais velha que ele e desconfiava das pessoas da minha idade, da inconsistência loquaz de suas palavras. No entanto, fora bastante seduzida pela alegria de Jean-Jock e por seu ilimitado repertório de cantos revolucionários. Sua presença a nosso lado ajudava a apaziguar o mal-estar puramente físico que eu sentia no meio da multidão. Da mesma forma, encontrar de repente rostos conhecidos, do pessoal de cinema e teatro, atores, diretores ou técnicos, me ajudava a compreender que o movimento estudantil adquiria maior alcance e chegava a outras camadas da sociedade. Eu me dirigia a eles com alegria, enquanto Jean-Luc mantinha certa distância, como costumava fazer.

Tínhamos voltado para a rue Saint-Jacques exaustos pelas horas de caminhada e, visto que Jean-Jock se queixara de mal ter dormido na véspera, Jean-Luc o convidara a passar a noite em nosso apartamento. Aquilo me deixara um pouco contrariada, mas eu me conformara. Na manhã seguinte, eu levantara cedo para ir às filmagens de Osgângsteres de Bonnot, deixando Jean-Jock profundamente adormecido no divã. Ele tirara apenas os sapatos e o casaco, que ficaram amontoados no meio da sala. O dia fora difícil, pois a tensão entre os diferentes membros da equipe crescia, uns se sentiam fascinados pelos acontecimentos dos últimos dias e outros os desprezavam. Fiquei sabendo que o mesmo acontecia na maioria dos filmes que estavam sendo rodados e que em nossas filmagens, como em outras, começava-se a falar em greve. Eu nunca tinha pensado nisso, mas a ideia me agradava e logo concordei com os argumentos de Armand, que falava de uma "solidariedade com os estudantes". Isso nos granjeou a ira do primeiro-assistente e de Bruno Cremer, a velha guarda da 317e Section, como Armand os apelidara. Philippe Fourastié, por sua vez, queria acabar o filme e esse objetivo centuplicava sua energia. Preferia calar suas opiniões, tentava acalmar os ânimos simulando um bom humor e uma despreocupação que estava longe de sentir. Sem me deixar impressionar pelos sarcasmos de Bruno Cremer e do primeiro-assistente, narrei em detalhes as violências policiais de 6 de maio e a grande manifestação da véspera. Jacques Brel não se interessou por nada, embora parecesse me ouvir com atenção. Annie Girardot, que tinha problemas cardíacos que eu desconhecia, dava de ombros e se contentava em

responder com um forte sotaque parisiense: "The show must go on". Jean-Pierre Kalfon foi o único a falar com entusiasmo do que julgava saber do movimento estudantil, misturando tudo, revolução, sexo, drogas e música. Entre as tomadas, tocava

47

violão fumando um baseado, como eu o vira fazer em Les Gaub ises bleues. Seu entusiasmo exagerado com minhas palavras provocou em Bruno Cremer um ataque de riso, mas acabou irritando o primeiro-assistente, que me mandou ficar quieta. Eu só voltaria às filmagens depois de várias semanas e ele recebeu o anúncio de minha partida com um "Ainda bem!" seguido de um "Vá brincar de revolução em outro lugar, tolinha!". Encontrei Jean-Luc para jantar em seu restaurante preferido, Les Balkans, na esquina da rue Saint-Jacques com o boulevard Saint-Germain. A comida não era boa, não era cara e os clientes eram essencialmente estudantes. Eu não gostava daquele lugar, mas depois de vários dias de Balzar e da experiência calamitosa do La Méditerranée, nem pensei em protestar. Ele logo anunciou com entusiasmo que os liceus da França, um após o outro, entravam oficialmente em greve. Conte-ihe o que tinha visto e ouvido durante o dia, os boatos que corriam a respeito de possíveis greves nos diferentes sets de filmagens em curso. Ele não acreditava. - Como interessar o pessoal de cinema? Eles só pensam em seus filmes e ponto-final. Lembrei-ihe da grande mobilização em torno da demissão de Henri Langlois e do fechamento da Cinemateca. Ele adotou seu tom professoral para decretar que aquilo não tinha nada a

ver com o assunto e logo voltou ao que lhe interessava. Seu amigo Charles previa que os operários também se uniriam ao movimento. Seu amigo Charles? Que amigo Charles? Jean-Luc me lembrou de que o conheceu no início do ano. Meu espanto o deixou exasperado. Ele voltou ao tom professoral, que também me deixou exasperada: - Falei a respeito, na época. Ele é, de longe, o estudante mais inteligente que conheço. Fui apresentado a ele ao frequentar os membros da UJCML. Charles não é exatamente um militante maoísta, mas um próximo, um simpatizante muito ativo.

- Da UJC... o quê? - Da UJCML, Union des Jeunes Communistes Marxist-Léninistes. Que porre esse seu esquecimento sistemático de qualquer coisa ligada à política. Lembre-se de que foi você que me conseguiu o camarada X para A chinesa. Ornar Diop, amigo de seu amigo Antoine Gallimard*, é membro da UJCML. Falando nisso, por onde anda Antoine? - Não sei. O nome de Antoine me envolveu numa espécie de tristeza. A vida que levávamos desde o casamento e que tantas vezes me afastara de Paris também me afastara de meus amigos de infância e adolescência. Compreendi subitamente que era muito fácil se afastar daqueles que nos eram caros e que, com a mesma facilidade, outros laços se formavam, como com Rosier e Bambam. E Nathalie? Por onde andaria Nathalie? Jean-Luc e eu a encontramos em Nova York, durante uma viagem curta, ela dissera que faria o bac no liceu francês e, depois disso, não soube mais nada. Minhas lembranças enterneceram Jean-Luc. - Vinte anos não é a idade em que os caminhos se separam? Em que cada um vai para um lado? - Foi o que aconteceu com você nessa idade? - Não. Ao contrário de você, nunca tive amigos. Essa

confidência, que eu não esperava, acentuou minha tristeza. Jean-Luc acariciou meu rosto. - Não faça essa cara de cachorrinho abandonado. Agora, tenho você e tenho, além disso, camaradas de luta. Esta última frase me perturbou: então estávamos no mesmo plano, eu e seus misteriosos "camaradas de luta", que eu nem conhecia? Eu não era muito mais importante que eles? Quase

*8. O senegalês Ornar Diop (1946-73) teve participação ativa no Maio de 68 e foi expulso do país no mesmo momento que Daniel Cohn-Bendit. Antoine Gallimard é diretor de uma das mais prestigiosas editoras francesas. [N. E.]

49

perguntei-lhe isso, mas por razões obscuras me calei. Seria por medo de parecer sentimental? Por volta da meia-noite, o toque do telefone nos acordou ainda no primeiro sono. Era Jean-Jock de novo, ele chegaria em cinco minutos. Jean-Luc enfiou um roupão e desceu para abrir a porta. Fiquei furiosa, com vontade de descer também e colocá-lo na rua na mesma hora. Nosso apartamento não era um hotel, mas quando compartilhei com Jean-Luc minha indignação, ele me deu as costas e voltou a dormir. Furiosa, engoli um comprimido de Imménoctal. Era a voz de Jean-Jock que eu agora ouvia enquanto acabava minha primeira xícara de café preto. Sua voz estrondosa cantava a plenos pulmões:

Comme faucheurs rasant un pré Comme on abat des
pommels, Les Versaillais ont massacré Pour le moins cent
mille hommes. Et les cent mille assassinateurs Voyez c'que
ça rapporte. Tout ça n'empêche pas, Nicolas, Qu'la
Commune n'est pas morte!*

- Chega!

Ao ouvir meu berro, Jean-jock se calou. Na mesma hora,
porém, sua cabeça surgiu na escada que levava a nosso
quarto. Ele fez uma cara de decepção. - O que foi? Não
gostou de meu revolucionário toque de alvorada?

*9. Como ceifadores devastando um campo/Como se
colhessem maçãs,/Os versalheses massacraram/No
mínimo cem mil homens./E os cem mil
assassinatos/Vejam no que deu./Nada disso impede,
Nicolas,/Que a Comuna não esteja morta!

50

E, sem me dar tempo de responder:

Ils ont fait acte de bandits Comptant sur le silence,
Ach'vé les blessés dans leurs lits Dans leurs lits
d'ambulance. Et le sang inondant les drops, Ruisselait
sous la porte

Mais do que nunca, parecia um personagem de Walt Disney, e isso me desarmou. Em quem me fazia pensar? No cachorro Pluto? Jean-Jock deve ter sentido minha mudança de humor. - Repita o refrão comigo.

Tout ca n'empêche pas, Nicolas, Qu'la Commune n'estpas morte!

Mas foi Jean-Luc quem o chamou à ordem: na véspera, Jean-Jock prometera levá-lo a vários estabelecimentos escolares em que os alunos estivessem reunidos em assembleia geral. Saíram sem me perguntar se eu gostaria de acompanhá-los. Eu tinha a manhã toda só para mim, podia ficar preguiçando na cama o tempo que quisesse, ouvindo Beatles, Charles Trenet, Joan Baez e Bob Dylan!

*10. Eles provaram ser bandidos/Contando com o silêncio,/Acabaram com os feridos em seus leitos./Em seus leitos de ambulância./E o sangue, inundando os lençóis,/Escorria por baixo da porta.

51

O filósofo Gilles Deleuze era há muito tempo o melhor amigo de Bambam. Ele morava e dava aulas em Lyon, mas ia com frequência a Paris. Naquela sexta-feira, 10 de maio, pegaria o trem de volta para casa às onze da noite, depois de um jantar para o qual Jean-Luc e eu tínhamos sido convidados. Nós o víamos algumas

vezes, sempre na casa de Rosier e Bambam. Jean-Luc e ele tinham uma relação estranha. Pareciam se observar como dois gatos desconfiados, embora soubéssemos que se admiravam e que um falava bem do outro. Reunidos, porém, o diálogo entre eles era truncado. Para mim, Jean-Luc justificava a reserva em relação a Gilles Deleuze criticando seu lado abertamente "dândi". Este último tinha a singularidade de usar as unhas compridas demais, e nunca deixava de lembrar, a quem se surpreendesse com isso, que fazia como Púchkin e que se podia ver nisso uma espécie de homenagem. Jean-Luc não compreendia a relação entre o poeta russo que adorávamos tanto e o que ele comparava a "garras repugnantes". Naquela noite, contudo, estavam aplaudindo juntos a abertura, em Paris, das negociações de paz entre americanos e vietnamitas, bem como os acontecimentos do dia e os que pareciam se anunciar para a noite. Um pouco mais cedo, meu irmão Pierre ligara para a rue Saint-Jacques. Estava muito empolgado com a primeira manifestação de secundaristas, da qual havia participado ao lado de centenas de estudantes. Segundo as instruções recebidas,

52

todos os secundaristas grevistas deviam partir de seus respectivos liceus e convergir para a place Denfert-Rochereau, ponto de reunião da manifestação. Jean-Luc pegara a extensão do telefone para acompanhar o relato de Pierre. "Pergunte a ele se foram guiados por unidades estudantis, por políticos." "Não, não, não. Estávamos sozinhos, autônomos. Alguns tinham dez, doze anos", ele respondera. Depois, cheio de esperança: "De

repente, faremos com que suprimam o bac!". Pierre faria o seu dentro de um mês e meio. Ouvíramos um longo bocejo: "Essas horas de caminhada por Paris me deixaram exausto. Vou ver Metropolis na televisão, e se acontecer alguma coisa à noite, saio de novo". Pierre citara o filme de Fritz Lang porque sabia a que ponto Jean-Luc o admirava e porque queria mostrar sua boa-fé de aprendiz de cinéfilo. Se soubesse a que ponto Jean-Luc não estava mais nem aí...

Por volta das oito horas, recém-chegados à rue de Tournon, ligamos o rádio com Rosier, Bambam e Deleuze para ouvir a Europe Numéro 1. Dany fazia um apelo: "Já que a polícia ocupa a Sorbonne, vamos ocupar o Quartier Latin!". Aquilo significava que milhares de pessoas afluiriam de todos os lados. Como reagiriam as forças de segurança? O que aconteceria? O jantar preparado por Rosier foi engolido às pressas. Deleuze temia não conseguir chegar à Gare de Lyon e perder o trem. Os três saíram mais cedo que o previsto. Jean-Luc e eu ficamos sozinhos no apartamento, nos perguntando o que devíamos fazer, quem procurar. Jean-Luc tentou em vão ligar para Jean-Jock, o dito Charles e outros cuja existência eu ignorava. De minha parte, liguei para meu irmão. Foi nossa mãe quem atendeu. Os dois tinham ouvido o apelo de Dany e Pierre saíra na mesma hora para vir ao Quartier Latin. Na verdade, nossa mãe mentia. Pierre tinha pegado no sono antes do início de Metrópolis e ela não queria acordá-lo pensando que assim o protegeria do que podia se revelar uma nova noite de tumultos.

Uma nova noite de tumultos? Não parecia. Quando deixamos o apartamento da rue de Tournon, ainda estava claro, uma atmosfera festiva reinava em Paris. Respondendo ao apelo de Dany, uma multidão invadia o Quartier Latin. Estudantes e secundaristas, claro, mas também simpatizantes de todo tipo e muitos curiosos. Alguns vinham em família. Todos perambulavam pelo boulevard Saint-Germain e pelo boulevard Saint-Michel, tornando impossível a circulação de carros. O tempo estava agradável, os terraços dos cafés estavam lotados, vendedores ambulantes de sorvete começaram a aparecer. Jean-Luc e eu seguíamos o fluxo dessa massa serena e alegre, invadidos por todo aquele júbilo juvenil. Quase podíamos esquecer dos conflitos em curso e das forças policiais, aliás totalmente ausentes. Às vezes, encontrávamos amigos que trabalhavam no cinema e parávamos um pouco para trocar impressões, conversar. Jean-Luc tinha se tornado mais gentil, mais disponível: aquela multidão tão heterogênea o divertia. Apresentei-lhe duas colegas do Sainte-Marie, que eu não via desde o último ano escolar. Segundo um antigo costume, Jean-Luc interrogou-as sobre os projetos que tinham para o futuro e sobre seus pais. Uma ia casar e se via mãe de vários filhos, a outra não sabia, hesitava entre vagos estudos de letras ou uma escola de jornalismo. Os pais das duas, por sua vez, eram decididamente de direita. Quando ele perguntou: "Mas então o que estão fazendo no meio de estudantes e secundaristas de esquerda?", elas responderam: "Nada, viemos ver, só isso". Por volta das onze horas, o clima começou a mudar. Os grupos de curiosos foram sumindo assim como tinham surgido, espontaneamente, sem nenhuma combinação. As grades de proteção dos cafés foram fechadas, os vendedores de

sorvete desapareceram. Pouco a pouco reencontramos o ambiente

54

tenso dos últimos dias, confirmado pela presença numerosa de jornalistas a pé ou de moto. Algo ameaçador se preparava, era evidente, inevitável. Tomada de medo, eu quis voltar para o apartamento da rue Saint-Jacques, mas Jean-Luc se recusou terminantemente a ir embora. Por volta da meia-noite, grupos de jovens começaram a tirar o pavimento das ruas Soufflot e Gay-Lussac e a erguer barricadas aqui e ali numa velocidade vertiginosa. Os jovens eram muito numerosos e pareciam determinados a se organizar para a luta. Muitos tinham o rosto oculto por lenços. Na place Edmond-Rostand, outros jovens também tiravam o pavimento das ruas. Eles logo formaram uma corrente para erguer as barricadas. Os paralelepípedos passavam de mão em mão num ritmo constante, em meio a um silêncio impressionante. Somente algumas breves ordens eram lançadas, às quais todos obedeciam. Nenhuma contestação, apenas uma disciplina quase militar. Simpatizantes como nós hesitavam em juntar-se a eles. Alguém chamou Jean-Luc. Era Jean-Pierre Léaud, que parecia um pouco desorientado e estava na companhia de Chris Marker e da pequena equipe técnica de cine-panfletos que registravam o dia a dia dos acontecimentos desde o início de maio. Jean-Luc, que admirava aquele trabalho, pensava em associar-se a eles, coisa que faria, aliás, um pouco depois. Naquele momento, Chris Marker e ele trocaram um fraterno aperto de mãos. Eles se perguntavam o que deveriam

filmar com urgência quando alguns estudantes nos pediram para participar da corrente ou voltar rapidamente para casa: as forças policiais não tardariam a chegar, a situação se tornava mais perigosa a cada minuto. As forças policiais? Estavam logo ali, reunidas atrás das grades do Jardin du Luxembourg. Não se moviam, caladas, observando. Havia quanto

55

tempo? Não as ouvimos se agrupar. Somente os capacetes e escudos brilhando à noite indicavam sua presença. Era aterrorizador, eu quis fugir correndo enquanto ainda era tempo. Mas Jean-Luc já participava da corrente e fui a seu encontro, seguida por Jean-Pierre. Os paralelepípedos continuavam a passar de mão em mão. Jean-Luc e eu fazíamos o melhor que podíamos para seguir aquele ritmo infernal. Mas o belo mecanismo logo parou de funcionar: Jean-Pierre, entre cada paralelepípedo, secava as mãos com um lenço que ele segurava com os dentes. Foi expulso e chamado de sabotador. Às vezes, alguns abandonavam a corrente para descansar por um minuto, logo substituídos por um dos inúmeros simpatizantes ou curiosos que ainda estavam na place Edmond-Rostand. Avistei Valérie Lagrange e saí da corrente. Valérie Lagrange era uma mulher belíssima, atriz, cantora, que eu havia conhecido durante as filmagens de Week-end Não tivemos tempo de nos conhecer realmente, mas eu tinha gostado muito dela. Ela estava tão assustada quanto eu com o que se preparava. Um fotógrafo do grupo de Chris Marker captou uma imagem nossa. Apareço de perfil, com o magnífico casaco cinza desenhado por Rosier que eu

usava todos os dias naquela época. Valérie, de frente, veste uma blusa romena bordada à moda hippie. Cada uma fumando seu cigarro. A nosso redor, vultos borrados se agitam na noite. Em nossos rostos, a mesma tensão, a mesma espera do inevitável. Ainda tenho essa foto. Foi tirada alguns segundos antes da investida das forças policiais. O ataque foi massivo. As portas do Jardin du Luxembourg se abriram de repente, liberando centenas de policiais, cassetetes para cima. Os que estavam mais próximos das grades foram os primeiros a cair sob os golpes. Os estudantes deixaram

*11. Filme de Godard lançado em 1967. [N. E.]

56

a corrente na mesma hora para unir-se aos colegas atrás da primeira barricada da rue Soufflot. Jean-Luc me puxava pela mão e me guiava ao acaso, na direção do boulevard Saint-Michel. Éramos cerca de trinta pessoas fugindo, desesperadas, aterrorizadas. Jean-Pierre Léaud, atrás de nós, não parava de gritar por socorro, pedindo aos moradores do bairro que o abrigassem. Na rue Racine, bateu em vão na porta fechada de um hotel, gritando: "Quero um quarto por uma noite... Por uma semana... Por um mês!": Na rue de Tournon, um grande número de policiais batia em corpos já no chão e os arrastava à força para os furgões. Em vários apartamentos, luzes se acendiam e as pessoas, das janelas, insultavam os policiais. Seus gritos e berros se perdiam numa monstruosa balbúrdia. Ouvíamos as sirenes das ambulâncias que tentavam passar, explosões

e o barulho dos paralelepípedos batendo nos escudos. Jean-Luc e eu corríamos cada vez mais sem direção, sem nos preocuparmos com Jean-Pierre e Valérie, que tínhamos perdido de vista perto do Théâtre de l'Odéon. Salvar a nossa pele era a única coisa que importava. Descendo a toda velocidade os degraus da escada da rue Antoine-Dubois, Jean-Luc escorregou e quebrou os óculos. Ele ficou alguns segundos no chão, atordoado pela queda enquanto eu suplicava, quase chorando, que se levantasse e fugisse. Ele acabou voltando a si e me seguiu agarrado a meu braço esquerdo. De novo, não via mais nada, machucara uma perna e mancava. Eu chorava de medo, de raiva, de impotência. Os confrontos pareciam continuar mais para cima, perto do Panthéon. Pegamos a rue Saint-André-des-Arts. Ao atravessar o boulevard Saint-Michel, vi um grande número de policiais recuando na altura da rue des Écoles sob os múltiplos assaltos dos manifestantes agora armados de coquetéis Molotov. A violência policial havia despertado a dos estudantes, galvanizando-a. Uma leve brisa trazia até nós a fumaça das

57

bombas de gás lacrimogêneo que choviam das fileiras dispersas das forças de segurança. Com os olhos e o nariz ardendo, pegamos a pequena rue de la Huchette. Enfim chegamos à entrada do nosso prédio, bem a tempo de escapar das inúmeras forças policiais que chegavam em reforço das margens do Sena. Somente depois que recuperamos o fôlego, esparramados nos primeiros degraus da escada de nosso apartamento, ao abrigo, as três trancas fechadas, comecei a repetir como

uma demente que nunca mais viveria momentos como aqueles de novo, que nunca mais queria ouvir falar em barricadas. Jean-Luc me apertava em seus braços e jurava que aquilo nunca mais aconteceria, que nunca mais nos exporia a tais perigos, quando o telefone tocou. Ele se levantou, cambaleando, para atender. Ouvi-o dizer "sim"; "não", "vou passar para ela". E me chamar: - Sua mãe! Desde a meia-noite ela telefonava sem parar para nossa casa e se dizia louca de preocupação. Graças à Europe Numéro 1, ela seguia ao vivo a violência dos confrontos no Quartier Latin e me imaginava ferida, ensanguentada ou coisa pior. Foi ela quem me comunicou a hora do ataque massivo da polícia: duas e quinze da manhã. Perguntei se Pierre tinha voltado e ela confessou sua mentira. "Ele continua dormindo na frente da televisão desligada:" Fiquei aliviada. Depois ela se deixou levar a um excesso de ternura por mim, que me surpreendeu e me comoveu, chamando-me de sua "filhinha querida", sua "criança". Aquilo não acontecia fazia tanto tempo... Jean-Luc, que procurava e não encontrava o segundo par de óculos, começava a dar sinais de impaciência. Na hora de desligar, porém, minha mãe, após certa hesitação, soltou de repente: "Eu gostaria de ter estado lá com vocês, para lutar ao lado dos estudantes". A jovem heroica que ela tinha sido durante a guerra e, depois, em Berlim, voltava subitamente à superfície.

58

Abrimos as janelas da sala. Lá embaixo, na rue Saint-Jacques, no boulevard Saint-Germain, ambulâncias estacionavam, bloqueadas pelos policiais e pelos

repetidos ataques de pequenos grupos de estudantes espalhados por toda parte, naquele momento muito combativos. As luzes do que parecia ser um incêndio iluminavam o céu para os lados do Panthéon e da rue Soufflot.

Toques insistentes na campainha de nossa porta acabaram nos acordando. O dia estava claro, o relógio marcava sete e meia da manhã. "Jean-Jock!", disse Jean-Luc na mesma hora. Ele se levantou, eu quis impedi-lo: "Ah, não, ele não! De novo, não!". "Deve estar precisando de nós." "Não somos seus pais!" Jean-Luc me deixou e foi abrir a porta. Houve um longo silêncio, depois ele gritou para mim: "É Cournot!". Enfiei uma bermuda e o grande e velho blusão vermelho de caxemira que Michel trajara ao longo das filmagens de seu filme, e aceitara me dar no fim, de tanto que eu insistira. Aquele se tornara meu blusão fetiche, que eu usava em toda parte e em qualquer estação. Jean-Luc havia ajudado Cournot a subir as escadas que levavam à sala e o instalado na poltrona. Agia com delicadeza, pois nosso amigo estava desnordeado, incapaz de dizer uma palavra. Ele nos encarava como se não nos visse. Depois, pareceu fazer um grande esforço sobre si mesmo e começou a falar numa voz apagada, quase inaudível. Como quase todos os dias da semana, ele saía de sua casa em Sceaux um pouco antes das sete horas para ir a Paris. Contudo, ao deixar a estação Luxembourg, na place Edmond-Rostand, não reconheceu nada da paisagem que costumava contemplar. Tudo estava devastado. Carcaças de carros incendiados atravancavam a praça e as ruas adjacentes, em meio a postes tombados, móveis queimados e múltiplos objetos não identificáveis. Julgando-se

vítima de uma alucinação, havia maquinalmente tomado o boulevard Saint-Michel, mas ali também tudo parecia devastado. Vários cafés e lojas tinham as vitrines quebradas, árvores que não eram mais que um tronco enegrecido sucediam-se a mais carcaças de carros. As raras pessoas com que ele havia cruzado pareciam tão desnorteadas quanto ele. "E o boulevard Saint-Germain apresentava quase o mesmo espetáculo!" Ele nos encarou com olhos suplicantes. "Estou com a sensação de ter enlouquecido ou de ter tomado ácido sem saber, ou de que estamos em guerra. Mas uma guerra de quem contra quem? Por quê? Vocês não moram longe, então vim para cá. Digam-me se enlouqueci, ou se estou tendo alucinações." Cournot e sua mulher Nella viviam sem rádio e sem televisão. Como o grande sonhador que era, mal se mantinha a par do que acontecia na França e no mundo. Vivia de cinema, de leituras e de caminhadas por Paris, atento aos pequenos detalhes da vida. A família, os raros amigos e o trabalho de crítico no *Le Nouvel Observateur* lhe bastavam. No início de seu relato, senti vontade de rir. Mas como tínhamos convivido por dois meses durante as gravações de seu filme, logo compreendi que sofria de verdade e que realmente acreditava ter enlouquecido. Então fiquei quieta, sensível à aflição daquele homem que eu amava tanto. Jean-Luc, ao contrário, divertia-se. Tentava, com paciência e gentileza, contar-lhe o que tínhamos vivido durante a noite. Cournot se recusava a acreditar, pensava que Jean-Luc zombava dele. "Está me enrolando!", ele repetia em tom de censura. Foi então que Jean-Luc teve a ideia de ligar o rádio. O jornalista da *Europe Numéro 1* abriu o

noticiário das oito horas com as seguintes palavras: "Neste sábado, 11 de maio, a França inteira acorda em estado de choque e se solidariza com os estudantes. A vitória deles é total". E enumerou em Paris no mínimo sessenta veículos incendiados e anunciou o número

60

ainda aproximado de 367 feridos, muitos gravemente. Pela primeira vez, ouvimos a expressão "guerrilha urbana". - E agora? - perguntou Jean-Luc, em tom triunfante. Cournot não disse nada e balançou a cabeça várias vezes, sem pronunciar uma única palavra. O telefone tocou e Jean-Luc foi atender a ligação. Seu escritório ficava alguns degraus abaixo da sala, podíamos ouvi-lo falar em inglês. Ao som de sua voz, que subia para os agudos, percebemos que se tornava cada vez mais furioso. Acabou voltando, visivelmente contrariado. A chamada vinha de Londres. A produtora do filme sobre os Beatles contra-atacava. Considerando que havia perdido bastante dinheiro conosco na primavera, ela vendera o contrato assinado por Jean-Luc a outra pessoa que conseguira convencer os Rolling Stones. Jean-Luc, portanto, se via na obrigação de filmá-los durante a gravação do próximo disco da banda, em junho. Esta sequência constituiria apenas uma parte do filme, caberia a Jean-Luc escrever a continuação. Ele estava aflito. - Tinha me esquecido completamente dessa história, do maldito contrato assinado. Fiquei radiante e Cournot, entusiasmado. - Você vai fazer cinema! - repetiu várias vezes. - Não quero mais fazer esse tipo de cinema, o cinema de que você fala está morto! Cournot se levantou, completamente recuperado de seus

temores, e, como costumava fazer, abraçou Jean-Luc. - Não sei o que pensar de um sujeito que diz uma asneira dessas! E se despediu. Nem ele nem eu tínhamos levado Jean-Luc

a sério.

61

A noite de 10 para 11 de maio precipitou os acontecimentos. De volta do Afeganistão, o primeiro-ministro Georges Pompidou logo mandou soltar os manifestantes presos, em sinal de trégua. No dia 13, a Sorbonne foi reaberta e muitos parisienses curiosos foram visitá-la, como minha mãe e minha irmã, que acharam a velha universidade tanto "exótica" quanto "excitante". Aquilo não serviu de nada. No mesmo dia, a greve se generalizou e selou a união entre sindicatos e estudantes. Uma imensa manifestação conjunta ocorreu: duzentas mil pessoas marcharam entre a Gare de l'Est e a Denfert-Rochereau, com Dany à frente. Bambam e eu acompanhávamos Jean-Luc, que filmava a chegada da passeata com uma câmera Beaulieu 16 mm, de pé em cima de um banco. Às vezes, ele se insinuava pelo meio da multidão e eu o guiava segurando-o pelos ombros. Desconhecidos o reconheciam e interpelavam: "Então Godard é um dos nossos?". Alguns falavam coisas mais agressivas e o chamavam de voyeur e de impostor. Ele não notava nada e continuava filmando. Eu estava um pouco assustada, mas a presença protetora de Bambam me tranquilizava. Pela primeira vez, a multidão não me oprimia. Era uma massa alegre e pacífica. Muita gente

que trabalhava com cinema e teatro estava presente, repetindo as palavras de ordem lançadas pelos estudantes e pelos operários. A presença, em grande número, de operários clamando por solidariedade era, para mim, impressionante. Eu finalmente tinha a sensação

62

de, graças a eles, compreender o alcance de certas palavras que na boca de meus ex-colegas de Nanterre pareciam cômicas. Na place Denfert-Rochereau, garotos e garotas subiam na estátua do Leão de Belfort e agitavam bandeiras vermelhas cantando Abaixo o Estado policial, de Dominique Grange. "Como essa juventude é bonita!", disse Jean-Luc, eufórico diante daquilo tudo. Daquela vez, dei-lhe razão e me alegrei de participar, de ter vinte anos. No dia seguinte, fiz 21 anos. Esquecido de meu aniversário, Jean-Luc saiu para uma reunião dos estudantes da Beaux-Arts, quando alguém bateu à porta. Não era nem Jean-Jock nem Cournot, mas o encantador assistente de Rosier, que me entregou uma bolsa de tecido. Dentro, havia 21 presentes de Rosier para mim. O conjunto era excêntrico e se parecia com ela. Encontrei roupas de sua marca, livros, utensílios de cozinha, alguns bichinhos de pelúcia. Um bilhete requintado e engraçado me lembrava que jantaríamos em sua casa naquela mesma noite. Apesar da desaprovação de Jean-Luc, tínhamos decidido, junto com Bambam, ir para Cannes apoiar o filme de Cournot. Nossas três passagens de avião estavam reservadas para o fim do dia seguinte. Tínhamos previsto ficar na casa de Hélène e Pierre Lazareff, a mãe e o padrasto de Rosier,

em Lavandou. O Festival de Cannes havia começado no dia 10 de maio e a ideia de interrompê-lo começava a se disseminar. Assim como Jean-Luc, muitos pensavam que era indecente levá-lo adiante enquanto a França inteira entrava em greve. Embora concordasse com ele em grande parte, meu afeto por Cournot, cujo filme ainda não fora lançado, era mais forte que todos os seus argumentos. "Está pensando pequeno! Está transformando tudo numa coisa sentimental!", me criticava Jean-Luc. No dia seguinte, enquanto eu fazia as malas, ficamos sabendo que os estudantes ocupavam o Théâtre de l'Odéon e

63

que os alunos da École Nationale de Photographie et de Cinéma entravam em greve. Estes ocupavam a sede da escola, na rue de Vaugirard. Parecia certo, agora, que as filmagens em curso seriam interrompidas. Deixar Paris no momento em que eu começava justamente a me envolver me fez hesitar por um instante, e quando Armand me ligou para dizer "Venha para cá, a coisa está esquentando!", quase adiei minha partida. Mas conseguiria outra passagem em 24 horas, se os transportes também comesçassem a entrar em greve? Em dúvida, e apesar da oposição cada vez mais forte de Jean-Luc, parti com Rosier e Bambam.

Voltar ao sul no mês de maio foi um deslumbre. A casa de Pierre e Hélène Lazareff ficava na ponta de uma península com três lados voltados para o mar, um imenso jardim e uma praia quase particular. Era luxuosa

e tinha inúmeros quartos. Rosier me cedeu o de sua mãe, imenso e digno de uma czarina, como ela era chamada. Sentia-me de férias, estava feliz por estar ali. Jean-Luc ligou bem na hora em que estávamos indo para a cama. Estava exausto, de mau humor, interpretou mal minha descrição maravilhada da casa Lazareff. Para ele, eu o havia trocado por Cournot e as queixas que se sucederam às suas críticas estragaram um pouco minha alegria. Ele acabou se acalmando, não sem acrescentar: "O Festival de Cannes vai ser interrompido, você viajou em vão". Sozinha na grande cama daquele quarto imenso, senti falta de Jean-Luc. As três janelas estavam abertas para o céu estrelado, eu sentia os perfumes da noite, queria seu corpo contra o meu. Era uma falta física, um desejo de amor bem específico, eu não conseguia pegar no sono. De repente, um gato pulou do peitoril de uma das janelas e pousou com maciez no chão do quarto. Não tive tempo de me assustar com sua presença, pois logo o senti a meu lado na

64

cama, ronronando, esfregando o focinho em meu ombro. Era franzino, quentinho, branco com manchas vermelhas, cheirava a uma sutil mistura de ervas da região e flor de mimososa. Adormeci acariciando o gatinho, quase consolada da ausência de Jean-Luc. Durante o delicioso café da manhã servido no terraço pela caseira, fiquei sabendo que o gato era na verdade uma gata. Ela havia me deixado durante a noite e, enquanto eu bebia meu café, voltara para mim. Ronronando em cima de meus joelhos, confirmava, ao lado do céu, do mar e dos aromas frescos do jardim, que eu estava no paraíso.

Ainda era cedo, Rosier e Barnbarn não tinham descido do quarto. Vesti um maiô e segui a trilha até uma pequena praia. Nadar por um bom tempo, nua porque não havia ninguém, me proporcionou um prazer indescritível. Fazia quase um ano que não tomava um banho de mar, que não tirava férias. Deixando-me levar de costas pela correnteza, os olhos fechados por causa do sol, eu pensava: "Jean-Luc que vá para o inferno! Paris que vá para o inferno! O Festival de Cannes que vá para o inferno!". Voltando para a casa, encontrei Bambam e Rosier lendo à sombra, no terraço. Eles me informaram que Jean-Luc havia telefonado e que parecera contrariado de me saber na praia. "Ele ligará à noite", disse Rosier. Bambam, por sua vez, contou o que eles tinham acabado de ouvir no rádio. Todas as filmagens em andamento tinham sido interrompidas, as fábricas Renault de Flins e Boulogne-Billancourt estavam em greve, não havia mais aviões, nem trens, nem transporte público nas cidades, por isso pilhas de lixo começavam a se acumular nas calçadas. À noite, pelo telefone, Jean-Luc parecia cada vez mais nervoso. "Que feio isso que você fez! Estamos separados, você presa no Sul e eu em Paris." Deixei a tempestade passar. Ele continuou: "Truffaut me ligou de Cannes: o festival precisa ser interrompido e ele considera minha presença indispensável.

65

Estamos tentando encontrar gasolina para fazer a viagem de carro, mas não estamos conseguindo!" Disse-lhe a que ponto sentia sua falta, ele se acalmou: "Eu também. Mas você não perde por esperar. De um modo

ou de outro, chego em Cannes e vou correndo buscar você". Foi só no dia seguinte, ao fim do dia, que ele telefonou de novo. Seus amigos tinham conseguido gasolina suficiente, eles dirigiriam à noite e chegariam a Cannes pela manhã. "Tente ir a meu encontro", ele disse. "Mas como? Enfrentamos os mesmos problemas aqui!" "Então darei um jeito de chegar aí. Mas você não parece estar fazendo nenhum esforço, nenhum!" A caseira anunciou que o jantar seria servido no terraço. Rosier estava preocupada com Cournot. Eles tinham conversado durante o dia, mas ela continuava com uma sensação ruim. Presente havia dois dias no festival, ele parecia resignado a que ninguém, jamais, visse seu filme. Se estava triste, não o dissera, apesar das perguntas que lhe eram feitas. "Você insiste demais", censurava-a Bambam. "Se ele e Jean-Luc vierem para cá, deixe-os em paz." Dormi tranquilamente. A gata veio me visitar, quentinha e perfumada, e saiu para caçar no meio da noite. A caseira me contou que, apesar de seu ar angelical, era uma terrível caçadora e que eu não deveria me espantar se me trouxesse um pássaro ou um roedor. Na manhã seguinte, voltei a nadar com a mesma felicidade do primeiro dia. De tempos em tempos, ocorria-me que deveria estar em Cannes ao lado de Jean-Luc, mas logo pensava em outra coisa e saboreava ainda mais o mar, a areia, o privilégio incrível de ter aquela pequena praia só para mim. Mais tarde, claro, quando vi as imagens do que aconteceu em Cannes, a loucura em meio à qual Jean-Luc, Truffaut, Louis Malle e mesmo Jean-Pierre Léaud haviam encerrado o festival, lamentei não ter

estado com eles, agarrada à cortina vermelha. Lamentei ainda mais porque sabia que Jean-Luc tinha razão: eu não tinha feito nenhum esforço, realmente nenhum. Lamento isso até hoje.

Jean-Luc e Cournot conseguiram um carro e gasolina suficiente para vir até nós. Chegaram no início da noite. O primeiro estava lívido, não fizera a barba, usava roupas amassadas e sujas. Parecia à beira do esgotamento físico e moral. O segundo, sempre elegante, exibia um meio-sorriso forçado. Foi ele que, com seu relato, completou as poucas imagens que tínhamos acabado de ver pela televisão e as reportagens no rádio que tínhamos ouvido ao vivo durante a tarde. Jean-Luc mantinha-se em silêncio, quase sem voz. À mesa, sem se alimentar desde a véspera, comeu bastante no jantar servido no terraço pela caseira, bebeu até um pouco de rosé e recuperou as forças. "Você está com uma cara boa", foram suas primeiras palavras. E imediatamente depois: "Vamos descansar e voltar para Paris!". Rosier e Bambam tiveram então o maior trabalho do mundo para fazê-lo compreender que não havia gasolina e nenhum meio de transporte. Bambam o tranquilizou: - Daremos um jeito. Rosier conhece muita gente na região. O carro não é problema, precisamos coletar gasolina suficiente para nos levar a Paris se os transportes públicos continuarem em greve. - Quanto tempo vai levar? - Não faço a mínima ideia. Jean-Luc ficou arrasado. Ele contemplava o terraço, naquele momento iluminado por velas, e o luxo refinado da sala com um nojo quase insultante por Rosier, que ainda se esforçava para conduzir um simulacro de conversa. Quando ficou sabendo que

ocupávamos o melhor quarto, Jean-Luc teve um sobressalto de indignação.

67 - Nunca vou dormir na cama de Pierre Lazareff*! Rosier fez um esforço para conter a irritação e explicou: - É o quarto de Hélène, não de Pierre. Nós é que estamos no quarto de meu padrasto. Aproveito para dizer-lhe que todos aqui gostamos muito dele e que vou me sentir ofendida se continuar falando nesse tom. Quase acrescentei: "Eu também". Eu o havia conhecido nas filmagens de A grande testemunha"*, quando ele fora almoçar com a produtora do filme, Mag Bodard. Eu tinha ficado encantada com sua inteligência, gentileza e curiosidade. Diante da firmeza que Rosier acabara de demonstrar, Jean-Luc se acalmou um pouco. Ela aproveitou. - Agora o senhor vai subir para tomar uma ducha, pois parece estar precisando de uma. Anne descerá com suas roupas, para que sejam lavadas. Ela lhe levará outras, a casa tem de tudo. Amanhã receberá as suas, limpas e passadas e, amanhã também, visitarei meus conhecidos para tentar encontrar gasolina. Está satisfeito agora? Por mais estranho que possa parecer, Jean-Luc obedeceu com a docilidade de um garotinho. Nem olhou para o quarto e para o banheiro de Hélène, tirou a roupa e desapareceu embaixo do chuveiro. Peguei suas roupas e encontrei Rosier na cozinha. Ela me entregou uma calça e uma camisa de algodão, uma cueca. Seu olho treinado de estilista a fizera escolher exatamente o necessário. Ela estava preocupada. - Espero encontrar uma solução rapidamente, pois a vida em comum aqui logo se tornará infernal com Jean-Luc nesse estado... De volta a nosso quarto, encontrei Jean-Luc pelado na cama. Dormia profundamente, e as luzes estavam apagadas. O piso do

*12. Pierre Lazareff (1907-72), jornalista e produtor de televisão. [N. E.]

**13. Filme dirigido por Robert Bresson e lançado em 1966. [N. E.]

68

banheiro estava inundado e toalhas atiradas no chão atestavam sua passagem pela ducha. Tirei a roupa e deitei a seu lado com a impaciência de uma apaixonada. Sono mortal? Hostilidade deliberada por mim? Assim que Jean-Luc sentiu o contato de minha pele contra a sua, virou-se de costas e se afastou, com um grunhido furioso. Contemplei por um instante o delicado desenho de sua nuca e de seu ombro, desamparada. Também comecei a me preocupar. Não me enganei. No dia seguinte, quando acordou e me viu nua na cama, exclamou estupefato: - Mas você está toda bronzeada! Levantei-me e dei um passo de dança para ser admirada. - Bonito, não? - Não! Ele me explicou, furioso, que não estávamos de férias, que éramos como reféns em terra estrangeira e que estava fora de questão voltar para Paris bronzeados. Levado por seu ímpeto verbal, lançou-se numa comparação entre nossa situação e o destino dos palestinos que me deixou perplexa. Ao descer, pegou o telefone e começou uma série de ligações a pessoas cuja identidade eu ignorava. Do terraço, bebendo meu café preto, decidi renunciar à sua aprovação e continuar indo à praia para aproveitar o máximo possível o estranho parêntese que aquele mês nos proporcionava. Mas senti uma espécie de ameaça

pesando sobre mim, sobre nós. Nadar por um bom tempo num mar puro e fresco apaziguou momentaneamente meus temores. Voltei à casa na hora do almoço e encontrei-os à sombra, no terraço. Os quatro pareciam reunidos em conselho de guerra. Quando fiz essa observação, Jean-Luc me lançou um olhar sombrio. - Não é o momento de zombar - ele disse. Cournot sorriu gentilmente para mim. - Você está toda dourada, um caramelo!

69

Outro olhar sombrio, dessa vez lançado a Michel. Rosier e Bambam me fizeram um resumo das providências matinais.

Eles tinham procurado o motorista de táxi oficial de Hélène Lazareff, Emile, que se dissera disposto a nos levar a Paris se conseguisse gasolina suficiente. Segundo ele, era possível, mas não antes de dois ou três dias. Jean-Luc espumava de impaciência.

Como mais nenhum jornal era impresso, restava ouvir o rádio para nos mantermos informados. Jean-Luc passou a ouvir a Europe Numéro 1 o tempo todo. Contavam-se agora entre três e seis milhões de grevistas, a França inteira estava paralisada. Além da escassez de gasolina, alguns produtos alimentícios começavam a faltar. Bambam fora previdente e desde nossa chegada em Lavandou comprara todo o estoque da tabacaria, pois todos fumávamos muito. Quanto ao resto, a casa dos

Lazareff tinha o suficiente para aguentar por um bom tempo. Eu passava grande parte do dia na praia, onde em dado momento Rosier foi a meu encontro. Estava exasperada com o clima tenso que reinava na casa, do qual Jean-Luc era o principal responsável. "O gênio não é desculpa para tudo", ela repetia. Ele não saía da sala, por medo de pegar, mesmo à sombra, um pouco de sol, não aproveitava nada, nem o frescor do jardim, embaixo das árvores, nem o do quarto. "Ele se pune e nos pune:" Rosier era uma grande adepta de Freud, frequente tema de discórdia entre Jean-Luc e ela. Ao jantar, ele nos informou da criação dos Estados Gerais do Cinema Francês, na rue de Vaugirard. "Foi um pedido do sindicato dos técnicos, da CGT Me pergunto no que essa mistura vai dar..." Estava ao mesmo tempo curioso e cético, Cournot sentia o mesmo. Eles começaram a tecer hipóteses em torno

*14. Confédération générale du travail, entidade sindical francesa. [N. E.]

70

das possíveis consequências dessa iniciativa e Jean-Luc pareceu relaxar. Seu mau humor agora era direcionado essencialmente a mim: ele não me olhava, evitava dirigir-me a palavra. Eu estava magoada, sentia necessidade de me justificar, de protestar, de dizer que não era responsável pelo que nos prendia ali. Mas o medo de um novo conflito na frente de nossos amigos me impedia de falar. Eu pensava que, deitados na grande cama de Hélène, o desejo acabaria vencendo e nos

reconciliaria. Ainda era cedo demais para voltarmos ao quarto e todos quiseram ficar na sala para ler. Eu estava lendo um de meus livros preferidos, Pules et fim, Rosier lia um romance inglês ainda não traduzido para o francês, Bambam a correspondência de Flaubert, e Jean-Luc O banquete de Platão. - Ele apresenta uma belíssima definição do amor. - Querem ouvir? Mal esperou nossos consentimentos e começou: - "Quando o acaso o faz reencontrar essa metade de si mesmo, seu complemento, o amante é invadido por um sentimento de amizade, de familiaridade, de amor, e não quer mais deixá-la!" E logo depois, me encarando com maldade: - Encontrei essa metade de mim mesmo, meu complemento, minha mulher, mas ela me deixou para ficar se bronzeando ao sol como a mais vulgar das estrelas de cinema! Devo ter empalidecido muito enquanto me levantava cambaleando para sair da sala. Rosier pulou do sofá. - Seu cretino - ela disse a Jean-Luc. - O que você acabou de dizer é nojento - acrescentou Bambam, furioso. - Espero que esteja brincando e, se estiver, não foi nada engraçado. Jean-Luc não respondeu e retomou a leitura como se nada tivesse acontecido. Como o conhecia bem, sabia que estava muito satisfeito consigo mesmo. Era a primeira vez desde nosso

71

reencontro que exercia sobre mim essa terrível maldade oculta dentro dele que às vezes conseguia vir à tona. Eu estava prestes a rebentar em lágrimas, Rosier me ajudou a deixar o aposento e a descer para o jardim. Ao passar, surpreendi o olhar triste e cheio de compaixão de

Cournot. No jardim, sentada num banco de pedra de frente para o mar, eu ouvia as palavras ora indignadas, ora tranquilizadoras de Rosier. Conseguira conter as lágrimas, dissimular a angústia profunda que sentia. Tentava seguir seus conselhos, portar-me como uma adulta. "A criança é ele, não você", dizia Rosier.

Quando subi, Jean-Luc já estava deitado, e o quarto, mergulhado na escuridão. Demorei-me um pouco no banheiro, tirei a roupa e deitei embaixo das cobertas. Jean-Luc me dava as costas na outra ponta da cama. Eu não sabia se estava dormindo, então calei-me, ainda com a mesma vontade de chorar que me apertava a garganta. Após um instante, sem se virar, ele murmurou: - Lamento o que disse antes, falei sem pensar, e, se você acreditou, é uma imbecil. - Então por quê? O que foi que fiz? - murmurei por minha vez. Novo e longo silêncio, depois: - Acontece que estou sofrendo e é insuportável vê-la tão feliz aqui, neste lugar, na casa dos Lazareff. Senti vontade de rir e dizer: "Que ideia fixa, os Lazareff!", mas minha preocupação saiu ganhando. - Por que está sofrendo? Ele não respondeu, então repeti a pergunta. Ele fez um movimento exasperado com o ombro, para dizer que a conversa estava encerrada. Esperei alguns segundos e me aproximei suavemente dele. Sua ausência de reação me autorizou a pousar a mão em sua nuca e acariciá-la. Ele não se mexeu, mas sua resposta veio, calma e seca:

- Não precisa se dar a todo esse trabalho, também estou em greve. Em greve de amor. Rolei para o outro lado da cama, a respiração cortada. Não sabia se aquela noite estava amaldiçoada e seria esquecida, ou se alguma coisa que eu não conseguia distinguir se tramava dentro dele. A angústia se tornando insuportável, engoli um comprimido de Imménoctal e logo peguei no sono. Acordei um pouco mais tarde que de costume numa cama vazia. No terraço, encontrei Cournot acabando o café da manhã. Ele me informou que Jean-Luc, Rosier e Bambam tinha ido ver Émile para discutir nossa volta a Paris. A partida estava prevista para a manhã seguinte, com algumas paradas para obter gasolina, uma delas na casa de Fanny e Gilles Deleuze, em Lyon. "Ele também quer voltar a Paris. Por falta de espaço no carro, Rosier ficará aqui para fechar a casa e dará um jeito de ir embora. Aliás, acho que não está com pressa..." Não fiz nenhum comentário, terminei meu café e subi para vestir um maiô e uma saída de banho. Minha imagem no espelho quase me deu medo. O rosto contraído, a boca crispada e os olhos inchados me davam subitamente vários anos a mais: não me reconheci. "Assim como não reconheço mais Jean-Luc", pensei com amargura. No andar de baixo, Cournot continuava ali. - Estava esperando por você. Posso fazer uma parte do caminho a seu lado? Ele pegou a toalha de banho que eu ia levar e pousou a mão em meu ombro. Seguimos pelo caminho margeado de pinheiros que levava à praia. Seu silêncio, sua presença tão calorosa, tão fraterna, me acalmavam. Mas eu conservava, intacta, a mesma vontade de chorar da véspera ao pensar naquela noite, na distância que agora havia entre mim e Jean-Luc. - Ele não me ama mais - eu disse de repente. - Bobagem!

Havíamos chegado à praia. Cournot apontou para a sombra de uma figueira e estendeu a toalha em cima da areia. - Detesto o sol, o mar e a areia, e nunca uso roupa de banho. De fato, estava usando uma calça e uma camisa de algodão fechada até o colarinho. Eu estava de sandálias, ele continuava de meia e mocassim. - Jean-Luc ama você, realmente, profundamente. Eu me preocupava com ele antes de vocês se conhecerem. Ele tinha ideias sombrias, uma espécie de desespero que nada podia aplacar e sobre o qual nunca falava. Ele não foi feito para viver sozinho, ele precisa de seu "complemento"; como Aristófanes disse tão bem. Então você chegou e ele se metamorfoseou. - Sim, mas agora ele não me ama mais. - Ama, sim. Mas acho que está passando por um momento delicado em sua vida de homem. Percebo novas ideias sombrias e ignoro por quê. Você precisa ser paciente e amorosa como as mulheres devem ser, mostrar-lhe ainda mais a que ponto ele é importante para você. Ele olhou para mim, sorrindo. - Sei que você não é uma sedutora ou uma provocadora. Mas tem uma maneira de encantar certas pessoas, de seduzi-las, que às vezes pode causar medo. Pode levar a pensar: "Ela vai me deixar, não estou à altura, não conseguirei retê-la". Ontem, por exemplo, antes do jornal, você estava brincando com o gato da casa. Havia tanto amor em você por aquele bichinho, tanta felicidade, tanta alegria em viver o momento presente... Olhei por acaso para Jean-Luc, que não tirava os olhos de você: estava sofrendo de verdade, mesmo, e acho que pensava: "Não posso rivalizar com esse gato". - Que bobagem. E além disso é uma gata! Senti meu rosto e

todo o meu corpo se distendendo. Sorri para Cournot. - Obrigada.

74

Ele se levantou. - Uma última coisa. Se Jean-Luc não amasse você, se eu não amasse Nella, você e eu estaríamos perdidamente apaixonados. Com a diferença de que eu trancaria você dentro de uma jaula... Não é o caso, então é a prova de que tenho razão. Sua boca roçou castamente meus lábios e ele seguiu pelo caminho que levava à casa. Corri para dar um mergulho no mar, feliz, como que livre de um feitiço, ainda com a lembrança de seu beijo. Uma frase de Colette, que eu, adolescente, escrevera em meu caderno escolar, me voltou à memória: "Pequena inquietação, não quero que você se torne uma grande aflição". Em que romance, mesmo? Um "Claudine"*?

Durante o último jantar em Lavandou, cada um ficou absorto nos próprios pensamentos. O rádio nos informara que Dany havia sido expulso na fronteira e que estava proibido de voltar à França. Essa informação nos parecera de espantosa estupidez e inépcia, mas também muito preocupante: como reagir se não com ímpeto e violência? Jean-Luc foi chamado várias vezes ao telefone. Tinha perdido a agressividade, parecia indiferente às dificuldades que nosso regresso a Paris apresentava. Passar uma noite em Lyon e partir com Gilles Deleuze arrancara-lhe um vago "Temos mesmo que fazer isso?" e, diante do firme "Sim" de Bambam: - Bom, você é quem manda! - Deixei em seu quarto material

para fazer a barba e uma camisa limpa do seu tamanho. Se cruzarmos com policiais, precisamos parecer irrepreensíveis. Por enquanto, somente Anne e sua cara de férias nos tornam verossímeis.

*15. Claudine é uma série de quatro romances da escritora francesa Colette (1873-1954), publicados entre 1900 e 1904. Escritos em forma de diário, eles narram o amadurecimento de uma jovem, da infância à vida adulta. [iv. E.]

75

- Certo, chefe - Jean-Luc repetira. Deitados na grande cama de Hélène, ele me pediu desculpas pela atitude da véspera e adormeceu em seguida. Um pouco antes do nascer do sol, ele me acordou e me disse a que nível me amava. "Você é o único ponto estável em minha vida, minha única certeza." Fizemos amor lentamente, delicadamente. Depois, deitados um ao lado do outro, esperamos semiadormecidos a hora de levantar. A gata nos fez uma visita, mas ficou no parapeito da janela. Sua presença graciosa me tranquilizou, ela parecia zelar por nós. Pois apesar de suas palavras e de seu carinho, eu adivinhava em Jean-Luc uma grande inquietação, e essa inquietação, que eu não conseguia explicar, aos poucos me dominava.

Émile era um homem corpulento, alegre e estava empolgado com aquela longa viagem por uma França paralisada. "Um desafio!"; ele repetia a intervalos

regulares, "um desafio!". Ele dirigia um Citroën DS e nos informou seu plano de batalha: como não conseguira encher o tanque, reabasteceria duas vezes na casa de amigos que, avisados, nos forneceria gasolina. A mesma coisa aconteceria no segundo dia. Bambam na frente, Michel, Jean-Luc e eu atrás, nós o ouvíamos falar, aliviados de não ter que dizer nada, surpresos com todas as garagens e lojas fechadas ao longo da estrada. Sabíamos que seria assim, mas era impressionante constatá-lo. A caseira nos preparara um piquenique considerável, suficiente para nos saciar, e a pausa para o almoço no jardim de uma prima de Émile foi agradável. Eu tinha consciência de estar vivendo um momento particular, quase uma aventura, e me perguntava se os outros pensariam o mesmo. Chegamos a Lyon, onde Gilles e Fanny Deleuze nos esperavam, no fim do dia. Estavam ouvindo rádio. Em Paris, uma aglomeração se formara sob o relógio da Gare de Lyon para protestar contra a expulsão de Dany Cohn-Bendit.

76

Centenas de pessoas seguiam ao vivo pelo rádio o general De Gaulle anunciar um próximo referendo: os franceses ainda o queriam à frente do Estado? Em caso negativo, ele se retiraria. Alto-falantes também transmitiam seu discurso, o que criava uma cacofonia que nos impedia de entender tudo o que era dito. Mas compreendíamos o essencial. A resposta da multidão foi imediata: "Adeus, De Gaulle, adeus, De Gaulle, adeus!"; repetiam em coro centenas de vozes. "Adeus, De Gaulle, adeus!"; cantavam em eco, perto de nós, outras vozes. Os filhos pequenos de nossos anfitriões tinham,

silenciosos como gatos, surgido na sala e acabavam de se mostrar. Seus rostos maliciosos e felizes descontraíram o clima, pois o que aconteceria em Paris bastava para nos preocupar. O jornalista concluiu lembrando de algo que ignorávamos: antecipando aquela manifestação, as forças policiais tinham bloqueado todos os acessos ao Quartier Latin. Ele acrescentou que, naquele momento, apesar de um importante início de dispersão, grupos permaneciam na Rive Droite e pareciam decididos a não seguir as instruções dos organizadores. Gilles Deleuze desligou o rádio, enquanto Fanny trazia bebidas. Dali a pouco iríamos jantar numa pizzaria perto da casa deles, mas naquele momento Gilles pedia mais informações sobre a interrupção do Festival de Cannes. Cournot e Jean-Luc foram evasivos. Um porque não havia sido um dos protagonistas, o outro por má vontade. Ele se virou para mim, então, e eu, um pouco envergonhada, precisei admitir que tinha ficado na praia. Ele me encarou com mais atenção. - É verdade que está com uma aparência magnífica. Um caramelo... - ... Dourado - completou Jean-Luc, friamente. Bambam logo interveio. - Conte-nos o que anda acontecendo nas universidades de Lyon.

77

Depois do jantar, de volta ao apartamento, voltamos a ligar o rádio.

Um jornalista da Europe Numéro 1 descrevia, ofegante, a reunião de um número cada vez maior de jovens, alguns com os rostos cobertos por lenços. Palavras de

ordem variadas eram entoadas e não tinham mais a ver com as do agrupamento sob o relógio da Gare de Lyon no fim do dia. Barricadas eram erguidas, alguns carros já haviam sido incendiados, bem como as montanhas de lixo que atravancavam as calçadas. Líderes sindicais e representantes dos estudantes aproveitavam os microfones que lhes eram estendidos para pedir calma. Sem sucesso algum, ao que parecia. As forças policiais, chamadas de urgência e à espera de confrontos nos arredores do Quartier Latin, tardaram a intervir. Em pouco tempo, a Bolsa, símbolo do capitalismo, ardia em chamas em meio aos gritos de alegria de uma multidão como que embriagada. Enquanto isso, outros grupos, tirando proveito do deslocamento de uma parte das forças policiais, invadiam o Quartier Latin. Os jornalistas, sempre em primeiro plano, falavam em "caos generalizado". Cournot foi o primeiro a querer dormir: passava da meia-noite e devíamos acordar cedo. Até então, ninguém fizera nenhum comentário. Somente Deleuze, às vezes, perguntava alguma coisa, mas era como se falasse consigo mesmo e ninguém respondia. Ele desligou o rádio. Bambam ocupou o quarto de hóspedes, Jean-Luc e eu, o das crianças, que dormiram na casa de vizinhos, Cournot, o sofá da sala. Rapidamente nos dissemos boa-noite e foi tudo. Na manhã seguinte, durante o café da manhã, para o qual Emile se juntara a nós, ouvimos as notícias no rádio, aterrados. Jornalistas da Europe Numéro 1 descreveram uma noite terrível em Paris, em que vários grupos descontrolados haviam transformado o boulevard Saint-Michel e as ruas adjacentes em verdadeiros campos de batalha, incendiando tudo o que

podiam, guiados apenas pelo desejo de destruir. Aquilo não tinha mais nada a ver com as manifestações políticas dos dias anteriores, "a linha vermelha foi cruzada", dizia um deles. De fato, a opinião pública mudava, e a França, revoltada com a violência gratuita daquela noite, clamava agora por uma rápida volta à ordem e ao trabalho. - E se fosse o apogeu do movimento estudantil? - perguntou Deleuze. Ele lançou a pergunta ao vento, mas na verdade se dirigia

a Jean-Luc. - Não sei. - Mas o que acha? - insistiu Deleuze. - Justamente, não sei mais o que pensar. Seu rosto expressava uma angústia sincera que me doeu no coração. O DS de Emile voltou à estrada. Bambam, que se queixava de dores lancinantes nas costas, instalado à vontade na frente, Cournot, Deleuze, Jean-Luc e eu apertados atrás. A viagem transcorreu como no dia anterior, com duas paradas para abastecer na casa de conhecidos. Durante a primeira, encontramos um restaurante aberto onde pudemos almoçar. O lugar era agradável, o tempo estava bom, a França que atravessávamos parecia aquela cantada por Charles Trenet. Mas ninguém tinha vontade de cantarolar o que quer que fosse. Sentíamos, cada um à sua maneira, uma certa apreensão de voltar à Paris descrita pelos jornalistas. Deleuze era o único a manifestar um bom humor genuíno. Ele falava muito, fazia perguntas aos outros e a si mesmo. Bambam respondia de bate-pronto, como um velho cúmplice zombeteiro e cheio de admiração. Cournot raramente intervinha, mas quando arriscava algumas palavras era a respeito de um detalhe da paisagem ou de uma criança solitária jogando bola.

Jean-Luc mantinha um silêncio obstinado e eu, como sempre, não abria a boca.

79

Estávamos a uma centena de quilômetros de Paris quando fomos parados por uma barreira na estrada. Policiais nos fizeram sinal para parar no acostamento e pediram nossos documentos. Depois, quiseram vasculhar nossas bagagens. "Vou descer com Anne e Emile. Os outros, fiquem comportados dentro do carro", disse Bambam. Deleuze e Jean-Luc protestaram. "Façam o que eu disse. Não confio no instinto provocador de Jean-Luc, que começo a conhecer bem demais, e você, Gilles, com essas unhas de feiticeira, não tem condições..." Jean-Luc, pela primeira vez, sorriu. "Deleuze ficou magoado!", ele disse, apontando para o rosto subitamente contraído de nosso companheiro. Quatro policiais nos fizeram abrir bolsas e malas, que foram cuidadosamente esvaziadas, antes de nos autorizarem a enchê-las novamente. "Depois do que aconteceu essa noite, estão procurando armas", murmurou Bambam. De fato, os policiais, que nada tinham a nos censurar, nos deixaram partir a contragosto. Raríssimos eram os carros que ainda conseguiam gasolina para viajar e aquilo nos tornava suspeitos. Eles não se deram ao trabalho de avisar seus colegas e a operação se repetiu antes de entrarmos em Paris. Mais tarde, ficamos sabendo que barreiras haviam sido instaladas nas diferentes entradas da capital e que era de fato a procura por armas que justificava todas aquelas buscas.

Uma surpresa ruim me esperava na rue Saint-Jacques. Em nossa ausência, Jean-Jock se instalara em nossa sala, no meio de um mundaréu de roupas sujas, garrafas de cerveja vazias, brochuras e panfletos. Alguns de nossos discos estavam espalhados pelo carpete. Jean-Luc, que pensava em voltar para casa no máximo um dia depois da expedição a Cannes, deixara-lhe seu molho de chaves e Jean-Jock ficara ali, tirando proveito da sorte grande. Ao nos ver, entouou alegremente:

80

Comme faucheurs rasant un pré Comme on abai des pommel, Les Versaillais ont massacré Pour le moins cent mille hommes...

Ele não pôde continuar porque eu o interrompi, furiosa. - Junte toda essa bagunça e suma daqui imediatamente. Já disse que não queria você morando na nossa casa! Ele fez uma cara desolada. - Pensei... - Pensou errado. Junte todas as suas coisas, inclusive as garrafas vazias, e vá embora. Ele lançava olhares suplicantes na direção de Jean-Luc. Este, exasperado com aquela cena, foi se trancar no escritório, batendo a porta com violência. A perspectiva de ter que brigar também com ele me acalmou, e foi numa voz mais calma que me dirigi a Jean-Jock: - Podemos recebê-lo de tempos em tempos, mas não o quero morando conosco. Chegamos de uma viagem cansativa, então você precisa ir embora. Vamos sair para jantar e, quando voltarmos, não quero ver mais nada seu por aqui. Jean-Jock juntou suas roupas sujas sem protestar, mas sempre com a mesma cara de

cachorrinho perdido que começava a me fazer sentir culpada. Tentei justificar-me: - Não somos seus pais, Jean-Jock... - Que pena, uma mãe tão bonita, um pai chamado Godard... Com medo de que a situação se invertesse, saí da sala e fui buscar Jean-Luc. Ele prontamente aceitou minha proposta de sair para jantar, aliviado de não ter que intervir num conflito entre Jean-Jock e sua mulher. Nos últimos degraus, gritou-lhe: - Deixe as chaves na caixa de correio, depois de fechar as três trancas. Até amanhã, camarada! - Até amanhã, camarada!

81

Ufa, eu tinha vencido. Havia policiais em cada cruzamento, em cada esquina, controlando a identidade dos passantes, embora o bairro parecesse estranhamente calmo, quase deserto. Precisamos mostrar três vezes nossos passaportes suíços, felizmente adulterados por meu irmão Pierre. - Não era você que queria morar no Quartier Latin porque estava "de saco cheio da proximidade com a place Beauvau, de saco cheio do Élysée e de todos aqueles policiais"? - perguntou Jean-Luc. Seu comentário me fez rir. Como se tivesse marcado um ponto, ele também riu e a tensão dos últimos dias se dissipou numa noite.

82

Jean-Luc dormiu tarde e eu também. Depois de acordar, tomou uma ducha e se recusou a fazer a barba e a vestir

roupas limpas por medo de parecer chegado das férias. "Prometa-me que não vai dizer que estávamos na casa dos Lazareff", ele me pediu antes de nos deitarmos. Prometi. Agora, ele hesitava. Queria ir aos Estados Gerais do Cinema, na rue de Vaugirard, ao Théâtre de l'Odéon, ocupado desde 15 de maio, ao Beaux-Arts e ao ateliê de Chris Marker. Fez algumas ligações, uma das quais a François Truffaut, que o deixou de mau humor e sem me dizer por quê. Os policiais tinham se volatilizado e havia muita gente nos arredores da Sorbonne. Pessoas entravam e saíam, conversavam nas calçadas, sem que conseguíssemos saber de onde vinham, se eram estudantes ou não. De grupo em grupo, chegamos ao Théâtre de l'Odéon. O que vi me deixou imediata e definitivamente revoltada. Aquele lugar, que para mim era sagrado, fora profanado por uma multidão de pessoas desgrenhadas, sujas, atiradas sobre as poltronas, onde visivelmente tinham passado a noite. O chão estava atravancado de imundícies, como as calçadas de Paris, onde montanhas de lixo chegavam a alturas impressionantes. No palco, havia um empurra-empurra entrecortado por discursos confusos, verborrágicos, absurdos. Alguém me reconheceu como a atriz de A chinesa e me puxou para um lado: "Então, camarada, veio nos aporrinhar com as frases de ordem

83

do velho imbecil maoísta?", enquanto outros jovens cercavam Jean-Luc e lhe pediam para subir ao palco e se pronunciar sobre as orientações do cinema francês. Fui a primeira a sair, mas Jean-Luc não tardou a me seguir. Ouviu-me em silêncio enquanto eu expressava a raiva e

o horror que havia sentido em meu querido teatro profanado, e ainda sentia caminhando pela rue de Vaugirard. Insisti em saber suas impressões, mas ele me respondeu frouxamente: "Toda revolução leva a excessos. Pelo menos a Sorbonne e o Odéon são lugares em que a palavra é livre". "Absurdo!", repliquei, cada vez mais furiosa. Desde que saíramos de casa, uma sensação estranha me acompanhava e eu não tentava entendê-la, mas, na esquina da rue de Vaugirard com o boulevard Raspail, compreendi: não havia nenhum carro nas ruas e, exceto por algumas bicicletas, as pessoas caminhavam tranquilamente. Mencionei o que via a Jean-Luc, que olhou com mais atenção a seu redor. "Finalmente enxergamos Paris", disse. E, parafraseando o título do livro de Hemingway que adorávamos: "Paris se tornou uma festa". A École Nationale de Photographie et de Cinéma parecia uma colmeia que reunira todos os membros da profissão. Comissões tinham sido criadas para estabelecer programas de reformas do cinema, logo submetidos a todos. Diretores, técnicos e atores ocupavam as cadeiras da grande sala e ouviam, alguns com atenção, outros conversando com os vizinhos. Muitos se conheciam e se cumprimentavam. Apesar de discreta, a entrada de Jean-Luc foi motivo de grande distração. Alguns se levantaram para parabenizá-lo por ter contribuído para a interrupção do Festival de Cannes. Louis Malle, que também estava presente, veio apertar-lhe a mão. Jean-Luc se forçava para sorrir, incomodado por aquele ambiente amigável demais, que, como ele diria mais tarde, "não correspondia a nada". De minha parte, recebi inúmeros cumprimentos, minha boa aparência e meu ar relaxado foram

elogiados. "Parece estar com quinze anos!", me disse uma atriz que tinha o dobro. "Não exagere, ela tem 21", corrigiu Jean-Luc. Ele tinha esquecido de suas queixas a respeito da praia e agora parecia orgulhoso de me ter a seu lado. Nós nos sentamos e Louis Malle retomou sua fala. Outra sucedeu à dele, e mais outra. Comecei a ficar muito aborrecida e passei a ouvir distraidamente os discursos, mais atenta aos inúmeros vaivéns. Notei a presença de certas personalidades que eu admirava e não conhecia: como todos pareciam falar uns com os outros, por que não ousar dirigir-lhes a palavra? Todos os cafés estavam abertos no entorno da École. No mais próximo, encontrei Armand, sua amiga Pat' e dois de seus amigos, um cameraman e um engenheiro de som. Eles comiam sanduíches, bebiam vinho branco e me convidaram para me juntar a eles. Armand me contou da interrupção das filmagens de Os gângsteres de Bonnot. Ninguém sabia quando o trabalho seria retomado. Ele e os amigos viviam aquele momento como férias divertidas. Simpatizavam com o movimento estudantil, mas não acreditavam por um segundo sequer na possibilidade de uma revolução. Jean-Claude, o engenheiro de som, voltara de Calcutá, onde Louis Malle filmara um documentário, e era o mais crítico: "Depois de três meses na Índia, tenho a impressão de estar assistindo a uma revolta de meninos ricos". Mas dizia isso com gentileza, sem nenhuma agressividade. Ele e Patrice, o cameraman, Armand e sua amiga Pat', que era assistente de direção, tinham apenas trinta anos. Eu me sentia bem com eles, que não se levavam a sério e não se lançavam em discursos inflamados. Jean-Luc me buscou e fomos ver Chris Marker. Ele e vários jovens ficavam permanentemente num apartamento montando filmetes militantes de menos de três minutos que eram

chamados de cine-panfletos. Eram subversivos, insolentes, inventivos

85

e fizeram Jean-Luc tomar uma decisão. "Vou me juntar a vocês, se me aceitarem"; disse com modéstia. Todos lhe desejaram as boas-vindas. Chris Marker se virou para mim. - Você também. - Ah, eu... Ele me examinou dos pés à cabeça, com um sorriso: - Que linda jovem, e de origem russa, ainda por cima! Mais tarde, de novo na rua, Jean-Luc me disse que Chris Marker, que ele admirava muito por sua integridade e pelo caráter inovador de seus filmes, era muito sensível à beleza das mulheres, e à das mulheres russas em particular. Depois disso, nunca mais mencionamos meus dias passados na praia. Agora, ele queria ir à École des Beaux-Arts, onde eram confeccionados os magníficos cartazes que cobriam todos os muros do Quartier Latin. Tínhamos percorrido quilômetros, eu estava começando a me cansar de todos aqueles encontros e acabara de ter uma ideia, um "plano secreto", como dizem as crianças. Nos separamos no cruzamento dos boulevards Saint-Michel e Saint-Germain. Jean-Luc apontou para o café Le Cluny, que ficava na esquina.

- Tenho um encontro às seis horas com Charles. Gostaria que você estivesse presente, junto com Jean-Jock. Pode ser? Assenti distraidamente, com pressa de colocar meu plano em ação. Era simples. Como não havia mais nenhum meio de transporte, eu passaria a circular de patins! Lembrava-me de ter visto uma loja de

brinquedos não muito longe de nossa casa e meu grande temor era que estivesse fechada. Não estava. Uma vendedora, contente de ver uma cliente entrar, mostrou-me alguns pares, solícita. Escolhi um, que ela amarrou para mim. Paguei e saí, as sandálias embaixo do braço. Comecei com cautela. Dei algumas voltas pelo bairro aos solavancos, sob os olhares risonhos dos pedestres. Depois tirei-os e subi ao apartamento.

86

Em Lavandou, ligara uma vez para minha mãe, agora precisava telefonar-lhe para avisar de meu retorno. Ela se mostrou afetuosa e divertiu-se com o relato de minha temporada na casa dos Lazareff, que ela conhecia e admirava, e com nossa longa viagem de táxi. A impossibilidade de nos vermos não a contrariava, ela apenas lamentava não poder vir ao Quartier Latin a pé. Como seu pai, sua mãe e todo o restante da família, estava preocupada de ver a França paralisada pelas greves. Mas a confiança de todos eles no general De Gaulle mantinha-se intacta. Pierre era o único que se divertia, ia e vinha por toda Paris graças à sua mobilete, voltava para casa quando queria. "Não tenho mais nenhuma autoridade sobre ele", ela se queixava. Mas Pierre também era seu testemunho direto da vida cotidiana no Quartier Latin e os relatos que lhe fazia interessavam sobretudo a nosso avô. O laço entre eles se fortalecia. Alguém ligou para solicitar a presença de Jean-Luc no dia seguinte na École Nationale de Photographie et de Cinéma, onde haveria uma "importante assembleia geral". Prometi repassar-lhe a mensagem e sai do apartamento, pois a hora do

encontro se aproximava. Ao pé da escada, guardei as sandálias na sacola e de novo coloquei os patins. Na própria rue Saint-Jacques já me senti mais segura de mim. Meu equilíbrio estava melhor, ousei ir mais rápido. Um assobio admirado me fez virar a cabeça. Sem perceber, tinha passado por Jean-Jock, no boulevard Saint-Germain. Parei na hora, mas tão mal que precisei me agarrar nas costas de um senhor de idade para não cair na calçada. Ele me ajudou a levantar, resmungando: "Essa juventude acha que pode tudo". Enquanto eu lhe pedia desculpas e agradecia, ele se acalmou: "Foi um prazer, senhorita".

Jean-Jock ria às gargalhadas. Ficou encantado de me ver patinar e achou a ideia excelente. Ele suspirou. - Pena não poder fazer o mesmo...

87

- Por que não? - Sou um militante. Foi minha vez de rir, enquanto ele entoava:

Ils ont fait acte de bandits
Comptant sur le silence
Achvé les blessés dans leurs lits
Dans leurs lits d'ambulance...

Chegamos ao café Le Cluny. Jean-Luc e o dito Charles nos esperavam no fundo da sala, um pouco à parte, como conspiradores. Um burburinho surpreso irrompeu entre

os clientes quando chegamos, eu passando de patins entre as mesas e Jean-Jock cantando a plenos pulmões:

Tout fa n empêche pas, Nicolas, Qu'la Commune n'est pas morte!

Jean-Luc se levantou estupefato ao nos ver. - O que estão fazendo?

Seu amigo não se mexeu da cadeira em que estava sentado

e nos examinou sem nada dizer em particular. Numa voz fria, comentou:

- Chegaram os Irmãos Marx.

Estatelei-me em cima do banco e Jean-Jock sentou na cadeira livre. Jean-Luc fez as apresentações. Houve um silêncio constrangido enquanto as conversas eram retomadas no café. Um garçom se aproximou. Jean-Luc bebia uma cerveja, Charles um uísque. Subitamente intimidada, tentei me encorajar: - Um uísque!

- Para mim também - acrescentou Jean-Jock.

Ignorei a mímica colérica de Jean-Luc e me concentrei em seu amigo.

88

Era um homem claramente sedutor, que julguei beirar os 25 anos. Era moreno, tinha um rosto de traços regulares, um olhar sem nenhuma hesitação. Ele exalava uma inteligência e uma maturidade que o diferenciavam de todos os outros jovens. Impunha-se imediatamente e sua autoridade parecia natural. Sem se deter em inúteis tagarelices, ele retomou a discussão que nossa chegada interrompera. Era preciso inventar um outro cinema, uma nova linguagem. Ele achava que mesmo os filmes mais bonitos de Jean-Luc pertenciam ao passado. Citava Mao com regularidade ao falar do cinema revolucionário que preconizava, dizendo que era imperioso "extirpar o veneno revisionista". Jean-Luc ouvia sem intervir, com uma expressão infantil, entre a admiração e a submissão. Fiquei chocada com seu silêncio e com as palavras de seu amigo. Por duas vezes, tentei interrompê-lo. Ele parava, me dirigia um sorriso que se pretendia encantador, mas que me parecia condescendente, seguido de uma frase amável destinada a me calar: "Claro, é uma novidade para você, mas acabará compreendendo e adotando nosso ponto de vista". O "nosso ponto de vista" me chocou ainda mais. Seria o mesmo de Jean-Luc? A perspectiva disso me assustou. Jean-Jock tentava intervir. Mas o fazia de maneira impetuosa e desajeitada, com citações

marxistas que não provocavam nada em Charles além de um irritado erguer de sobranceiras. Quando ele insistia, Charles lhe mostrava em poucas palavras que ele estava "batendo na trave". Fiquei irritada com Jean-Luc, que não o defendia. Intuí que Charles tentava tomar o lugar de Jean-Jock e que conseguiria. Um ainda era uma criança, o outro um homem, mais experiente, mais astuto, mais determinado. Por alguma razão, fiquei com medo. Via com clareza uma ameaça para Jean-Jock, mas não para mim. Eu era a mulher de Jean-Luc, me considerava protegida, intocável. Estava errada.

89

Fazia um tempo que já não ouvia o que Charles dizia e que a expressão despeitada de Jean-Jock me causava pena. Voltei-me para ele. - Como é mesmo o refrão daquela canção? Minha pergunta pareceu ressuscitá-lo e ele entou com sua voz estrondosa:

Tout fa n'empêche pas, Nicolas, Qu'la Commune n'est pas morte!

No café, as conversas pararam e cabeças se voltaram para nós. Charles, interrompido em pleno discurso sobre os primórdios do cinema soviético, nos encarava sem entender. Pareceu-me que Jean-Luc, pela primeira vez, esboçava um sorriso. - Espero que não cante a seguir Os guarda-chuvas do amor - Charles acabou dizendo. Jean-Jock ficou ofendido. - Isso não tem nada a ver com Os guarda-chuvas do amor. É uma famosa canção de Pottier

que se chama Elle n'est pas morte. O refrão sobre Nicolas é de Parizot. - Estou impressionado - disse Jean-Luc. Eram suas primeiras palavras e ele sorria abertamente. Aproveitei a brecha para dar o fora antes que Charles tomasse de novo a palavra. - Vou andar de patins. Jean-Jock saltou sobre a ocasião. - Vou com você. - Encontro vocês mais tarde - disse Jean-Luc. E, para mim: - Ótima ideia esses patins, e você ficou elegante! Beijei-o, encantada, e, depois de um vago sinal com a mão para Charles, juntei-me a Jean-Jock, que me esperava no balcão. Na mesma hora, cochichou-me: "Espere lá fora, já vou". Poucos

90

segundos depois, saiu e correu na direção da rue Saint-Jacques. Segui-o e, graças a meus patins, alcancei-o rapidamente. Ele parou e tirou do blusão uma garrafa de uísque pela metade. - Você a roubou? - perguntei, incrédula. - Sim. Butim de guerra. Vamos beber na sua casa para esquecer aquele pedante do Charles? Subindo as escadas, ele me perguntou se eu conhecia Le Temps des cerises, de Jean-Baptiste Clément, então convidei-o para ouvir a versão, para mim maravilhosa, de Charles Trenet. Ele fez uma careta de nojo, mas aceitou para me agradar. Jean-Luc me dera uma caixa com todas as canções de Charles Trenet, que ouvíamos com frequência quando estávamos em Paris. Gostávamos especialmente da maneira como ele interpretava Le Temps des cerises, a profunda melancolia que se desprendia da música apesar do alegre suingue de Django Reinhardt. Jean-Jock não gostou muito a princípio, mas, pouco a pouco, admitiu-se sensível à riqueza de nuances de Charles

Trenet. O uísque que bebíamos diligentemente talvez tenha contribuído para isso. Ouvimos a canção uma dezena de vezes e, como Jean-Jock dizia adorar o violão de Django, fiz com que conhecesse a adaptação que Charles Trenet e ele tinham feito para A cigarra e a formiga. Ele adorou. Lembrou-se da fábula aprendida na escola, repetiu a canção três vezes e depois começou a cantar junto com Trenet. Apesar de sua voz de trovão, ele cantava afinado, de pé no meio da sala, fingindo tocar os acordes do violão. Eu estava sentada no chão e não conseguia parar de rir.

La cigale ayant chanté Tout l'été, Se trouva fort
depourvue Quando la bise fut venue. Pas un seul petit
morceau

91

De mouche ou de vermisseau. Elle alia crier famine...*

Sem perceber, nos embebedamos um pouco. Ouvimos a chave na fechadura e, quando Jean-Luc apareceu de repente na nossa frente, Jean-Jock não conseguiu conter um grito de susto. Jean-Luc olhou para nós sem abrir a boca, triste, cansado. Depois, pegou a garrafa de uísque e foi esvaziar o resto de seu conteúdo na pia da cozinha. Quando voltou, Jean-Jock continuava de pé no mesmo lugar, paralisado. Em mim, a surpresa de sua chegada provocara um soluço violento que eu não conseguia dissimular. Jean-Luc voltou à cozinha e retornou com um copo d'água, que me ofereceu. - Crianças - ele disse,

por fim -, crianças. Beberam demais e precisam comer alguma coisa. Vamos à pizzaria. Claro que, mais uma vez, Jean-Jock ficou para dormir no divã da sala.

*16. Tendo a cigarra cantado/ Todo o verão,/ Viu-se bastante desguarnecida/ Quando o inverno chegou./ Sem nenhum pedacinho/ De mosca ou vermezinho./ Foi chorar de fome...

92

Rumo aos Estados Gerais do Cinema, portanto. uma importante assembleia geral fora marcada e a presença de Jean-Luc fora solicitada. Ele e Jean-Jock me ajudaram a subir o boulevard Saint-Michel e me puxaram, mas assim que chegamos ao alto acelerei na frente deles, entusiasmada com o ar fresco da manhã e a perspectiva das ruas de Paris vazias. Armand e seus amigos fumavam na frente da escola da rue de Vaugirard e aplaudiram minha chegada. Outro pessoal de cinema, que eu mal conhecia, me olhou como se eu fosse uma retardada e aquilo não fez mais que reforçar nosso bom humor. Jean-Luc e Jean-Jock chegaram me chamando de traidora. Mas Jean-Luc ouviu um comentário desagradável sobre mim e se virou na hora: "Minha mulher patina. Qual seu problema com isso, imbecil?". Depois, dirigindo-se a mim: "Vou entrar para ver o que estão dizendo. Guardo um lugar para você no fundo da sala?". Aquiesci. Assim que ele nos deu as costas, Pat', a amiga de Armand, me disse que também queria comprar um par de patins. Dei-lhe o endereço da loja de brinquedos e ela saiu para comprá-los na mesma hora.

"Está conquistando seguidores", comentou Armand. Fiquei um momento com eles e constatei que não estavam nem um pouco interessados nos discursos intermináveis que se sucediam lá dentro. Jean-Luc tampouco. Sentado na primeira cadeira da última fila, mantinha-se ao abrigo dos olhares dos colegas e podia sair discretamente

93

assim que quisesse. Sentei-me a seu lado e ele me resumiu em voz baixa o que era dito: "Eles constituíram comissões encarregadas de propor uma reforma radical do cinema. Que ridículo! Como pessoas tão diferentes podem se entender? Não tenho nada a ver com eles!". Jean-Jock, ao contrário, de pé e bem visível entre duas fileiras, dirigia-se às pessoas em cima do palco, cortava a palavra dos outros pontuando suas intervenções com vibrantes "Camarada". Embora alguns protestassem, a maioria o ouvia respeitosamente. Compreendi então a que ponto a palavra de um jovem, de um estudante, em três semanas ganhara importância. Aquilo me irritou. Pois outros jovens presentes faziam o mesmo, com desenvoltura, muitas vezes para não dizer nada. Trabalhavam com cinema? Vinham de onde? A lenga-lenga era idêntica à da véspera no Théâtre de l'Odéon. Uma lenga-lenga que agora muita gente do cinema copiava. A assembleia reunia pessoas que eu admirava, como Alain Resnais e Jacques Rivette, mas eu não compreendia a aparente disponibilidade deles, assim como não compreendia o silêncio de Jean-Luc. Desde que voltara de Cannes, ele manifestava certa tristeza. Onde fora parar o entusiasmo da primeira quinzena de maio?

Ainda assim, havia certo bom humor no ar, uma alegria de viver à qual era difícil resistir; uma energia vital própria àquela primavera luminosa que me estimulava, embora eu regularmente me irritasse com todo tipo de excesso. No fim do dia, fomos assistir à projeção do filme de um cineasta de vinte anos cujo nome começava a circular entre alguns iniciados e sobre o qual Jean-Luc lera uma reportagem que o deixara impressionado. Chamava-se Philippe Garrel, e seu filme, Marie pela memória. Éramos quatro pessoas na sala, mais o diretor e o projecionista, amigo que agia clandestinamente para não atrair a ira do sindicato dos técnicos em cinema.

94

As imagens em preto e branco eram belíssimas, dignas de um poeta, de um cineasta inspirado que deveria ser levado em conta dali por diante. Quando as luzes voltaram a se acender, estávamos tão comovidos que ninguém se decidia a falar, a parabenizar o autor. Jean-Luc parecia o mais impressionado. Philippe Garrel aguardava nossas reações com calma. Mais tarde, fiquei sabendo da importância da presença de Godard: ele estava na origem da vocação artística de Garrel, sua aprovação ou suas críticas orientariam o que ele faria a seguir. Havia muita dignidade em sua espera silenciosa. Sua pessoa e seu filme intimidavam. Jean-Luc parecia buscar palavras que expressassem com exatidão seu pensamento e, quando decidiu falar, foi numa espécie de murmúrio: "Agora temos Garrel, não preciso mais fazer filmes". Foi a vez de Philippe Garrel ficar comovido. "Precisamos de você, de seus filmes, eles é que iluminam nosso caminho", ele disse, numa voz apertada. Jean-Luc

fez que não, não, não com a cabeça, apertou-lhe a mão e me levou para fora. Segui-o sem abrir a boca até seu restaurante preferido, Les Balkans. Sentia-me desorientada pelo que acabara de ouvir. Depois, como o silêncio entre nós se prolongava, arrisquei: - É sério o que disse a Philippe Garrel? - Sim. Muito sério. - Mas ele e os outros precisam que continue fazendo filmes, ele disse isso com todas as letras! Jean-Luc tinha uma expressão de tristeza. - Eu sei. Mas não posso continuar a fazer esse tipo de cinema. - Que tipo de cinema? - Esse que vocês gostam e querem que eu faça. Lembrei-lhe dos vários projetos que cogitara entre o início do ano e o mês de abril: Les Gens d'en face, baseado em Simenon, Le Journal du séducteur, baseado em Kierkegaard, e,

95

mais recentemente, LAssassinat de Trotsky. Ele deu de ombros e me olhou com apatia. Talvez adivinhasse o que eu não ousava acrescentar: "Nesses três projetos, havia bons papéis para mim". Tentei outra coisa. No início de junho, dentro de alguns dias, iríamos a Londres filmar os Rolling Stones. Ele soltou um suspiro profundo. - Não tenho a menor vontade de ir. Mas se não for, as consequências financeiras serão pesadas demais. Teríamos que hipotecar ou vender o apartamento. Você não faz ideia do empréstimo que precisei fazer, de minhas dificuldades financeiras... Devo ter feito uma cara estranha, pois ele concluiu sorrindo: - Tudo bem, veremos.

Na manhã seguinte, como na véspera, fomos para a escola da rue de Vaugirard. Espantei-me que ele quisesse voltar, depois de ter sido tão crítico com o que se passava lá dentro. "Sinto-me encorajado em minha recusa desse mundo", ele disse. Como na véspera, de novo deixei-o para trás no alto do boulevard Saint-Michel e andei a toda velocidade com meus patins.

Assim que cheguei, Armand e Pat' vieram a meu encontro. Ela estava de patins e parecia no controle da situação. Demos várias voltas na quadra rindo como duas menininhas. Nosso bom humor atraía a simpatia dos pedestres e o encorajamento dos amigos, inclusive Jean-Luc. Entrando na escola, ele se virara e me fizera um gesto com a mão como se dissesse: "Vá, corra, divirta-se!". Em dado momento, avistei Jacques Rivette, que eu conhecia e admirava muito. Ele jantara várias vezes conosco durante as filmagens de A chinesa, um ano antes. Ouvi-lo falar de cinema me deixava maravilhada e eu tinha aprendido muito acompanhando a conversa entre os dois. Jean-Luc dizia a respeito do amigo: "Rivette salvaria até mesmo um nabo!". Para alcançá-lo, dei um giro espetacular e parei bem na frente dele, seguida de Pat', que quase bateu num poste. Nossa

96

chegada o fez chorar de rir e ele nos parabenizou pelo que chamou de "achado". Alguns anos depois, quando vi seu filme Celine e Julie vão de barco, delíciei-me em imaginar que Pat' e eu poderíamos ter inspirado

algumas sequências e que seria um pouco por nossa causa que as duas heroínas, Juliet Berto e Dominique Labourier, se deslocavam pela cidade de patins... Rivette entrou na escola, enquanto Jean-Luc saía tão contrariado que acabou se chocando com ele. "Estou de saco cheíssimo dessas lições de moral, dessas críticas. Vou me juntar à equipe de Chris Marker e ao Beaux-Arts, oferecer meus préstimos... Lá, o trabalho coletivo faz sentido", ele me disse, antes de acrescentar: "Divirta-se. Vamos nos encontrar no fim do dia na casa de Bambam e Rosier". Esta última, graças às inúmeras habilidades de Émile, conseguira voltar a Paris durante a noite, e Bambam nos convidara para jantar na rue de Tournon. "É possível que Cournot esteja presente, e talvez Deleuze!" Jean-Luc e eu estávamos felizes por voltar a vê-los. Jean-Luc foi embora, continuei patinando com Pat: Andávamos cada vez mais rápido, íamos cada vez mais longe, mas sempre voltávamos à escola. Inventei um novo jogo: caía nos braços de um diretor que eu admirava, mas não conhecia pessoalmente, para tentar atrair a atenção dele. Ou, mais simplesmente, nos braços de um homem que nos parecesse atraente ou simpático. Nossas vítimas nos ajudavam a levantar com gentileza. E só. Um jogo, no fim das contas, bastante inocente. Um único me repeliu. "Não pode prestar mais atenção, sua tonta?" Era o cineasta Jacques Rozier. Fiquei um pouco constrangida. Outra tentativa, com o cineasta Jacques Doniol-Valcroze, foi um tanto mais inesperada. Já tínhamos nos cruzado durante sessões privadas, mas nosso contato se resumira sempre a um aperto de mãos. Ele me convidou para tomar um café e aceitei com prazer.

Na verdade, ele queria falar a respeito de Jean-Luc e da recentíssima SRF, Société Française des Réalisateurs de Films, à qual ele pertencia, como a maioria do pessoal de cinema. Jean-Luc se recusara ferozmente a participar, assim como se recusara a fazer parte de uma das comissões encarregadas das reformas. Doniol (era assim que o chamávamos) parecia desconsolado. - Precisamos dele, mas ele não quer nem nos ouvir. Ainda bem que você não esteve presente esta manhã, pois foi muito ruim. Diante das sucessivas recusas, a maioria dos profissionais começou a se mostrar terrivelmente agressiva. Ele foi chamado de covarde, traidor, colaboracionista e outros absurdos. Jean-Luc respondeu com desprezo e declarou que não tinha mais nada a fazer ali. Acha que podemos chamá-lo à razão?

Eu duvidava muito e foi o que respondi. Doniol parecia cada vez mais desconsolado. - François Truffaut também recusou o convite. Explicou seus motivos numa carta a mim. Quer que a leia para você? Assenti. Ele tirou um envelope do bolso do casaco e puxou uma folha de dentro. - "Sinto-me solidário com Rivette, Godard ou Rohmer porque gosto deles e admiro seus trabalhos, mas não quero ter nada em comum com..:" Ele interrompeu a leitura. - Segue-se a lista dos diretores membros da SRF, todos presentes na sala. Pulo essa parte para não ser indelicado e retomo a leitura um pouco adiante. "Ter a mesma profissão não significa nada para mim se a admiração e a amizade não entrarem em jogo:" O que acha? - Que é uma belíssima carta e que é a cara dele. Fui sincera e perguntei-me se Jean-Luc ainda seria capaz de escrever uma carta como aquela, de referir-se a

outros cineastas com as palavras "solidariedade", "admiração" e "amizade".

98

Um ano atrás, sim. Mas naquele momento? É verdade que havia Philippe Garrel... Minha expressão, sem que eu percebesse, devia ter setornado melancólica. Doniol ficou confuso: - Não se preocupe demais. Contudo, se puder falar com Jean-Luc... Já disse que adoro A chinesa? Ele se levantou, pagou nossos cafés e pousou uma mão amiga em meu ombro. - Minha comissão reinicia em cinco minutos, preciso ir. Estou contente de tê-la conhecido. Logo voltaremos a nos ver, sem dúvida, e teremos mais tempo para conversar. Meus cumprimentos a Jean-Luc. Avida nunca mais nos colocou frente a frente, o que lamento.

Naquela noite, uma grande assembleia se reuniria no estádio Charléty, na presença de Mendès France. Todas as organizações políticas e sindicais estariam presentes, esperava-se a participação de mais de mil pessoas. Sugeri a Jean-Luc que fôssemos. Mas ele disse que a multidão o cansava, que sem dúvida lhe fariam perguntas e que não estava com vontade de responder. Não insisti. Em compensação, ele cada vez mais se interessava pelas chamadas negociações de Grenelle, que há dois dias reuniam o primeiro-ministro Georges Pompidou, alguns membros do governo e o conjunto das organizações sindicais e patronais. De passagem pelo apartamento, falei ao telefone com minha mãe, que estava alarmada. Seu cunhado, general, telefonara para

avisá-la: "Impeça seus filhos de ir ao estádio Charléty. Se houver desordens, o Exército recebeu ordens de intervir. Eu não gostaria de ter que atirar em crianças e muito menos nas suas". Tranquilei-a, ela se acalmou. "Está sendo difícil convencer seu irmão a ficar em casa. Saber que vocês também não irão atenuará sua decepção?"

99

Troquei os patins por sapatilhas e vesti um dos minivestidos que ganhara de Jean-Luc no ano anterior. Deveria contar-lhe o que acabara de descobrir a respeito da possível intervenção do Exército? Preferi me calar. Conhecendo seu espírito do contra, ele seria totalmente capaz de correr para lá, o que eu não queria que acontecesse por nada neste mundo. Eu estava com medo, de novo. Sabia que meu tio tinha um grande senso de responsabilidade, que podíamos confiar no que dizia e que, sim, talvez fosse perigoso ir ao estádio Charléty. Encontrei Jean-Luc em plena discussão com Cournot sobre os Estados Gerais do Cinema. Cournot aderira na véspera a uma das comissões e tentava convencer Jean-Luc a se juntar a ele. Jean-Luc admitia que algumas ideias eram boas, mas continuava a afirmar: "Não tenho nada a fazer com essa gente". Passara toda a tarde com Chris Marker e na École des Beaux-Arts e parecia descontraído.

Rosier trouxera de Lavandou frutas e legumes em quantidade suficiente para um jantar de gala. Bambam e Deleuze não tardariam.

Ambos chegaram de muito bom humor. Principalmente Deleuze, que acabara de comprar um casaco de operário, preto, brilhoso, igual ao que quase todos os estudantes usavam. Ele desfilava na nossa frente, à espera de elogios. Rosier achou as palavras certas para dizer e Cournot soltou um grunhido enigmático. Jean-Luc era o único em silêncio. Mas como sua opinião era solicitada, acabou emitindo-a. - Deleuze parece um guarda de zoológico. Cournot explodiu numa gargalhada. - É isso, exatamente isso: você parece um guarda de zoológico, Gilles!

Seu riso me contagiou na hora, assim como contagiou Barnbam. Rosier fazia esforços louváveis para não nos imitar e era hilário ver o contraste entre a cara desolada de Deleuze e o

100

rosto impassível de Jean-Luc, que naquele momento de fato parecia Buster Keaton. Bom jogador, Deleuze se recompôs com um sorriso que sabia irresistível: - Em nossos dias e entre os estudantes, melhor parecer um guarda de zoológico do que um mandachuva. Ele louvou as eletrizantes relações que havia estabelecido com os estudantes e as estudantes de Paris, a acuidade das análises políticas daqueles jovens. - Aprendo muito com eles. Os jovens nos dão uma lição formidável e todos ganhamos em ouvi-los, em nos tornarmos disponíveis, com isso quem sabe abandonamos nossos velhos padrões. Devo ter esboçado uma careta exasperada e ele se corrigiu. - Não falo por você, Anne, que tem a

mesma idade que eles. Falo por nós, os mais velhos, os que têm quarenta anos. Por pouco não lhe respondi que os "mais velhos" valiam muito mais do que aquela massa de jovens, que a admiração por eles beirava a idolatria. Minha geração tinha tudo a aprender com a deles e eu, desde que conhecera Jean-Luc, aprendia todos os dias. Calei-me porque Jean-Luc, Bambam e Rosier concordaram com ele. Eu bem que gostaria de saber o que Cournot pensava, mas, como tantas outras vezes, ele não disse nada. Quando voltamos para casa, Jean-Luc ligou o rádio. Tudo transcorria tranquilamente no estádio Charléty e, depois de 25 horas de discussões, um acordo fora estabelecido na rue de Grenelle. Apesar do aparente acordo entre governo, sindicatos e patronato, os operários da Renault de Flins se recusaram a assiná-lo. "Eles é que têm razão", comentou Jean-Luc com amargura. "Os sindicatos, como sempre, traíram a classe operária."

Dois dias depois, porém, em 29 de maio, ele quis participar da manifestação organizada pela CGT. Eu estava com dor de garganta e usei-a como pretexto para ficar em casa. Deitada na cama, ouvia a Europe Numéro 1. Também olhava com alegria

101

para a capa da France-Soir, que mostrava Dany no dia anterior, na Sorbonne. Ele voltara clandestinamente para a França, os cabelos ruivos pintados de preto. Como conseguira, onde se escondia? Só descobriríamos muito mais tarde. Mas que afronta ao poder! A manifestação

seguia seu curso. A passeata ia da Bastilha a Saint-Lazare e estimava-se o número de participantes em trezentas ou quatrocentas mil pessoas. As palavras de ordem lançadas pela CGT e repetidas pela multidão pareciam bastante acadêmicas depois das alegres e inventivas entoadas nas manifestações estudantis. As forças policiais seguiam o cortejo perfeitamente organizadas, qualquer desvio era impossível. Aquele regresso à monotonia me parecia deprimente, quando de repente alguém gritou: "De Gaulle, vampiro!". "De Gaulle, vampiro!", repetiram centenas de vozes na mesma hora. Houve três ou quatro segundos de expectativa, então os potentes alto-falantes da CGT retomaram as palavras de ordem do início. Foi tão rápido que não tive nem mesmo certeza de ter ouvido bem. Porque aquela voz anônima me parecera familiar: era a voz de Jean-Luc. Em casa, ele me confirmou o que fizera. Jean-Jock, que o acompanhava, ainda ria. - Você tinha que ver a tromba dos durões da CGT, quase quebraram a nossa cara! - ele disse. - Mas por que "vampiro"? - A passeata estava na frente de um cinema onde passava um filme de vampiros - respondeu Jean-Luc. - A garganta melhorou?

Na manhã seguinte, em Paris, houve outra grande manifestação, mas completamente diferente. O presidente da República, num discurso pelo rádio, anunciara a dissolução do governo e seus partidários convocaram

uma manifestação de apoio ao general De Gaulle. Milhares de pessoas subiram a Champs-Élysées até o Arco do Triunfo. Muitos jovens agitavam bandeiras azuis, brancas e vermelhas, e no intervalo entre duas palavras de ordem cantavam A marselhesa. Amontoadas nas calçadas, centenas de pessoas aplaudiam e gritavam: "Viva De Gaulle! Viva o presidente de todos os franceses!". O ambiente era festivo, todas aquelas pessoas pareciam felizes de se mostrar, de se reunir. Onde estavam antes? De repente, ouviu-se uma outra frase: "Cohn-Bendit em Dachau!", mas ela não foi repetida e sem dúvida vinha de um pequeno grupo de extrema direita deseioso de chegar às vias de fato e logo controlado pelas forças da ordem. O problema, para meu irmão e para mim, era que à frente do cortejo seguia nosso avô, François Mauriac, que amávamos. Não fiquei chocada com sua presença, conhecia sua fidelidade absoluta ao general, mas fiquei chocada com a imagem que André Malraux e ele passavam: pareciam um velhinho gagá e um drogado de braços dados, ou vice-versa. As fotos na imprensa, as imagens na televisão me deram pena e deixaram Jean-Luc num insano estado de fúria. Ele estava justamente a ponto de enviar-lhe um panfleto denunciando a condição crítica de certos estudantes hospitalizados e a necessidade que os médicos tinham de conhecer a fórmula exata de certos gases. Ele e meu avô tinham inclusive aventado a possibilidade de visitarem juntos esses doentes. Jean-Luc, como muitos de nós, ficara comovido com o fato de que ele tivesse respondido tão prontamente ao apelo do professor Jacques Monod depois das primeiras noites de violência policial. Junto com três outros laureados pelo prêmio Nobel, André Lwoff, François Jacob e Alfred Kastler, ele assinara um telegrama dirigido ao general De Gaulle: "Pedimos-lhe encarecidamente fazer gesto pessoal capaz apaziguar revolta dos estudantes. Anistia

dos estudantes condenados. Reabertura das faculdades. Profundos respeitos".

103

Todavia, Jean-Luc acrescentou raivosamente no panfleto que Pierre e eu devíamos levar a nosso avô: "O senhor não tem vergonha? Em sua idade e tão perto da morte?". Pierre e eu ficamos consternados com essa grosseria cruel: François Mauriac certamente anularia sua intervenção nos hospitais na mesma hora. Tentamos sem sucesso dissuadi-lo, mas Jean-Luc insistiu. Pierre foi encarregado de entregar a horrível mensagem. No fim do dia, ligou-me para contar o que acontecera. - Não entreguei o panfleto imediatamente porque sabia o drama que provocaria. Mas Jean-Luc telefonou para saber se eu o entregara e para saber o que ele havia achado. Então ele mandou me chamar e precisei entregar o papel. Ele ficou furioso, passava os olhos de um a outro, o panfleto na mão, gritando: "Você viu o que ele me escreveu?". E quando Jean-Luc apareceu, sem dúvida encontrou a porta fechada. Porque Jean-Luc, em sua inconsciência, de fato se apresentou para levar nosso avô aos hospitais, como eles tinham combinado 48 horas antes.

Fiquei tão furiosa com ele que não lhe dirigi a palavra naquela noite e dormi de costas, no outro extremo da cama. No dia seguinte começava o fim de semana de Pentecostes e quase todos os postos de gasolina foram reabastecidos.

O avião que nos levava a Londres pertencia a uma companhia privada, nem todas as linhas aéreas francesas tinham voltado a funcionar. A gravação do disco dos Rolling Stones começaria na noite seguinte e o produtor do filme não queria correr risco algum. Jean-Luc, preso ao contrato que assinara, espumava de raiva: "Ainda por cima, estamos traindo os operários em greve!". E como eu não dissesse nada: "Somos fura-greves! Sabe o que isso significa?". Eu sabia e apertava a mão dele para que se acalmasse. Eu temia expressar com franqueza demais, caso abrisse a boca, minha excitação diante da ideia de conhecer os Rolling Stones, minha alegria, meu alívio de deixar Paris por alguns dias. Estava menos zangada com ele pelo horrível apêndice ao panfleto. Ao telefone, Pierre me repetira uma frase de nosso avô a respeito de Jean-Luc: "Não é porque ele acha que estou com um pé na cova que pode pisar no outro". Aquela era uma de suas frases preferidas, prova de que seu senso de humor sobrepujara sua raiva. Pouco tempo antes, durante uma breve viagem de ida e volta a Londres, Jean-Luc conhecera seu novo produtor, Iain Quarrier, e Mick Jagger. Este se mostrara bastante favorável à ideia de ser filmado em pleno trabalho e pedira apenas a máxima discricção possível: os criadores eram ele e os Stones, não Jean-Luc. Eles tinham se entendido na hora: cada um teria seu lugar e não se intrometeria no do outro.

Passei meu primeiro dia passeando por Londres sozinha, enquanto Jean-Luc, que chegara cedo ao estúdio, estudava as possibilidades do espaço atravancado de objetos, os lugares que os músicos, os instrumentos e os microfones ocupariam. Quando fui a seu encontro para jantar, estava mandando instalar um travelling que desenhava no chão uma espécie de oito. Técnicos ingleses seguiam suas indicações sem pestanejar. Jantamos num pub. Jean-Luc parecia calmo e, como eu, aliviado por estar em Londres para fazer um filme. Ao menos foi a impressão que me passou. Depois, voltamos ao estúdio para esperar pelos Stones, que deviam chegar em torno das dez horas, mas apareceram em ordem dispersa por volta da meia-noite. Jean-Luc continuava calmo, não se impacientava, repetia com os maquinistas ingleses os movimentos do travelling. A câmera 35 mm estava provida de um rolo capaz de filmar planos-sequências de doze minutos, exatamente o que ele queria. Eu estava com minha Pentax, a máquina fotográfica que não tirara do apartamento durante o mês de maio, por medo de que fosse quebrada. Mick Jagger foi o primeiro a chegar e conversou com Jean-Luc por alguns minutos. Quando compreendeu que eu era sua mulher, me lançou sorrisos encantadores como fazia com mais ou menos todo mundo. Mesmo assim, fiquei nas nuvens, extasiada.

Depois chegaram Brian Jones, Charlie Watts, Bill Wyman e por fim Keith Richards, de braço dado com Anita Pallenberg. Subitamente, o estúdio ficou cheio. Ao contrário de Mick Jagger, ninguém olhou para nós, nem para a câmera ou para a equipe de cinema. Tínhamos nos tornado invisíveis. Fomos avisados de que a música que seria gravada e que Jean-Luc filmaria se chamava

Sympathy for the Devil. Eles começaram por afinar os instrumentos e regular os microfones. Era apenas um aquecimento, mas o ambiente se

106

tornou elétrico. Guiados por Mick Jagger, eles experimentavam, improvisavam. Baseados circulavam entre eles e as pessoas que os acompanhavam. Uma mesa fora posta num canto com comidas e bebidas. O tempo passava sem que nos déssemos conta. Melodias voltavam, levando a improvisações que satisfaziam Mick Jagger ou que, ao contrário, o deixavam furioso. Ele então parava tudo, saía do lugar e andava em círculos, buscando uma solução. Ouvíamos seus murmúrios coléricos de "Oh, shit!". Estava muito concentrado, mas isso não o impedia de dirigir a Jean-Luc e à câmara um de seus sorrisos arrasadores, para verificar o poder de seu charme. Jean-Luc, impassível, filmava tudo. Eu, fascinada, fazia fotos. O trabalho deles logo era retomado e a voz singular de Mick Jagger enfeitava o estúdio. Keith Richards tocava guitarra e baixo de pés descalços, num jeans que delineava todos os detalhes de sua anatomia. Mantinha os olhos quase sempre semicerrados. Talvez porque nunca tentasse seduzir, talvez porque nos ignorasse e continuasse ignorando até o fim, achei-o ainda mais sexy que Mick Jagger. Jean-Luc percebia e se divertia. "Você gostou desse Stone", ele me disse durante uma pausa. Durante uma tomada que parecia se arrastar, Keith Richards pousou a guitarra, pegou Anita Pallenberg pela mão e levou-a para trás de um biombo. Seus camaradas pararam de tocar na mesma hora, sem o menor sinal de mau humor. Mick

Jagger veio até Jean-Luc. "Estão fazendo amor, vamos esperar"; disse, cúmplice. "Então vamos esperar também", respondeu Jean-Luc, interrompendo as filmagens enquanto os técnicos olhavam fixamente para o biombo tentando surpreender algum movimento. O casal voltou e o trabalho foi retomado. Um tema musical, que ouvidos mais treinados que os meus saberiam descrever, parecia surgir. Eu tinha perdido completamente a noção do tempo e admirava a intensidade da concentração deles,

107 assim como a de Jean-Luc, que me parecia bonito, tão sedutor quanto os Stones. Em dado momento, Mick Jagger decidiu que estava na hora de ir embora e que na noite seguinte eles continuariam.

Quando todos nos vimos, músicos e técnicos, na calçada na frente do estúdio, fiquei surpresa de constatar que estava claro, que os londrinos se apressavam rumo ao trabalho e que outro tipo de vida parecia existir: eram oito horas da manhã. Deitar e dormir, um nos braços do outro, nos deixou felizes. Era quando filmava, quando criava, que Jean-Luc mais me encantava. Murmurei-lhe que estava apaixonada por um cineasta, não por um militante que fazia as vezes de comissário político. "Do que está falando?", ele ainda conseguiu articular antes de cair no sono.

Jean-Luc passara uma parte da tarde no estúdio para fazer algumas modificações no travelling da véspera. Os trilhos continuavam desenhando uma espécie de oito no chão, eram modificações de alguns centímetros,

imperceptíveis. Na verdade, estava experimentando, animado por um desejo de perfeição que me comovia muito e que me fazia lembrar das filmagens de A chinesa e de Week-end.

Os Stones chegaram mais cedo, todos juntos. Pareciam descansados e de bom humor, faziam piadas que não entendíamos. Somente Brian Jones se mantinha afastado, como que perdido num devaneio solitário. Mais tarde percebemos, examinando as provas das filmagens, que ele sempre aparecia de costas. As melodias esboçadas na véspera foram retomadas com mais firmeza e com longas improvisações, hesitações, erros. Mick Jagger parava com frequência e se isolava murmurando o que julgávamos ser a letra da música entrecortada por ruidosos "Oh, shit!". Os outros esperavam por ele sem manifestar qualquer impaciência, depois tudo era retomado com ainda mais energia. Jean-Luc e a câmera giravam em volta deles em

108

longas panorâmicas. Por volta das duas horas da manhã, uns quinze amigos da banda chegaram, jovens notívagos e festeiros, representantes da Swinging London da época. Entre eles, reconheci Marianne Faithfull e o ator James Fox. O clima de festa se espalhou, houve uma longa pausa que Mick Jagger decidiu subitamente encerrar: ele era de fato o líder. Alguns de seus amigos deixaram o estúdio para continuar a festa em outro lugar, outros ficaram, como Marianne Faithfull. Ela participou do coro que os Stones formavam ao redor de

Mick Jagger. A canção começava a se afirmar e, para as testemunhas como eu, era incrível assistir àquele momento de criação. Ao fim da noite, eles tinham chegado, apesar dos erros e de novas e longas improvisações, a um esboço de versão que fez Mick Jagger se declarar satisfeito. Ele estava contente e conversou por um momento com Jean-Luc, pedindo sua opinião a respeito de tal ou tal parte. Jean-Luc improvisava respostas que convinham perfeitamente ao cantor. "Que filho da puta!", ele comentou com admiração no táxi que nos levava ao hotel. A terceira noite começou com animação. Os Stones sentiam que haviam progredido, que as melodias elaboradas na véspera eram boas. Anita Pallenberg e Marianne Faithfull os acompanhavam e encorajavam. Alguns trechos eram repetidos obsessivamente, os Stones e as duas companheiras entravam então em longos transes. Eles continuavam em pleno trabalho de criação, mas aquilo se tornara praticamente um espetáculo. Os amigos que passavam confirmavam essa impressão marcando o ritmo e dançando. Jean-Luc precisou intervir várias vezes porque eles pisavam nos trilhos do travelling ou apareciam no plano. Como ninguém obedecia, foi Mick Jagger quem lhes pediu para que saíssem do estúdio. Estava visivelmente preocupado que o filme fosse feito

109

dentro das melhores condições, enquanto os outros Stones continuavam nos ignorando. Estávamos todos tão tomados pela música que ninguém notou a agitação sonora que crescia fora do estúdio, onde tudo deveria estar em silêncio. Algumas pessoas irromperam de

repente no estúdio para nos avisar que o prédio estava em chamas e que deveríamos evacuá-lo com urgência. Após alguns segundos de estupor, cada um pegou o que podia e correu para a saída. Desconhecidos nos ajudavam carregando a câmera, os instrumentos musicais, tudo o que fora utilizado na gravação daquela versão de *Sympathy for the Devil*. Esses desconhecidos, que trabalhavam no estúdio, foram admiravelmente eficazes e salvaram o essencial. Reunidos na calçada da frente, acompanhávamos o trabalho dos bombeiros, recém-chegados, em sua luta contra o fogo. Às vezes um deles nos pedia para recuar, temendo explosões. Mas nada acontecia e voltávamos a nos postar na frente do incêndio. Era um espetáculo tão fascinante que ninguém pensava em ir embora. Os Stones estavam particularmente empolgados. Generosos, faziam circular baseados e garrafas de uísque, e tanto os técnicos quanto os funcionários do estúdio aproveitavam com alegria. O clima parecia o de uma festa psicodélica. Keith Richards, que não largara a guitarra, começou a improvisar acordes parecidos com os da véspera. Marianne Faithfull e Anita Pallenberg dançavam sozinhas ou uma com a outra. Às primeiras luzes da aurora, o incêndio foi definitivamente controlado. O chefe dos bombeiros e o diretor do estúdio pediram para ver Mick Jagger e Jean-Luc para informar-lhes que a gravação do disco não poderia ser retomada antes de vários dias. - Oh, shit! - disse um. - Ótimo, voltamos para Paris! - disse o outro.

Tomávamos o café da manhã no quarto e Jean-Luc maquinalmente ligou a televisão. O senador Robert Kennedy acabara

de ser assassinado em Los Angeles, as imagens que passavam ininterruptamente mostravam seu corpo caindo sob os disparos. Passado o primeiro momento de assombro, caí em prantos. Não era apenas por causa dele e da selvageria daquele assassinato que eu chorava: revivi o de seu irmão e de seu suposto assassino, Lee Oswald, e a morte de meu pai, ocorrida pouco depois. Jean-Luc, menos comovido pela notícia do que por minhas lágrimas, tentava me acalmar. Eu tentava me explicar, mas ele não conseguia entender. Então, ninou-me por um bom tempo em seus braços, em silêncio, tentando dissimular sua irritação. Mais tarde, no avião de volta, eu continuava em estado de choque enquanto ele refletia sobre as consequências da eliminação de Robert Kennedy para a Guerra do Vietnã. "Eu me pergunto como Charles analisará este novo dado!" Charles? Eu tinha esquecido completamente daquele lá. Fazia apenas quatro dias que saíramos de Paris e tudo mudara. Os automóveis tinham voltado a circular, as montanhas de detritos não atravancavam mais as calçadas, as ruas tinham sido recobertas de asfalto. Ao escancarar as janelas para arejar o apartamento, ainda senti um forte cheiro de gás. Olhei para a rue Saint-Jacques e descobri com assombro que a bandeira vermelha não ondulava mais acima da cúpula da Sorbonne, parecia ter sido decapitada. Minha tristeza voltou a crescer. - O belo mês de maio definitivamente chegou ao fim. - Não, camarada. Jean-Luc brandia o punho e, imitando Jean-Jock: - É só o começo, a luta continua!

III

No dia 7 de junho, todo mundo, ou quase, havia voltado ao trabalho. Os estudantes se preparavam para as provas de fim de ano, os secundaristas, como meu irmão Pierre, para o baccalauréat. Ele estava feliz porque a prova escrita fora suprimida. Mas restava a prova oral, ele não queria ser reprovado e estudava bastante. Graças à sua mobilete, ele vinha com frequência para o Quartier Latin. O Théâtre de l'Odéon continuava ocupado, mas ele não punha os pés lá dentro: ele e eu detestávamos a atmosfera que reinava ali. Jean-Luc se juntara aos amigos maoístas que frequentavam os círculos operários, para quem os acordos de Grenelle eram uma grande enganação. Para eles, a luta continuava, se intensificava. Os franceses, em sua maioria, não estavam mais do lado deles, mas do lado da ordem, e esperavam com impaciência pelas eleições legislativas. Como minha família, acreditavam numa esmagadora maioria gaullista. No dia 10 de junho, em Flins, durante violentos enfrentamentos entre as forças da ordem, operários e estudantes, um jovem, Gilles Tautin, morreu. Perseguido por policiais enfurecidos, ele se atirou no rio para fugir e acabou se afogando. A repercussão de sua morte foi enorme, mesmo na opinião pública. No dia seguinte, uma grande manifestação de luto e protesto foi organizada. Jean-Luc, Rosier, Bambam e eu participamos, ao lado de Jean-Jock, de amigos artistas e técnicos de cinema e teatro.

Estávamos longe do espírito alegre das manifestações de maio, era uma coisa nova, uma mistura de tristeza, desejo de vingança e ódio. Nem mesmo Jean-Jock cantava. Várias vezes, desconhecidos que reconheciam Jean-Luc iam falar com ele. Alguns exigiam com agressividade que prestasse contas, censuravam seus silêncios ou, ao contrário, suas palavras, mal interpretadas. Outros, simpatizantes que não sabiam mais o que pensar, pediam-lhe soluções, sugestões de caminhos a seguir. Depositavam nele esperanças desmedidas. Ainda mais perdido, Jean-Luc só conseguia responder: "Não sei". Cenas desse tipo já tinham acontecido durante as últimas manifestações de maio, mas Jean-Luc me pareceu, naquele 11 de junho, mais impactado, mais desesperado: ele realmente não sabia o que responder. Um grupo de jovens professores insistiu: "Mas o senhor é uma figura pública, soube antecipar o que estamos vivendo emA chinesa, precisa nos esclarecer as coisas". Bambam, sensível ao crescente mal-estar de Jean-Luc, afastou-os com gentileza. Quanto mais o tempo passava, mais a atmosfera se tornava agressiva e cheia de ódio pelo governo, pelos sindicatos operários e pelos sindicatos estudantis. Alguns manifestantes afirmavam em alto e bom som sua vontade de chegar às vias de fato, outros sua decepção e seu rancor. Outros ainda, entre os quais muitos de nossos amigos artistas, abandonavam a passeata, sentindo que algo de ruim aconteceria. Foi o que Bambam decidiu fazer, parecendo deixar Jean-Luc aliviado. Eram quase sete horas, ele propôs que fôssemos jantar no Balzar. Jean-Jock hesitou por um breve momento e escolheu ficar "para ver no que vai dar". "Você nos fará um relatório, camarada comissário político?", Jean-Luc tentou ironizar. Jean-Jock prometeu que sim. Instalados em nossos lugares de sempre no

Balzar, ficamos em silêncio. Jean-Luc parecia tão perdido que Rosier não tinha

113

mais vontade de provocá-lo. Para ela, aquilo devia representar um grande esforço e talvez tenha sido o que ajudou Jean-Luc a falar. - Não entendo o que esperam de mim, tanto os que me querem bem quanto os que me querem mal. Rosier hesitou, depois falou, com tato: - Como disse um dos professores, você é uma pessoa pública, um oráculo, uma estrela, uma espécie de deus. - Como assim? Como? Rosier tinha razão. Lembrei-me das acolhidas idólatras que ele recebera em Cuba e nas universidades americanas, e da maneira sincera com que Jean-Luc as ignorava, da emoção que eu sentira ao ver que ele não notava nada. Então o mês de maio de 1968 o fizera perder aquela candura? Ele parecia pensar o mesmo que eu e disse, numa convicção um tanto desesperada: - Então vou desaparecer, vou me colocar a serviço dos outros. Naquele exato momento, ouvimos uma primeira explosão seguida de gritos, chamados, vidros quebrados e sirenes de bombeiros: uma nova noite de revoltas começava. Bambam correu para pagar a conta e saímos da brasserie, decididos a voltar para nossas respectivas casas. As forças da ordem subiam em fileiras cerradas o boulevard Saint-Michel na direção da place Edmond-Rostand. Usavam armas e capacetes, avançavam a passos curtos e rápidos, como soldados. Os que seguiam à frente do grupo lançavam o que mais tarde soubemos ser granadas ofensivas. Outros, gás lacrimogêneo. Para os lados da rue Soufflot e da rue Gay-Lussac, ouvimos novas explosões e avistamos algumas

chamas no alto do boulevard: carros pegavam fogo. No boulevard Saint-Germain, na esquina com a rue Saint-Jacques, os camburões da polícia esperavam, em reforço. Mas esses camburões tinham mudado, agora eram blindados, pareciam tanques de guerra.

114

Graças aos nossos passaportes suíços, nos deixaram passar. Do outro lado do boulevard, vimos um início de barricada se formando na place Maubert, cartazes eleitorais incendiados. Policiais saíam em grande número dos camburões blindados. Em apenas dez minutos, uma violência inaudita inflamara o Quartier Latin. "Vamos sair daqui", disse Jean-Luc, que me puxou correndo até nosso prédio. Desabamos sem fôlego nos primeiros degraus da escada, atentos aos ruídos que chegavam da rua e nos confirmavam que, de fato, os enfrentamentos aconteciam para os lados da place Maubert. Ouvi os batimentos desordenados do coração de Jean-Luc e do meu. Ouvi que se acalmavam, voltavam ao ritmo normal. - Me leve no colo - pedi subitamente. - O quê? Agora? Jean-Luc ficou perplexo. - Sim, agora. Fiquei com tanto medo que ainda estou com as pernas bambas... Estava exagerando só um pouco. Meus olhos choravam, irritados pelo gás lacrimogêneo. Jean-Luc se deixou enternecer, colocou meus braços em volta de seu pescoço e me ergueu do chão. Um pouco menos rápido do que das outras vezes, talvez, subiu os degraus de dois em dois até nosso apartamento. Uma vez protegidos pela porta trancada, pousou-me no chão, mas me manteve apertada contra seu corpo. - Também fiquei com medo - murmurou. Depois, num tom de

orgulho e se desgrudando de mim: - Mas não fiquei com as pernas bambas! Nosso primeiro pensamento foi para Rosier e Bambam. Tinham conseguido atravessar o boulevard Saint-Michel tomado pelas forças da ordem que subiam ao assalto? Já estariam na rue de Tournon? O próprio Bambam nos respondeu: como nós, tinham acabado de chegar em casa. Ele descreveu o que via atrás dos

115

janelões envidraçados: ambulâncias bloqueadas pelas forças policiais, jornalistas repelidos. - Tudo parece estar se concentrando na direção do Panthéon, mas não consigo ver mais que algumas chamas. Uma grossa nuvem de fumaça de algum incêndio mesclada à do gás lacrimogêneo chega até nós e contamina o ar. Vamos ligar o rádio. Ligamos o nosso na Europe Numéro 1. Um jornalista tentava relatar o que via, na place du Panthéon. Devido ao barulho infernal de explosões e sirenes, ele precisava gritar para ser ouvido. Com sua voz rouca, explicava que era um dos primeiros jornalistas a chegar ao local. A situação lhe parecia extremamente confusa. Ele distinguia diversos grupos, sem ligação entre si, sem líder e sem palavras de ordem. Somente alguns estudantes, que ele julgava pertencerem à UNEF e que portavam megafones, pediam sem cessar: "Voltem para casa, não se deixem manipular... A manifestação de luto terminou há muito tempo... Voltem para suas casas". Em vão. O jornalista tossia, queixava-se da intensidade do gás. Um grupo de uma centena de jovens, rostos cobertos por lenços, muitas vezes com capacetes e armados de coquetéis Molotov, lhe parecia

particularmente perigoso porque estava visivelmente determinado a lutar. Eles não falavam entre si, não gritavam nenhuma palavra de ordem. "Fazem pensar num comando treinado para a guerrilha urbana", comentou o jornalista. O telefone tocou, Jean-Luc atendeu: "Sim, estamos aqui. Não. Vou passar para ela": E me estendeu o telefone. - Sua mãe. Minha mãe também ouvia a Europe Numéro 1 e estava muito preocupada porque não recebia notícias de Pierre fazia algum tempo. Tentei tranquilizá-la, mas logo fui contagiada por sua preocupação: Pierre sem dúvida estava no Quartier Latin. Prometi à minha mãe que ligaria se ele viesse para nossa casa e a

116

fiz prometer que faria a mesma coisa quando ele voltasse. Estávamos unidas pela mesma angústia. - Espero que seu irmão não esteja no Panthéon - disse Jean-Luc. - A coisa vai mal. O jornalista continuava falando numa voz entrecortada que revelava um medo palpável. Ele tentara chegar perto do grupo armado, mas os jovens da primeira fileira o afastaram com brutalidade. Depois o grupo se aproximara da delegacia. Agora, atacava-a com coquetéis Molotov. Eles dispunham de um verdadeiro arsenal, pois, assim que ficavam de mãos vazias, novos coquetéis surgiam. "Nunca vi nada igual!", ofegava o jornalista. Apesar do medo, ele continuava nos informando ao vivo. As portas da delegacia foram fechadas e uma parte dos manifestantes tentou derrubá-las. Mas a resposta não tardou a chegar. Do primeiro andar, policiais lançaram granadas que explodiram na calçada e feriram várias

peças. "Oh, meu Deus, granadas ofensivas, como em tempos de guerra... Pela primeira vez", o jornalista quase surtava. Um policial deu vários tiros para o ar, semeando um início de pânico. Manifestantes fugiam, enquanto outros, ao contrário, se uniam às fileiras do grupo armado. Sirenes ao longe anunciavam a aproximação massiva das forças da ordem que chegavam em reforço e, finalmente, de algumas ambulâncias. O telefone tocou e eu atendi. Era meu irmão que acabara de chegar à rue François-Gérard. Ele vinha do Panthéon e confirmou o que estávamos ouvindo. Mamãe e ele também ouviam a Europe Numéro 1. Passei a extensão a Jean-Luc. - Depois do chamado de dispersão daquela manifestação sinistra, segui ao acaso um grupo de jovens e me vi no Panthéon, perto daqueles loucos de pedra. Quando eles atacaram a delegacia, fui atrás... Jean-Luc pegou o telefone e me passou a extensão. - Você enlouqueceu completamente - ele disse. - Devia ter fugido.

117

- Eu estava com a máquina fotográfica e flashes, queria fazer umas fotos. Mas quando os policiais do primeiro andar jogaram granadas ofensivas, e uma explodiu bem perto de mim, tive muito medo e fugi correndo para os lados da rue de Vaugirard, onde tinha estacionado a mobilete. Jean-Luc ia fazer uma pergunta, mas Pierre se adiantou: - Não tenho a menor ideia de quem eram aqueles doidos. Vinham de outro lugar, ninguém nunca os tinha visto antes... Arruaceiros que só queriam destruir e pilhar, sem dúvida. - Arruaceiros manipulados pela polícia? Provocadores? Os famosos catangueses*

que semeiam a desordem na Sorbonne e que os estudantes não conseguem expulsar? - Talvez... Mesmo presente durante o ataque, não posso dizer mais que isso. Eles trocaram mais algumas palavras e Pierre concluiu: - Amanhã, não importa o que acontecer, não vou sair de casa, preciso estudar: o bac está logo ali e tenho tanto medo de ser reprovado quanto tive no Panthéon. O jornalista que ouvíamos ao vivo havia passado o microfone ao colega na place Maubert, que contou sobre a retomada do controle por parte das forças da ordem. Havia muitos feridos no chão, do lado dos manifestantes, sobre os quais os policiais investiam a pontapés e golpes de cassetete com uma raiva e uma violência que faziam suas vozes tremer. Ouvimos com toda clareza os policiais insultando o jornalista e ordenando que desse o fora se não quisesse ter o mesmo destino. A frase "Estamos de saco cheio dessas rádios de merda" foi repetida várias vezes. Então um terceiro jornalista assumiu a transmissão ao vivo: no boulevard Saint-Germain, outros grupos incendiavam todos os cartazes eleitorais. Um quarto descreveu a mesma coisa no boulevard de Bonne-Nouvelle.

*17. Grupo de jovens armados que ocupava a Sorbonne ao lado dos estudantes. [N. E.]

118

Jean-Luc desligou o rádio bruscamente. - Odeio essa gente - ele disse. - Gostaria de ter estado entre os que atacaram a delegacia, todas as delegacias deveriam ser atacadas... Ah, não, a luta não acabou, pelo contrário,

ela acaba de começar. O ódio que eu lia em seu rosto confirmava suas palavras e me assustou. Deitei sem abrir a boca. As capas dos jornais da manhã mostraram as ruas de Paris devastadas e anunciaram mais de duas mil detenções, das quais 42 foram mantidas. Marcellin, o novo ministro do Interior, proibiu todo tipo de manifestação. Sua nomeação pretendia mostrar o endurecimento do governo, que acabava de dar a prova clara disso. Na noite de 14 para 15, os estudantes expulsaram da Sorbonne os chamados catangueses, que foram se refugiar no Théâtre de l'Odéon, onde restavam apenas desempregados e sem-teto. As forças da ordem intervieram e recuperaram o teatro sem dificuldade. Os relatos sobre o estado do local macularam a imagem do mês de maio. Ao endurecimento do governo respondeu o endurecimento de estudantes e operários. Os dois lados se radicalizavam e enfrentamentos violentos ocorriam na porta das fábricas. Jean-Luc viajou ao interior para levar equipamentos cinematográficos aos operários em luta. Saíra de sua reserva e queria participar das diferentes formas de resistência. Como nos dissera, colocava-se a serviço dos que lhe pediam ajuda. Recebia quem quisesse vê-lo com uma humildade que me deixava estupefata. Quando eu voltava para casa, encontrava-o com alguns jovens que falavam com segurança, como se fossem os únicos detentores do saber. Ele ouvia. Em casos como esses, eu me sentava com eles e, como costumava fazer, não abria a boca. Meu silêncio logo os deixava pouco à vontade e eles não dissimulavam o que pensavam de mim: eu era uma burguesa a léguas de distância das lutas operárias.

À noite, eu pedia explicações a Jean-Luc: por que aqueles jovens rapazes e moças eram "interessantes"? Ele não sabia o que responder e desconversava, mencionando minha "má vontade" ou minha "hostilidade". Ele não queria mais ir ao cinema, nem encontrar os Jeanson, como tínhamos planejado um mês antes. Michel e Nella Cournot nos convidaram, um domingo, para visitar a casa deles em Sceaux, mas Jean-Luc recusou o convite sem a menor explicação. De minha parte, eu não queria segui-lo às reuniões que frequentava, nem conhecer Charles mais a fundo. Jean-Jock, sempre na cola de Jean-Luc, era o único de quem eu gostava. Conservava a alegria, o frescor, mesmo quando discursava. Eu filmava minha última aparição em Osgângsteres deBonnot. O filme atrasara por causa da greve e Jacques Brel precisava abandonar as filmagens. A atmosfera era tensa, portanto, e Philippe Fourastié, que me parecia com pressa de liberar Brel, filmou um pouco rápido demais a sequência que reunia ele, Annie Girardot e eu.

Fiz um comentário a respeito, na mesma noite, com Armand, que defendeu nosso diretor: "O que mais ele poderia fazer?". Quando Jean-Luc me avisava que talvez voltasse tarde, eu às vezes jantava com Armand e sua amiga Pat'. Ela e eu lembrávamos com nostalgia de nossos passeios de patins, que já pareciam pertencer a um passado distante. Eu também conversava com Rosier, pois estava preocupada com o que frequentemente opunha Jean-Luc a mim. Ela me tranquilizava: segundo ela, todos os homens passavam por sérios questionamentos pessoais ao se aproximarem dos quarenta. Ela tinha certeza de que ele me amava, ainda que a política, naquele momento, triunfasse sobre

o sentimento amoroso. Em contrapartida, me achava dependente demais. Quando ficou sabendo que eu não tinha conta em banco nem talão de cheques e que Jean-Luc me dava quando eu pedia um pouco de "dinheiro

120

trocado", ela ficou horrorizada. "Mas você trabalha, ganha a própria vida! Ele é que recebe seus pagamentos?" "Hã, acho que sim." Ela me convenceu a mudar aquilo. Prometi que mudaria, mas não fiz nada: no fundo, aquilo me convinha. Pierre passou no exame oral do bac com brilhantismo. Jean-Luc e eu esperamos a seu lado a divulgação dos resultados. Enquanto o parabenizávamos, ele achou por bem esclarecer: "Cheguei com avaliações excelentes dos meus professores no liceu Jeanson-de-Sailly. Não merecia todas, mas, feliz acaso, eles eram de esquerda, tendência PSU*. Como eu era praticamente o único esquerdista da turma...". Uma universidade de Roma convidou Jean-Luc para um debate em torno do tema "Cinema e engajamento político". Ele seria acompanhado por alguns eminentes professores e por jovens cineastas italianos, como Bernardo Bertolucci e seu roteirista Gianni Amico. O debate seria aberto aos estudantes que, desde o início de março, também começavam a se agitar. Jean-Luc aceitou e eles fixaram a data do encontro para meados de julho. Isso me fez esquecer a esmagadora vitória eleitoral gaullista anunciada para as legislativas de 30 de junho. Que alegria voltar a Roma!

*18. Partido Socialista Unificado. [N. E.]

121

Outra alegria me aguardava ao fim do mês de junho, quando o telefone tocou certa manhã. Eu bebia o meu Nescafé na cama e Jean-Luc atendeu no escritório. Quase na mesma hora, gritou: - Para você, Bernardo! Peguei a extensão e ouvi Bernardo Bertolucci me contar seu próximo projeto de filme, espantada, a princípio, depois estupefata. Ele queria filmar uma adaptação do romance O conformista, de Moravia, com Jean-Louis Trintignant no papel-título, Stefania Sandrelli no da esposa e eu no da mulher do professor que o conformista, tornando-se fascista, assassina. Era bom demais para ser verdade e eu não conseguia acreditar no que ouvia. Sobretudo porque, um ano antes, Bernardo já me quisera para seu filme Partner mas eu fora firmemente recusada pelo produtor. Lembrei-o disso e ele se defendeu: a presença de dois atores franceses, Pierre Clémenti e Tina Aumont, proibira uma terceira francesa. "Você participará do próximo", ele me prometera. Bernardo ficava cada vez mais entusiasmado à medida que me explicava "il nastro film". As filmagens aconteceriam em Paris e na Itália, respeitariam a época e a história. A grande figurinista Gitt Magrini, que eu conhecia e admirava bastante, providenciaria os figurinos, e Gianni Amico trabalharia com ele na adaptação do romance de Moravia. - Você vai ver - ele disse. - Esse filme fará de mim um cineasta reconhecido no mundo inteiro, e de você, uma estrela!

Fazia certo tempo que Jean-Luc assistia à nossa conversa, sentado num degrau. Embora não conseguisse escutar o que Bernardo dizia, ouvia minhas respostas e seguia em meu rosto a emoção e a felicidade que me invadiam. Eu lhe fizera um sinal para que pegasse a extensão, mas ele recusara minha oferta. - O bom seria que você viesse antes do encontro na universidade, para que Gianni a conheça melhor, e para que nós três possamos conversar sobre o livro de Moravia e sobre nosso projeto de adaptação. O livro foi traduzido para o francês pela Flammarion, penso, leia-o logo e ligue-me em seguida - concluiu Bernardo. Eu adorava a musicalidade de sua voz, seu francês perfeito com um leve sotaque nortista e com a intrusão de algumas palavras italianas. Eu ficava quieta para melhor ouvi-lo. - Você me passa o Jean-Luc? Estendi o aparelho a Jean-Luc e, naturalmente, peguei a extensão. - Sim - disse Jean-Luc. Em Roma, Bernardo parecia se divertir. - A revolução rapidamente iniciada e rapidamente encerrada deixou você nesse humor? Tudo isso é tão francês! Vocês franceses são tão frívolos! - Sou suíço. E vá à merda, imbecil! Jean-Luc desligou com violência e se virou, furioso, para mim.

- Que projeto de filme é esse? Olhei para ele sem compreender. - Vocês conversaram, ele propôs alguma coisa que deixou você em estado de beatitude. O que era? Ele me encarava com tanta hostilidade que me vi incapaz de responder. Ele começou a se irritar: - O que é? - repetia.

- Você enlouqueceu - eu disse, me escondendo embaixo dos travesseiros para não ver nem ouvir mais nada. Esperei que ele saísse do apartamento para sair da cama. Eles se adoravam. Um ano antes, Jean-Luc ficara encantado com a ideia de me ver num dos filmes de Bernardo, nossa amizade o alegrava... Eu não sabia bem a quem ligar para compartilhar minha aflição. Rosier? Cournot? Mas como contar o que acabara de acontecer? Fiquei um bom tempo na banheira, alimentando pensamentos sombrios. Enquanto me vestia, ouvi a porta de entrada ser aberta e fechada, passos na escada interna. Depois, vi no alto dos degraus um buquê de rosas e um lenço branco sendo agitado. - Perdão - disse uma pequena voz invisível.

Para me provar seu desejo de reconciliação, Jean-Luc me convidou para almoçar num de meus lugares preferidos, o Tea Caddy, a poucos metros de nossa casa, na frente da belíssima e antiquíssima igreja Saint-Julien-le-Pauvre. Até pouco tempo atrás ele também apreciava aquele salão de chá de charme antiquado, muito tranquilo, onde eu havia conhecido Robert Bresson. Desde o início do mês de maio ele se recusava a pisar lá dentro. Como sempre, sua violência dera lugar à emoção contrária. Depois de se desculpar bastante, ele me perguntou de novo, mas com calma e atenção, em que consistia a proposta de Bernardo. Conte-i-lhe.

- Enfim, Bernardo está convencido de que o filme fará dele "um diretor reconhecido no mundo inteiro" e de

mim, "uma estrela".

Esta última parte me parecia particularmente engraçada, eu não levava a sério as ambições de nosso amigo, que até então tinha dirigido apenas três modestos filmes autorais. Uma expressão de tristeza invadiu o rosto de Jean-Luc. - Só isso? - ele perguntou.

124

Fez uma pausa, procurando as palavras certas, que não traíssem seu pensamento. Por fim: - Lamentável. Como ele ainda pode, nos dias de hoje, ficar correndo atrás desse velho cinema romanesco? Por que se afasta do mundo real? Escolhe a via mais reacionária e, ainda por cima, arrasta você junto? - Ele falou com ironia, também estava zombando de si mesmo... - Tenho certeza que não. A expressão de tristeza de Jean-Luc se acentuou, seus olhos se encheram de lágrimas. Era só o que faltava, começar a chorar... Forcei-me a rir. - Não estou nem aí para me tornar uma estrela, nunca serei uma! Não é isso que me interessa, você sabe! - Não, justamente, não sei. O que você quer? - Fazer filmes. O de Bernardo. O seu, em Londres. Vamos filmar a continuação do filme dos Rolling Stones em agosto, não? Jean-Luc me acariciou o rosto com aquela espécie de terna indulgência da época em que nos conhecêramos. O encanto do Tea Caddy parecia vencê-lo. Éramos os únicos clientes, num cenário tipicamente inglês, com madeiras escuras e pequenos vidros coloridos nas janelas para atenuar a luz do dia. Uma mulher loira, silenciosa, como uma heroína de romance

do século XIX, esperava que a chamássemos lendo um livro perto do carrinho das sobremesas. Paris se esvaziava de seus habitantes, as férias de verão acabavam de começar. - Comprarei sua passagem para Roma hoje à noite - disse Jean-Luc.

Bernardo me esperava no aeroporto de Roma, na saída dos voos internacionais. Quando me viu, fingiu tocar violino e entoou o Tema de Lara, do filme Doutor Fivago, que ambos admirávamos

125

muito. Respondi com o verso de um conto de fadas que todas as crianças italianas conheciam: Ucci, ucci, sento odore di Bertolucci. Essa frase apavorava as crianças, porque o Bertolucci em questão era um ogro. Os pais a utilizavam quando não eram obedecidos. Evocar Lara, depois o ogro, se tornara um ritual entre nós. O céu estava baixo e pesado, fazia muito calor. "As tempestades rondam a cidade, mas não é certo que estourem. Vamos deixar a mala no hotel para nos encontrarmos com Paola num pequeno restaurante do Trastevere?" Jean-Luc, que veio a nosso encontro no dia seguinte, no fim da tarde, tinha uma reserva de duas noites no Hotel d'Inghilterra, onde eu me hospedara durante as filmagens de Teorema. Paola era a companheira e não a esposa de Bernardo, pois fora casada e o divórcio era proibido na Itália. Era dona de uma magnífica loja de antiguidades perto da Piazza di Spagna. Como previsto, estava à nossa espera num terraço do Campo dei Fiori. Logo começamos a falar

sobre nosso futuro filme, do qual ela garantiria uma parte do cenário. Eu tivera tempo de ler e reler o romance de Moravia, e a ideia de todos trabalharmos juntos naquela história nos entusiasmava. - Mas não se iluda. Bernardo está fazendo esse filme para trabalhar com Trintignant. Paola também falava um francês excelente. - É verdade - admitiu Bernardo. - Estou apaixonado por Trintignant. Se fosse mulher, estaria enlouquecida por ele. Os filmes muitas vezes se originam do desejo amoroso de filmar uma mulher ou um homem, você deve saber, com Jean-Luc... Ele mudou de tom. - Espero que não volte a me chamar de imbecil. Fiquei com pena dele, na verdade. Conte-me o que ele anda fazendo. Tentei ser o mais sincera possível, mencionei as influências de Jean-Jock, de Charles e dos grupos maoístas que eu não conhecia, falei de seu desejo de mudar o cinema e de, às vezes, abandoná-lo.

126

Foi o que mais assustou Bernardo. - Jean-Luc é um gênio, seria um crime se parasse de fazer filmes. E para retomar a leveza, pois a gravidade não era característica sua, ao menos na frente dos amigos, acrescentou: - Senão, assumo o lugar dele. Você vai ver, Anne, O conformista vai mudar nossas vidas! O dia passou maravilhosamente bem. Eu nunca visitara a Villa Médicis, para onde Bernardo e Paola fizeram questão de me levar. Lá, encontraram alguns amigos que tinham visto meus três filmes e me trataram com afetuosa gentileza. Alguns estariam presentes no debate da universidade. De volta às ruas de Roma, uma violenta tempestade estourou e foi seguida por uma chuva fina.

Abrigados no famoso Caffè Greco, esperamos que a chuva passasse degustando taças de Campari. Paola me explicava a origem de alguns afrescos enquanto outros amigos se juntavam a nossas conversas. Roma era uma aldeia! Gianni Amico nos encontrou para jantar, no Campo dei Fiori. Bernardo apresentou-o como "o mais brasileiro dos italianos". Quando dava festas, todos os grandes músicos brasileiros de passagem por Roma apareciam e tocavam até altas horas da noite. Dois homens, músicos de rua, cantavam para os clientes dos restaurantes algumas canções napolitanas. Um tocava violino, o outro, gaita de boca. Eu já os tinha visto e sabia o que aconteceria a seguir. A um sinal discreto de Bernardo, eles se aproximaram de nosso grupo e, em voz baixa, entoaram:

Stamattina mi sono alzato O bella ciao, bella ciao, bella
ciao, ciao, ciao Stamattina mi sono alzato E ho trovato
l'invasor

127

O partigiano portami via, O bella ciao, bella ciao, bella
ciao, ciao, ciao O partigiano portami via, Ché mi sento
di morir.*

Era uma canção popular que, na última guerra, se tornou um dos hinos da resistência antifascista. Era considerada política demais e, portanto, indesejável nos terraços dos cafés e dos restaurantes frequentados pelos turistas. Os dois músicos eram do partido

comunista, do qual Bernardo era um simpatizante, e eu adorava ouvi-los, adorava a maneira clandestina e poética com que cantavam para ele e seus amigos. Até Jean-Luc ficava comovido e provocava Bernardo por seus laços com o PCI. Isso um ano antes, como seria no dia seguinte? Uma doce chuva de verão refrescava a noite, estávamos abrigados sob um grande guarda-sol, comendo e bebendo vinho da Toscana, por que se preocupar?

Bernardo marcara um encontro comigo ao meio-dia, para um aperitivo, na Piazza del Popolo, no café Rosati, frequentado por muitos intelectuais e artistas. Esperava por mim na companhia de um homem de cabelos brancos, que eu já vira com Pier Paolo Pasolini e que reconheci como o escritor Alberto Moravia. Eu não esperava por aquele encontro e fiquei tão impressionada que não pude fazer mais que apertar a mão que me era estendida. Metade francês, metade italiano, ele nos falou de seu livro e da escolha dos atores, que aprovava. Como na véspera, amigos passavam para trocar algumas palavras ou se sentavam e acompanhavam a conversa em curso. Um deles,

*19. Acordei esta manhã/Ó, querida adeus, querida adeus, querida adeus, adeus, adeus/Acordei esta manhã/E me deparei com o invasor/Ó, resistente, leve-me daqui,/Ó, querida adeus, querida adeus, querida adeus, adeus, adeus/Ó, resistente, leve-me daqui,/Porque me sinto morrer.

um produtor na casa dos trinta anos, me disse que Pasolini estava adaptando uma de suas peças para o cinema: só conseguia pensar em mim para interpretar a jovem, mas estava convencido de que eu recusaria porque não gostava dele. O mais estranho era que eu pensava que ele não gostasse de mim. Eu tentava explicar que devia se tratar de um grande mal-entendido quando fomos interrompidos pela chegada de um homem belíssimo que, na falta de uma cadeira disponível, sentou a cavalo numa floreira. Ele agia com uma negligência encantadora, apertou algumas mãos e abraçou Moravia. Depois, tirou o casaco e afrouxou a gravata, queixando-se do calor e dos trovões de alguma tempestade distante. Expressava-se com humor, parecia não notar o silêncio que se criara em torno de nosso grupo, de todos os olhares fixos em sua pessoa. Pedestres paravam para encará-lo e, subitamente, pedaços de papel e lápis surgiram de todos os lados. "Marcello! Marcello! Marcello!", suplicaram vozes apaixonadas. Eu estava sentada bem perto de Marcello Mastroianni e não o havia reconhecido!

Voltara a chover enquanto eu esperava Jean-Luc no aeroporto de Fiumicino, na saída da alfândega. Dois estudantes me acompanhavam, emocionados por terem sido encarregados de conduzir il Maestro e sua mulher à universidade. O evento aconteceria às oito e meia e o anfiteatro já estava quase cheio, eles me disseram. Jean-Luc desembarcou de mau humor, mas contente de me ver. Uma separação, mesmo curta, sempre tinha o poder de reanimar seus sentimentos amorosos, o que me alegrava. Deixar Paris, encontrar Bernardo e seus amigos, aquele mundo artístico que continuava a me

maravilhar como na época em que eu conhecera Robert Bresson, me fizeram muito bem. Eu tinha consciência de ser uma privilegiada e, por isso mesmo, me sentia muito mais confiante, com vontade de me portar bem, de ser a mulher que ele esperava que eu fosse.

129

O anfiteatro estava tão lotado que até as escadas estavam cheias. Alguns se mantinham de pé, ao fundo da sala. Aplausos e gritos diversos, que não sabíamos se eram hostis, saudaram a chegada de Jean-Luc. No palco, Bernardo, Gianni Amico e os outros oradores se levantaram e o aplaudiram. Jean-Luc foi ao encontro deles, visivelmente constrangido por aquela acolhida, enquanto eu me sentava ao lado de Paola, no lugar que me fora destinado, na primeira fila. Vivendo com ele, eu me esquecia a que ponto sua presença podia despertar paixões. Ele também, aliás, e durante alguns minutos pareceu um animal pego numa armadilha. Bernardo abraçou-o calorosamente, como somente os italianos sabem fazer, e o debate sobre o tema "Cinema e engajamento político" teve início. A princípio, Jean-Luc se contentou em ouvir em silêncio os professores, de tendência visivelmente comunista. Bernardo traduzia em voz baixa. Quando lhe passaram o microfone, com aparente suavidade ele começou a denunciar aquela concepção revisionista do cinema e se declarou completamente estrangeiro a tudo o que acabara de ser dito. Os professores protestaram e, sempre com toda suavidade, Jean-Luc respondeu-lhes que era mais que estrangeiro, que era hostil àquela concepção, até mesmo inimigo dela. Na sala, o debate começou a

inflamar os estudantes. Alguns aplaudiam as palavras de Jean-Luc, outros o vaiavam. Perguntas surgiam de todos os lados e Bernardo se via em dificuldade para traduzir tudo sozinho. Uma frase martelada por Jean-Luc voltava constantemente: "Vomito nessa concepção romântica do cinema e da obra de arte em geral". Essa radical tomada de posição fez a tensão subir e dividiu os estudantes em dois campos: os que lhe davam razão e os que protestavam, evocando obras-primas como *O desprezo* e *O demônio das onze horas*. "Renego-os, assim como renego todos os meus outros filmes." Bernardo, chocado, protestou: "Você não pode dizer

130

isso, esses filmes iluminam nossos caminhos". Era quase literalmente o que Philippe Garrel dissera durante a projeção de *Marie* pela memória.

Eu estava à beira das lágrimas, Paola parecia consternada. Aquela noite se tornava um pesadelo e parecia que nunca chegaria ao fim. Uma confusão geral agitava todos os alunos e professores. As palavras de Jean-Luc se tornavam cada vez mais obscuras e agressivas, sem relação alguma com os habituais paradoxos e as extravagâncias que me encantavam havia apenas um ano. Bernardo desistira de traduzi-lo e um professor inexperiente o substituíra. De repente, Jean-Luc se levantou e declarou em outro tom, calmo, pacífico: "Já disse tudo e não direi mais nada. A luta continua, camaradas!". Depois, insensível aos protestos dos estudantes e às tentativas de mantê-lo ali feitas por

Bernardo e pelos outros, desceu do palco. Eu não tinha outra opção a não ser segui-lo. Lá fora, a chuva se transformara em dilúvio. Ficamos abrigados embaixo de uma marquise. "Espero que tenham previsto um restaurante, estou morrendo de fome", disse Jean-Luc, "você também?". Não, depois daquela noite extenuante, eu não tinha vontade de mais nada. Bernardo, Paola, Gianni e a jovem que o acompanhava saíram e confirmaram que sim, tínhamos uma mesa reservada num bom restaurante perto da universidade. "Mas não contem com a presença dos dois professores de arte que deviam se juntar a nós, eles não virão." "Já vão tarde", respondeu Jean-Luc, despreocupado.

A escolha do menu nos ocupou por alguns minutos. Um silêncio pesado, cheio de subentendidos, instalou-se - o que não era comum. Por fim, foi Bernardo quem o rompeu. - Você não deveria ter se portado daquela maneira - ele disse a Jean-Luc. - Ninguém merecia tanto desprezo.

131

- E você deveria ter percebido que nunca me dirigi diretamente a você e ficar agradecido. Fiz isso por Paola e Anne. Mas agora vou falar: como eu antigamente, você fez um cinema de merda e vai continuar com toda boa-fé fazendo um cinema de merda. Está traindo os ideais de sua juventude, escolheu o lado dos opressores, tornou-se um inimigo de classe, meu inimigo de classe! Eu tentava interromper Jean-Luc, mas foi Bernardo, muito pálido, quem conseguiu fazê-lo, dando um soco violento

na mesa. - Cansei de suas lições de moral, você nem se dá mais conta das imbecilidades que está dizendo! - Então não temos mais nada a fazer juntos. Jean-Luc se levantou, pegou seu impermeável, que secava no cabideiro, e voltou para beijar Paola na testa. - Adeus, Paola - disse com solenidade. Depois, para mim: - Vamos? - Não. Ele se virou e me encarou, estupefato. - Não - repeti com mais firmeza ainda. Ele esperou alguns segundos, incrédulo, enquanto eu o encarava sem pestanejar, sem fraquejar. Por fim, saiu. Quando abriu e fechou a porta, uma borrasca invadiu o restaurante. O que acabara de acontecer era a repetição de um episódio recente que me causara uma dor imensa e do qual ainda não me recuperara, embora evitasse pensar a respeito. De maneira absurda, sozinho ou mal-aconselhado por seus misteriosos camaradas, Jean-Luc decidira que era preciso boicotar o Festival de Avignon, a exemplo do Festival de Cannes. Eu protestara com veemência: desde minha adolescência Avignon era sagrado. O festival nos convidara e nos recebera maravilhosamente bem um ano antes para apresentar

132

A chinesa na Cour d'Honneur. Conhecer Jean Vilar e Maurice Bédart me fizera sentir uma emoção enorme e quando eu os mencionava, era com respeito e amor. Ouvir alguns repetirem "Vilar, Bédart, Salazar!" me deixara indignada. Associar o nome deles ao do ditador português! Eu avisara a Jean-Luc que se ele continuasse com aquele projeto execrável, seria sem mim. Ele telefonara a François Truffaut, que lhe dissera a mesma coisa. Mas era preciso mais para Jean-Luc mudar de

opinião. Sem hora marcada, sem se fazer anunciar, ele entrara no gabinete de François Truffaut na Les Films du Carrosse. Eu o acompanhara na esperança de que aquele outro homem que eu admirava, que era seu amigo, soubesse encontrar palavras para convencê-lo. Não foi o que aconteceu. As palavras que eles trocaram foram extremamente violentas e marcaram o fim de uma importante amizade de juventude. No último momento, enquanto Jean-Luc, cheio de injúrias na boca, deixava o gabinete, François se aproximara de mim: "Adeus, Anne, creio entender o que estão vivendo e sinto muito". O alegre zumbido do restaurante me trouxe de volta ao momento presente. Gianni Amico, cheio de solicitude, me encorajava a terminar a massa que esfriava em meu prato, as duas jovens mulheres se esforçavam em falar das férias de verão e Bernardo, o rosto fechado, se servia de outra taça de vinho branco. "Que desastre, que desperdício", eu pensava. De repente, porém, a porta do restaurante se abriu, empurrada por um fantasma ou um naufrago, era difícil dizer. - Bando de imbecis, faz um quarto de hora que espero na esquina e ninguém foi me buscar! Jean-Luc, pingando, se plantou diante de nossa mesa, inundando tudo ao passar. Ele se inclinou na direção de Bernardo. - Saí daquela maneira para que você corresse atrás de mim e você, falso irmão, nem se mexeu!

133

Estava sendo tão afetuoso, tão terno, tão engraçado também, que caímos na gargalhada. Bernardo ajudou Jean-Luc a retirar os trapos que lhe serviam de impermeável e casaco, e o obrigou a vestir seu

magnífico pulôver de linho branco. Jean-Luc abriu um sorriso satisfeito, voltou a sentar na frente de Paola e juntou seu riso ao nosso. Nossas risadas chegaram às mesas mais próximas e logo às de todo o restaurante. Jean-Luc continuava sendo aquele homem totalmente imprevisível.

134

Eu não conseguia acreditar em Jean-Luc quando ele afirmava ter definitivamente dado as costas ao cinema. Julgava-o apenas ávido de novas experiências, levado pelo momento, ávido de outros caminhos, com pessoas diferentes daquelas com que sempre trabalhara. O que acontecera na universidade de Roma reforçou seu projeto de filmar no final de julho, em Flins, um debate entre estudantes e operários. Ele queria minha presença, que recusei na mesma hora. "Sou incapaz de participar de uma discussão desse tipo, incapaz até mesmo de compreender do que se vai falar." Ele insistiu: "Justamente, não precisará dizer nada, só ouvir, será uma burguesinha decidida a ter uma educação política, a mudar sua visão de mundo... Uma espécie de Cândido...". Aguardei firme e, com medo de cair numa armadilha, recusei inclusive a ir à filmagem para tirar fotos. No dia marcado, fui sozinha ao cinema rever um filme que ele me apresentara e que adorávamos, O rio sagrado, de Jean Renoir. À noite, nos encontramos com Rosier e Bambam no Balzar. Eles se preparavam para passar alguns dias de férias na Bretanha e nos convidaram para nos unirmos a eles. Aceitei com prazer, Jean-Luc não disse nem que sim, nem que não. No dia seguinte, ao anoitecer, houve a projeção do que ele

filmara na véspera. Na plateia estavam os dois jovens que eu via na tela, Jean-Jock, Charles com amigos que eu não conhecia, Bambam e Willy Lubtchansky, que captara as imagens.

135

Era um belo filme em preto e branco, em 16 mm. No que parecia ser um terreno baldio cercado pelos conjuntos habitacionais de Flins-sur-Seine, uma discussão política acontecia entre uma estudante, um estudante e três operários da fábrica Renault de Flins. Eu não saberia dizer quanto tempo aquelas cenas duraram, tamanho foi meu tédio. Eu reconhecia palavras de ordem entoadas em maio, fragmentos de discursos ouvidos aqui e ali, e não compreendia a necessidade daquele filme que se chamava Um filme como os outros. Um único momento me comoveu, quando a câmera se demorou no rosto da jovem loira que parara de falar e ouvia em silêncio, fumando um cigarro. Jean-Luc a filmara de perfil, quase distinguíamos a textura de sua pele. Durante alguns segundos, ele olhara para ela como olhara para mim durante as filmagens de A chinesa. Não senti ciúme algum, muito pelo contrário, aquela cena me tranquilizou: ele estava relativizando seus discursos teóricos em relação a seus filmes anteriores e os comentários ainda mais teóricos que Charles e seus amigos não deixaram de fazer. Jean-Jock estava contente, Bambam também, eu era a única que não falava nada. À noite, quando fomos nos deitar, Jean-Luc me confessou que meu silêncio o entristecera. Respondi que o amava, e ele, com tristeza: "Não estamos falando da mesma coisa". Jean-Luc me deixou partir para a

Bretanha, um pouco reticente. Mas a presença de Bambam o tranquilizava. Uma amizade que não passava pelas palavras se afirmava entre eles, agora que rompera com François Truffaut e que parecia se afastar de Cournot e Bernardo. "Cuide bem dela", ele repetia na plataforma da estação. Como no primeiro dia, temia que um desconhecido mais sedutor do que ele me raptasse. Telefonávamos um para o outro pela manhã e à noite.

136

Chegou a hora das filmagens serem retomadas em Londres. O filme agora se chamava One Plus One e Jean-Luc o via como uma punição. Quando lhe perguntei, no avião, sobre o que seria, ele me respondeu com uma frase que eu já o ouvira dizer: "A democracia é morrer lentamente". E acrescentou: "Você vai representar uma alegoria, Eva Democracia". Não entendi direito, mas não me preocupei: em A chinesa, acontecia-me de recitar frases que não entendia e Juliet Berto me confessou a mesma coisa. Eu ia sentir falta dela... Tínhamos um quarto no hotel Hilton, onde Jean-Luc era esperado por Iain Quarrier, o produtor que também era ator e teria um papel no filme, e por membros da equipe inglesa. Como tinham recebido apenas uma lista sucinta de algumas cenas, eles queriam especificações sobre o plano de trabalho. As filmagens começariam em três dias, eles não escondiam sua preocupação. Mais tarde, vindo a meu encontro na sala de jantar, Jean-Luc me disse que começaria por mim e falou um pouco mais a respeito do filme. Eu seria Eva Democracia, uma jovem perseguida por uma equipe de televisão que quer entrevistá-la a todo custo. A cena duraria uma dezena de minutos, seria

filmada em plano-sequência, como as outras. - Como você não fala inglês, responderá apenas yes ou no às perguntas dos jornalistas. - Como vou saber quando responder yes ou no se não entendo o sentido das perguntas? - Eu não tinha pensado nisso. Jean-Luc ficou perplexo. Não por muito tempo. Na época, quase todos os dias eu usava chapéus masculinos que dissimulavam meus longos cabelos ruivos. Surpreender os outros quando os retirava e revelava minha cabeleira me divertia bastante. Jean-Luc pegou aquele que eu estava usando, muito bonito, de feltro cinza, e agitou-o acima da mesa.

137

- Combinaremos um código. Se eu agitar o chapéu, dirá sim, se eu não fizer nada, não. Ou o contrário. Era astucioso e funcionou muito bem. Filmamos num campo muito verde, cheio de árvores, com um mato alto e muitos pássaros. Era uma paisagem de campo tipicamente inglesa, embora estivéssemos em Londres. A sequência durava dez minutos, era tecnicamente difícil de coordenar, precisava de muitas repetições. Uma falsa equipe de televisão me seguia em minhas perambulações, jornalistas me bombardeavam com perguntas que eu não entendia e, por trás da câmera que me precedia, eu via Jean-Luc pulando como um demônio e agitando meu chapéu. Eu respondia yes ou no, tomando meu tempo, dando a impressão de que estava refletindo. Quando vimos as cenas, Jean-Luc me cumprimentou: "Você se saiu muito bem!". Concordei com ele: ninguém nunca desconfiou de nosso stratagem! As outras sequências foram filmadas

segundo o mesmo princípio: planos-sequência de dez minutos que exigiam muita precisão e, portanto, tempo. Havia muita conversa, os personagens declamavam discursos políticos que eu mal entendia, apesar de Jean-Luc, a meu pedido, me fazer um resumo do que diziam. Falava-se muito do combate dos Panteras Negras, da violência necessária quando se passava à ação. No fim, eles executavam Eva Democracia, o próprio Jean-Luc entrava em cena com meu chapéu, que não tirava mais da cabeça, e me aspergia de sangue. Eu era depositada, ensanguentada, no platô de uma grua de cinema que subia para os céus. Duas bandeiras vermelhas me rodeavam e drapejavam ao vento: última imagem do filme. Embora às vezes ficasse impressionada com a beleza de algumas sequências e com a autoridade com que Jean-Luc dirigia a equipe, eu também me entediava um pouco. Não ousava admiti-lo para mim mesma, e Jean-Luc estava sobrecarregado demais pelas filmagens para perceber. A noite, invariavelmente

138

jantávamos no restaurante do hotel Hilton, pois todas as minhas tentativas de levá-lo a descobrir outros lugares tinham fracassado. Ele ficava quieto, perdido não sei em que pensamentos, e quando eu o questionava, ele respondia que aquelas filmagens eram a prova de que ele não tinha mais lugar no meio de uma equipe tradicional. Mencionava de novo e de novo o desejo de se colocar a serviço de uma causa, de um grupo. Jean-Jock e Charles, cada um à sua maneira, concordavam. A ideia de deixar Paris para viver no interior, numa cidade estudantil como Grenoble, também o tentava. "Tudo isso

ainda é muito confuso e caótico, mas vai acabar se ajeitando e chegarei a algo mais coerente. Não tenha medo." Ir ao cinema ou ao teatro não o interessava mais, ficávamos no quarto, na frente da televisão. O despertador que tocava muito cedo não explicava tudo, eu não sabia o que pensar daquela vida que me parecia apagada, longe da que vivíamos até pouco tempo. A impressão de que Jean-Luc me amava menos me incomodava. Mas bastava que ele se acordasse no meio da noite para me pegar nos braços e murmurar palavras de amor para que meus temores desaparecessem. Todavia, uma pergunta continuava: "É isso a vida a dois, a vida de casal?". Eu não me via trabalhando com um grupo político e menos ainda vivendo longe de Paris. Como conciliar tudo aquilo? A ideia de filmar com Bernardo me reconfortava.

De volta a Paris, Bernardo me telefonava regularmente para me manter a par da escrita do roteiro. Às vezes, me pedia para repetir uma frase de minha personagem, para testá-la. Eu me prestava de bom grado a esse jogo, sob o olhar zombeteiro de Jean-Luc. Embora não tivéssemos mais falado a respeito, havia como que um acordo tácito entre nós: ele não atacaria Bernardo, eu não me irritaria com a frequência com que ele citava Charles e seus amigos políticos que eu continuava sem

139 vontade de conhecer. Ele se interessava mais do que nunca pelo que acontecia no mundo, falava em filmar na Tchecoslováquia, inflamava-se pela causa palestina. De minha parte, tive a maravilhosa surpresa da ligação do jovem produtor italiano que eu conhecera no café Rosati. Ele me convidou para fazer o próximo filme de Pasolini e

passou-lhe o telefone. Um mais comovido que o outro, confessamos nossa vontade de voltar a trabalhar juntos. Ele queria fazer um filme em duas partes. A minha provavelmente seria filmada no início de 1969, em Pádua, com Jean-Pierre Léaud, entre outros. Originalmente, tratava-se de uma peça que ele escrevera para o teatro. "Há muito texto, portanto, vou mandar traduzi-lo e enviá-lo a você, depois você me diz se aceita o papel de Ida." Eu disse que sim na mesma hora, como havia feito para Teorema. Jean-Luc não gostou desse projeto. Para ele, Pasolini se tornara um traidor depois que ele tomara partido a favor dos policiais italianos, "filhos do proletariado", contra os estudantes, "filhos abastados da burguesia". Ao mesmo tempo, porém, continuava a admirá-lo. "Ele tem uma coisa irreduzível... É o homem mais corajoso que conheço", dissera. Depois, como para atenuar essa sinceridade, acrescentara, forçando o sotaque suíço: "E ele, grande militante homossexual, pelo menos não vai roubar você de mim!". No outono, ele aceitou fazer um filme em que "não estaria sozinho". A proposta vinha dos sócios Richard Leacock e D. A. Pennebaker, cujas reportagens sobre Joan Baez e Bob Dylan tínhamos adorado. Os dois se alternariam na câmera e Jean-Luc improvisaria o que quisesse filmar. Talvez um ou dois estudantes fizessem o som, mas não mais que isso. Com uma equipe reduzida a quase nada, dois cineastas que ele admirava e Nova York, que ele mal conhecia, Jean-Luc aceitou a proposta e dois dias depois deixávamos Paris. Daquela vez, levei minha Pentax.

Pennebaker e Leacock trabalhavam com jovens apaixonados por cinema e muito politizados. Todos estavam engajados contra a Guerra do Vietnã, defendiam a causa das minorias, participavam das marchas de protesto e frequentavam as universidades e os estudantes mais combativos. A chegada de Jean-Luc redobrou o ardor do grupo e ele logo se sentiu em terreno familiar. Fui recebida com simplicidade: era tanto a mulher de Jean-Luc quanto a intérprete de três filmes de que eles haviam gostado. Eles arranhavam o francês, eu, o inglês, mas nos entendíamos. Penny, como era chamado, era loiro, jovem e bonito, acostumado a causar boa impressão. Mas Leacock era meu preferido. De nacionalidade inglesa, não tinha nada do americano de jeans e camiseta e tudo do gentleman londrino. Alto, muito elegante em todas as circunstâncias, de humor constante, passava a impressão de ser o elemento estável da dupla. Era também o mais velho e, parecia-me, o mais atento e mais respeitoso. Jean-Luc a cada dia improvisava algo diferente. Como previsto, Penny e Leacock se alternavam na câmera, que levavam no ombro seguindo suas indicações. Um jovem rapaz ou uma jovem moça se ocupavam do som. Eu fotografava por prazer, encantada com aqueles bairros de Nova York que nem suspeitava existirem. O Harlem me impressionou de maneira especial. Filmamos nas ruas, numa escola e no cais, com duas garotas que seguravam um toca-discos, segundo a inspiração do momento de

141

Jean-Luc. Naquele mundo totalmente negro, éramos um minúsculo grupo de branquelos. Branquelos que

conversaram com LeRoi Jones e seus músicos na frente da casa desse intelectual afro-americano, a cuja peça *O metro fantasma* eu assistira em Paris. Embora eu não entendesse nada do que ele nos gritava, com o microfone na mão, sua agressividade e sua violência me assustaram. Continuei fotografando, embora temesse que a multidão negra que começava a se juntar nas calçadas resolvesse fazer alguma coisa. Jean-Luc ainda queria filmar uma banda famosa, a Jefferson Airplane. Como nos dias anteriores, nenhuma autorização de filmagem foi solicitada à cidade de Nova York. Mas não estávamos no Harlem e as coisas não andaram tão bem. A Jefferson Airplane, acompanhada de seus fãs, foi instalada no teto-terraço de um prédio e nossa equipe no do prédio da frente. O concerto improvisado começou, amplificado por potentes alto-falantes. Leacock segurava a câmera, eu o achava particularmente bonito e fotografei-o um pouco mais que de costume. Jean-Luc não deixou de perceber. "Gostou dele, não é?", perguntou sem ciúme, quase achando graça. À nossa frente, a festa continuava. A Jefferson Airplane se superava, os fãs dançavam, todo o bairro estava em polvorosa. Em pouco tempo, a polícia chegou. Policiais como os que víamos nos filmes americanos, brutamontes de quase dois metros de altura, cassetetes na mão e revólver na cintura. Leacock continuou filmando. Eles logo nos alcançaram, decididos a prender todo mundo. Enquanto nossos amigos conversavam com eles, Jean-Luc e eu nos divertíamos muito: aquilo nos fazia lembrar de certas cenas de maio de 1968. No fundo, conhecer as prisões americanas não nos teria desagradado... Diante da promessa da interrupção das filmagens e do show, além do pagamento de uma multa pesada, os policiais brutamontes foram embora e nos deixaram livres. A Jefferson Airplane e

seu pessoal desapareceram, nossa pequena equipe se reuniu numa lanchonete para comer cachorros-quentes. Jean-Luc, que estivera quase melancólico durante os dias anteriores, reencontrara um pouco de seu bom humor e de seu estado de espírito. Ele parecia feliz com o fim do dia de trabalho e com o fato de que a polícia tivesse sido responsável por aquilo. Quanto ao valor da multa, ele nem quis saber. Penny e Leacock, ao contrário, estavam com uma cara horrível. Para provocá-lo, Jean-Luc disse a Leacock: "Acho que minha mulher gosta de você". E ele, com uma modéstia desarmante: "Claro que não! Ela só fotografa o Penny!". Apesar da insistência dos dois em saber o que seria filmado no dia seguinte, Jean-Luc respondeu que não sabia.

Estar em Nova York sem que Jean-Luc estivesse filmando não era divertido. Ele não queria ver nada, visitar nada. Já pela manhã, ele ia para a única livraria francesa de Nova York, comprava todos os jornais franceses e americanos, voltava para o hotel e mergulhava na leitura. Depois, íamos almoçar ou jantar algumas quadras adiante num restaurante, sempre o mesmo, também francês. Penny e Leacock tinham nos convidado à casa deles, mas Jean-Luc encontrara um pretexto para recusar. Eu ficava ainda mais frustrada com aquela monotonia porque Bernardo e Gianni haviam me passado alguns números de telefone de amigos e me encorajado a entrar em contato com eles. Falaram principalmente de um, o saxofonista Gato Barbieri, que ambos admiravam muito. Jean-Luc dissera não a essas

sugestões e eu não ousara ligar por conta própria. Alguns dias antes do episódio da Jefferson Airplane, um produtor que Jean-Luc conhecera nas reuniões dos Estados Gerais do Cinema, Claude Nedjar, chegara a Nova York. Jean-Luc e ele tinham simpatizado com a ideia de fazer filmes baratos, próximos dos cine-panfletos de Chris Marker. Jean-Jock se associara

143

a eles e dois projetos já tinham surgido, um na Inglaterra, outro na Tchecoslováquia. Aquilo não me entusiasmava, mas eu reconhecia em Nedjar certas qualidades. Ele era dinâmico, sempre estava em movimento, e tinha um apetite insaciável por novas aventuras. Era o inverso absoluto de Jean-Luc. Com ele, nem pensar em ir todos os dias ao mesmo restaurante, ainda por cima francês. Ele queria aproveitar a estadia em Nova York para descobrir lugares, pessoas. Graças a ele, finalmente conheci um pouco daquela cidade incrível que Jean-Luc evitava. Na terceira noite após sua chegada, ele convenceu Jean-Luc a segui-lo a uma festa em que sem dúvida haveria jovens cineastas. Conversar com eles poderia enriquecer seus projetos em comum. Quem estava dando a festa? Ele não sabia, mas para ele isso não tinha a menor importância. Chegamos os três a um grande apartamento enfumaçado ocupado por umas trinta pessoas de todas as idades e origens. A porta estava aberta, ninguém veio a nosso encontro, mas indicaram-nos um aparador com bebidas e bolos "de haxixe", esclareceu um jovem. Baseados circulavam de mão em mão, um toca-discos tocava música brasileira no volume máximo. Muitos dançavam, aos pares ou

sozinhos, outros conversavam em poltronas confortáveis ou mesmo no chão. Nedjar, a mão estendida, apresentava-se a uns e outros ao acaso, iniciava conversas. Ele se serviu de um copo de uísque. Aceitei uma taça de vinho, mas Jean-Luc quis ir embora. Quando uma mulher de meia-idade, cabelos longos e vestida na moda hippie, lhe ofereceu uma fatia de bolo, ele ficou indignado. "Vamos dar o fora"; me disse. Eu não estava particularmente a fim de ficar, mas menos ainda de obedecer. "Não banque o estraga-prazeres", interveio Nedjar. "Vá dormir, se quiser, mas não impeça Anne de se divertir. Fico uma horinha e levo-a ao hotel, prometo." "Me divertir"? Por que não?

144

Servi-me de uma segunda taça de vinho e me sentei num sofá um pouco afastado. Observar tão de perto aquela fauna nova-iorquina me interessava. Eu me sentia num meio artístico e tentava adivinhar quem faria o quê. O apartamento era mobiliado com bom gosto. Nas paredes, havia telas abstratas, desenhos e cartazes de cinema, como *A doce vida* e *Acosado*. Um homem se sentara no sofá e olhava para mim. Ele sorriu e me perguntou em francês: "Você é a jovem de *Teorema*?". Examinei-o. Beirava os trinta anos, era moreno, bastante bonito, simpático. Sua maneira de se dirigir a mim era respeitosa e seu interesse por minha pessoa parecia genuíno. Fiquei contente por conhecer alguém, gostei de iniciar uma conversa. Falamos de nosso gosto em comum pela Itália e por seu cinema. Ele me perguntou se eu tinha algum filme em vista e respondi com orgulho que tinha dois, um com Pasolini e outro com Bertolucci.

Ao ouvir o último nome, ele abriu um amplo sorriso. "Conheço Bernardo muito bem, gosto muito dele. Na verdade, não me apresentei: sou Gato Barbieri, saxofonista, e esta é minha casa:'

O dia seguinte era um sábado e Nedjar convencera Jean-Luc a alugar um carro e dirigir até Montreal, no Quebec, onde acontecia um festival de cinema político. Os organizadores tinham convidado Jean-Luc a participar de um debate previsto para domingo. Em vez de fazer um rápido bate e volta de avião num mesmo dia, por que não aproveitar para ver outras paisagens? Jean-Luc gostara de ideia. Naquele sábado, porém, estava de péssimo humor. Na véspera, eu tivera que ouvir uma repreensão porque voltara da festa e dissera, cheia de alegria: "Cair por acaso na casa de Gato Barbieri! Eu tinha seu número de telefone, mas não usei ligar, que sorte! Que incrível golpe de sorte!': Minha frase o deixara furioso. "Era o que eu pensava: não pode ficar sozinha! Assim que viro as

145

costas, já está marcando encontros!" Suas palavras sinalizavam o início de uma crise de ciúme cujas premissas eu aprendera a conhecer. Decidi não as levar em conta e ir dormir. "Cretino!", disse-lhe carinhosamente antes de cair num sono tranquilo. Felizmente, uma vez longe de Nova York, o humor de Jean-Luc melhorou. Das montanhas suíças da infância, ele conservara um gosto profundo pela natureza, pelo inverno e pelas paisagens cobertas de neve.

Atravessamos florestas que não acabavam mais. De tempos em tempos, uma casa de madeira, pintada em cores vivas, com fumaça subindo da chaminé, nos lembrava que pessoas viviam ali, aquilo não era um deserto gelado. Pois além dos raros carros com que cruzávamos, não víamos sinal de civilização. "Florestas tão bem conservadas não são obra dos homens?", objetava Nedjar, que dirigia rápido e bem, e que se divertia com nosso entusiasmo. Às vezes, a nosso pedido, ele parava o carro e descíamos no acostamento. Jean-Luc e eu ouvíamos respeitosamente o silêncio da floresta, perturbado apenas pelo sopro do vento nos pinheiros. Respirávamos o ar gelado e ficávamos com lágrimas nos olhos, tremendo de frio, mas unidos na mesma emoção. Eu sentia o mesmo amor que ele pela natureza e também tinha vivido, criança, invernos no interior da Suíça. De volta ao calor do carro, cada um mergulhado em suas próprias recordações, não ouvíamos a conversa de Nedjar. "Por no mínimo dois anos, vivi de um lado do lago e você, do outro", eu disse. "Mas não tínhamos nem de longe a mesma idade", ele acrescentou, me abraçando. Estávamos subitamente apaixonados um pelo outro, felizes de sentir ao mesmo tempo as mesmas coisas. Aquele estado de euforia se prolongou noite adentro. Ficamos pouco à vontade com o sotaque quebequense, com o hotel superaquecido e com o vaivém de hóspedes, que contrastavam com as horas silenciosas percorrendo florestas. O debate de que Jean-Luc participaria seria no dia seguinte, logo depois

do almoço, e nossos lugares já estavam reservados no voo da noite. "Nada de dormir tarde. Temos a manhã livre, vamos aproveitar para passear", decretou Nedjar. Concordamos. Montreal nos pareceu o contrário de Nova York. Caminhamos pela cidade e, apesar das ruas transformadas num lamaçal e dos carros que circulavam com dificuldade na neve derretida, Jean-Luc se sentiu bem. Ele apreciava a diversidade arquitetônica, a jovialidade dos habitantes. Fui contaminada por seu entusiasmo. Depois, sempre sob o comando de Nedjar, saímos um pouco da cidade. Às margens da floresta, havia um grande campo coberto de neve. Um homem alugava motoneves, veículos que me lembravam um carro de bate-bate e que eram utilizados para passear no grande campo de neve. Pegamos dois: um para Nedjar, outro para nós. Eu dirigia, Jean-Luc ia atrás. O céu estava aberto, um sol de inverno iluminava a paisagem e estávamos sozinhos. Sozinhos e nos divertindo como crianças. Eu, que não sabia dirigir, senti um prazer enorme com a velocidade e com as manobras cada vez mais arriscadas que aquele campo nevado autorizava. Nedjar e eu apostávamos corrida, sem dar ouvidos a Jean-Luc que, de tempos em tempos, soltava inúteis "Devagar! Devagar!", com a esperança de nos fazer diminuir a velocidade. Dessa manhã, restou uma Polaroid tirada por Nedjar. Apareço de cabelos ruivos ao vento, com o longo casaco de raposa que eu usava na época, dirigindo com pulso firme, rindo de prazer. Atrás, Jean-Luc, em seu sobretudo preto, sorri, um pouco crispado, mas tão confiante naquele momento, tão confiante... De volta ao carro, ele decretou: "Quero voltar a esse país, voltar para filmar". E, para mim: "Você também? A gente se sente bem aqui, não?". Nedjar aplaudiu: "Deixe comigo. Enquanto isso, você termina o filme com Penny e Leacock. Achar contatos e

um pouco de dinheiro não deve ser complicado, há muito a fazer no Quebec!".

146

147

IV

Em meados de dezembro, estávamos de volta ao Quebec e dirigíamos rumo ao Grande Norte. A Nedjar, Jean-Luc e eu tinha se unido um cameraman conhecido por suas posições esquerdistas, que, no entanto, pouco falava. O projeto, imaginado um mês antes na euforia de uma manhã andando de motoneve, tomara forma. Tratava-se de um filme abertamente político que mostraria a duríssima greve dos mineradores de Noranda, na fronteira com o Alasca. Jean-Luc queria dar-lhes a palavra, pôr-se a seu serviço. Eu interviria para ler textos, panfletos, tudo ainda bastante vago. A ideia dessa expedição ao coração do inverno e ao fim do mundo não me alegrara como Jean-Luc tinha esperado, mas deixá-lo partir sozinho era impensável tanto para mim quanto para ele. Eu também queria agradá-lo: ele aceitara a contragosto Pasolini e Bertolucci, eu podia me esforçar para segui-lo, para estar a seu lado. O filme com Penny e Leacock fora interrompido pouco depois de nossa volta a Nova York. Jean-Luc, que não vira nada do que fora filmado, ficou sabendo que as imagens não correspondiam a suas indicações e aquilo justificara, a seu ver, o abandono das filmagens. Coisa que fez sem

dar ouvido às súplicas e, depois, às ameaças de seus ex-companheiros. Agora, tinham rompido relações. Nedjar e o cameraman se alternavam ao volante havia várias horas. O frio terrível que nos paralisava desde a descida do avião se acentuava à medida que nos afastávamos de Montreal.

O termômetro indicava doze graus negativos. Na estrada, o vento soprava sobre as florestas cobertas de neve. O solo e algumas árvores estavam congelados, transformando os acostamentos numa pista de patinação no gelo. Parar o carro pelo simples prazer de respirar e ouvir o silêncio teria sido absurdo. Um céu cinzento e baixo acentuava o aspecto lúgubre daquela região desértica. Eu estava muito longe do que experimentara durante o trajeto Nova York-Montreal e me perguntava o que Jean-Luc estaria pensando. Sentados um contra o outro no banco de trás, não abríamos a boca. Eu sentia crescer em mim uma sensação de angústia, teria gostado que ele me entendesse e me reconfortasse. A noite caíra havia um bom tempo quando chegamos à cidade de Noranda. Pelo que eu via pela janela, ela parecia adormecida. O relógio local marcava dez horas e o termômetro caíra para 25 graus negativos. Os moradores estavam abrigados em casa havia tempo, janelas e cortinas estavam fechadas. No que parecia ser a rua principal, Nedjar estacionou o carro na frente de um hotel. "É o único da região", afirmou. E, apontando para um café, na frente: "E é o único restaurante. Vamos deixar as malas e sair para comer. Estou morrendo de fome. Vocês também?". O café-restaurante estava lotado, mas uma mesa fora reservada para nós. Aquele único lugar ainda livre atraía os olhares dos que adiavam o momento de ir embora, os solitários. Todos eram

trabalhadores da mina, falavam alto e bebiam muito, como nos filmes de faroeste. Foi a essa visão que tentei me apegar para aplacar minha angústia. "Estamos num filme de faroeste", eu disse a Jean-Luc. Ele sorriu, apertou minha mão na sua, mas não disse nada. Subi para nosso quarto enquanto ele conversava com os outros dois para combinar o dia seguinte. O contraste entre o frio glacial da rua e a atmosfera superaquecida do interior era

149

surpreendente. Passar rapidamente de um a outro me deixara tonta, mas talvez fosse o cansaço. Do outro lado da janela de vidro duplo, a neve começara a cair abundantemente, turvando a paisagem de telhados mal iluminados pelos postes da rua principal. O quarto era pequeno, mas confortável, com paredes de madeira clara, uma cama de casal com um espesso edredom, uma mesa e duas poltronas velhas. Eu não estava num chalé suíço, mas podia me imaginar dentro de um e isso me acalmava. Jean-Luc chegou e caiu na cama. Também gostara do quarto. Ele me disse que Nedjar marcara dois encontros com a direção do sindicato dos mineradores para a manhã seguinte. - Você pode ficar descansando. Viremos buscá-la para o almoço, na frente do hotel. Depois visitaremos juntos a sede da televisão local. - Eles têm uma emissora local? - espantei-me. - Claro, com uma programação de várias horas por dia. Ainda pensa que está num faroeste ou... Ele não terminou a frase e pegou no sono.

Fiz uma breve tentativa de saída por volta das onze horas da manhã, mas mesmo com roupa de baixo, blusões, meu casaco de pele de raposa vermelha e um gorro de lã, logo voltei atrás: continuava nevando, o vento soprava em rajadas e a temperatura não saía dos 23 graus negativos. No hotel, me explicaram que aquele tempo era comum para a época e que nem se devia pensar em passear antes da primavera. Da primavera? Mas na primavera eu não estaria ali, estaria filmando na Itália! Pensar nisso me reconfortou e, de volta ao quarto, peguei um dos vários romances de Simenon que levara comigo. Nedjar, o cameraman e Jean-Luc voltaram na hora do almoço. Estavam satisfeitos com os encontros da manhã, principalmente Jean-Luc: os sindicalistas tinham se interessado por

150

um trabalho em comum. "Finalmente, uma experiência coletiva", repetia Jean-Luc. Precisamos correr até o carro, por causa do vento e do frio. Os vidros embaçados e a tempestade na rua não nos permitiam ver nada da paisagem. Em pouco tempo chegamos a nosso destino e fomos deixados na frente de um prédio novo: a sede da televisão regional. Gabinetes, corredores, uma cafeteria e um estúdio "notavelmente aparelhado com equipamentos de vídeo", Jean-Luc logo constatou. Um homem educado, o diretor, se apresentou e nos deu as boas-vindas. Ele nos fez visitar o lugar e falou por um bom tempo sobre suas responsabilidades e sobre as esperanças que depositava na colaboração com Jean-Luc. Seguiu-se uma longa discussão entre eles, que ouvi com pouca atenção. À noite, no jantar, no mesmo

restaurante e na mesma mesa, Jean-Luc manifestou sua satisfação. Ele e o diretor tinham entrado em acordo: Jean-Luc dirigiria uma série de quatro programas dedicados à luta dos mineradores em greve e a suas vidas privadas. A essas entrevistas se somariam debates e reportagens. No dia seguinte, ele aceitou anunciar seu programa ao vivo pela televisão. "Não somos mais artistas", martelou, "somos porta-vozes, para trazer a Revolução, para que tudo não aconteça sempre do mesmo jeito, para que a televisão pertença a todo mundo:" Durante os primeiros dias, as entrevistas e debates se multiplicaram. Seu cameraman filmava, um técnico quebequense cuidava do som. No início, eu ficava com eles, mas, apesar de alguns testemunhos que me comoveram, logo me cansei. Esperar o dia inteiro por Jean-Luc naquele estúdio de televisão e só sair para as refeições no mesmo restaurante me deprimiam cada vez mais. Uma fotografia me mostra acabrunhada, sentada num canto do estúdio com os cotovelos sobre os joelhos, a cabeça enfiada

151

nas mãos, a Pentax pendurada no pescoço. Pareço uma garotinha prestes a cair no choro, o que deixou Jean-Luc comovido. "Todo o desespero do mundo!", ele disse. E, pensando me agradar: "Vamos filmar você na rua. Essa tempestade é bonita, não? Você vai ler um panfleto clamando pela continuação da greve dos mineradores e um curto poema de Brecht". Mas o vento que soprava em rajadas, a neve e o frio logo me impossibilitaram de articular qualquer palavra. Comecei a tremer convulsivamente, as lágrimas que escorriam de meus

olhos me impediam de distinguir as letras no papel que tinha nas mãos. "Corta!", gritou Jean-Luc. Meia hora depois, apesar do calor do estúdio e das xícaras de chá quente, eu continuava tremendo. Fui levada ao hotel. Na banheira, depois no quarto quentinho, recuperei a sensação de bem-estar e, pela primeira vez, com muita nitidez, pensei que nossa presença ali era absurda, que devíamos voltar para a França. Eu com certeza, e me parecia que Jean-Luc também. Não disse nada a respeito, mas os dias que seguiram aquela tentativa fracassada me deram razão. Jean-Luc parecia duvidar do que fazia. Perdera o entusiasmo inicial, tornava-se melancólico, fechado em si mesmo. Somente a noite nos reaproximava. Os prazeres do corpo me faziam esquecer todo o resto. Nedjar se preparava para ir embora. Sua grande vitalidade se extinguia por falta do que fazer e outros projetos o esperavam em Paris. No jantar, ele tinha dificuldade para dissimular sua alegria. No entanto, permitiu-se compartilhar alguns temores a respeito da continuação do trabalho de Jean-Luc com a televisão local e Jean-Luc não fez nada para tranquilizá-lo. De volta ao quarto, vimos pela janela que a tempestade havia parado. Uma neve espessa cobria os telhados. As estrelas e a lua quase cheia se desenhavam no céu com muita nitidez e iluminavam toda a paisagem. - É como estar num cartão de Natal - murmurou Jean-Luc. Ele se virou para mim. Eu estava tirando a roupa.

152

- Você fica bem com essa roupa - ele disse -, não se mexa e me deixe olhar para você. Fiz o que ele queria,

um pouco surpresa. Estava usando apenas uma calcinha e uma regata branca da marca Petit Bateau. - Gostaria de filmá-la correndo graciosamente pelos telhados cobertos de neve. Todo esse branco e essa roupa de baixo, suas pernas e braços nus, seria... - Você enlouqueceu! Eu arfava, procurava as palavras. Ia dizer tudo: que estava de saco cheio do Grande Norte, daquela vida reclusa, e que voltaria para Paris, mas ele foi mais rápido. - Vamos embora.

153

Partimos como ladrões, não há outra palavra para definir aquela fuga, aquela deserção. Nedjar, avisado, organizou tudo e, 24 horas depois, aterrissávamos juntos em Orly. Trocamos poucas palavras. Havia certa amargura em Jean-Luc, talvez remorso, pois ele abandonara aquela "colaboração" com a televisão regional de Noranda sem avisar ninguém. Nedjar estava perdido em pensamentos sobre suas futuras filmagens e eu dormi a maior parte do tempo. O fim do ano se aproximava. Nem Jean-Luc nem eu gostávamos do período das chamadas "festas". Ele se preparava, com Jean-Jock, para filmagens na Inglaterra, das quais eu não participaria. Decidira não assinar mais seus futuros filmes apenas com seu nome, mas sob o nome do coletivo Dziga Vertov. Um coletivo constituído de duas pessoas me parecia mais uma piada ou um capricho passageiro. Estava enganada. "Devemos chamá-lo de Jean-Luc ex-Godard?", perguntara Cournot durante um de nossos raros encontros. "Boa ideia", respondera Jean-Luc, em tom sinistro. Vê-lo afastar-se tão claramente de Michel me doía bastante. Com Charles, ele planejava

uma viagem à Jordânia para se aproximar da causa palestina. Comigo, os planos eram outros. A seu pedido, tínhamos nos encontrado com Dany Cohn-Bendit em sua casa, em Frankfurt. Os dois queriam fazer juntos um "western político", mas falavam tanto, um cortando a palavra do outro, que quase nada resultou daquele primeiro encontro.

154

Eu tinha a sensação de que eles não se ouviam e de que não tinham nada em comum além de uma genuína simpatia mútua. Ficava calada, impressionada com Dany, e, alguns segundos depois, quase morria de rir da comicidade de alguns diálogos, e do enorme contraste entre a alegria de um e a seriedade do outro. Eu divertira Rosier e Bambam com a descrição de nossa expedição para o Grande Norte e com a ideia que Jean-Luc tivera de me filmar quase nua em cima de telhados cobertos de neve a vinte ou vinte e cinco graus negativos. Mas ele se sentia culpado. Considerava aquela experiência malsucedida e a tentativa abortada do filme com Penny e Leacock como fracassos pessoais, tinha pressa de provar que era capaz de finalizar um trabalho coletivo. Durante um jantar na rue de Tournon, Rosier nos mostrou a reprodução de um esboço de Delacroix que representava a jovem George Sand de perfil. "Ela se parece muito com Anne", ela disse. Mais tarde, e me pedindo grande segredo, ela me contou que desejava dirigir um filme sobre George Sand e me queria no papel principal. "Estou apenas no início de minhas pesquisas e não sei se conseguirei, mas o que acha da ideia?" Fiquei encantada e orgulhosa de que tivesse

pensado em mim para personificar aquela mulher que eu admirava, mas não contei nada a Jean-Luc. Confusamente, senti que ele não aprovaria o fato de Rosier se lançar no cinema e que tentaria desencorajá-la. Esse novo projeto e as frequentes ligações de Bernardo para falar sobre "nosso filme" me faziam esperar o melhor para o ano de 1969, que começava. E que de fato começou para mim em fevereiro, na Itália, em Pádua, com as filmagens de Pocilga, que deviam durar cerca de dez dias. Pier Paolo Pasolini concebera seu filme em duas partes muito distintas. Concluía a primeira no monte Etna, com Pierre Clémenti. Na segunda, além de Jean-Pierre Léaud e eu, contava com a atriz espanhola Margarita Lozano, Ugo Tognazzi e o cineasta

155

Marco Ferreri. A equipe técnica era pequena e trabalhávamos rápido apesar do inverno particularmente rigoroso. Eu estava feliz, Pasolini também, e aquelas filmagens marcaram o início de uma grande amizade. Ele já antevia um futuro do qual eu faria parte, pois gostava de se cercar de pessoas fiéis que admirava, como Ninetto Davoli e os Irmãos Citti. Enquanto isso, Jean-Luc estava na Inglaterra com Jean-Jock para gravar o que se tornaria o filme *British Sounds*. Falávamos por telefone todos os dias, mas ele se preocupava, temia que eu o esquecesse. Eu o tranquilizava do jeito que podia, mas na verdade ele não me fazia muita falta, tanto me sentia à vontade nas filmagens. Graças ao afeto e à estima daquela equipe, sentia-me viva de novo, o que confirmava meu desejo de me tornar atriz. Outro

cineasta além de Pasolini se interessou por mim: seu amigo Marco Ferreri. Acabei percebendo que ele não tirava os olhos de mim e, embora não tivesse visto nenhum de seus filmes, me senti lisonjeada. Ele me parecia um pouco estranho, até mesmo inquietante, mas sua inteligência e a acuidade de seu olhar o tornavam atraente. Ele falava bem francês, com um forte sotaque italiano. No último dia, puxou-me num canto para me oferecer um papel em seu próximo filme, que seria rodado na primavera, na Toscana. Contaria a vida de um casal depois de uma catástrofe atômica e seria interpretado por Marcello Mastroianni e Annie Girardot. Com o planeta dizimado, eu seria uma espécie de mensageira encarregada de convencer os raros sobreviventes a se reproduzirem. Era vago, mas tentador. Jean-Luc e Jean-Jock não voltariam a Paris antes de quatro dias, por isso decidi passá-los em Roma. Apesar das chuvas glaciais e do aspecto sombrio da cidade no inverno, foi com grande alegria que voltei a me encontrar com Bernardo, Paola e Gianni. A adaptação do livro avançava, embora nenhuma data tivesse sido marcada para as filmagens.

157

Quando estava entrando no café Rosati, um desconhecido me abordou e me explicou quem era. "Carmelo Bene, um artista conhecido que está revolucionando o teatro e o cinema"; traduziu-me um jovem que o acompanhava. Ele acrescentou que Carmelo queria que eu participasse de sua próxima criação, um filme que começaria a ser rodado em três semanas e que seria composto de duas histórias. A que

me dizia respeito fora adaptada de "Suzana e os velhos". Eu interpretaria uma jovem, nua do início ao fim, cercada por velhos libidinosos. Depois de um breve momento de surpresa, disse-lhe que me recusava categoricamente a ser filmada nua. Ele insistiu, e Bernardo, que me acompanhava e até então não abrira a boca, se interpôs: "Deixe-nos em paz. Se ela disse não, é não". Os dois, que não tinham nem se cumprimentado, visivelmente não gostavam um do outro. Carmelo Bene se tornou agressivo e Bernardo me arrastou para dentro do café. "Embora alguns o achem genial, ele também é alcoólatra e violento. Não se meta com ele." Uma hora depois, enquanto deixávamos o Rosati na companhia de Moravia, que viera a nosso encontro, Carmelo Bene, que víamos se afastar, estava de volta. Ignorando deliberadamente os dois homens que me cercavam, dirigiu-se a mim com autoridade, sempre traduzido por seu intérprete, que tinha dificuldade para acompanhar o que ele dizia, tamanha a velocidade de sua fala: - Telefonei para minha mulher, ela aceitou que vocês trocassem de papéis. Ela interpretará Suzana e você, Manon Lescaut. Minha outra história narra o suicídio de Manon e do cavaleiro Des Grieux num cemitério de carros em chamas. Eu serei Des Grieux, portanto estarei na frente e atrás das câmeras ao mesmo tempo. - Ela disse que não - interveio Bernardo mais uma vez. Carmelo Bene dirigiu-lhe um olhar de desprezo. - Tive tempo de contatar seu agente, enquanto você perdia o seu com esses intelectuais de bom-tom. Sei que voltará

amanhã para Paris. Tenho seu número de telefone, dou-lhe 48 horas para tomar uma decisão. Ele apertou minha mão e ainda disse: - Mais um detalhe: você estará vestida do início ao fim. Gostei muito desse longo vestido rosa, de lã, que está usando sob o casaco de pele: será seu figurino. E desapareceu na multidão da Piazza del Popolo. Apesar de seu hálito de vodca, era um homem bonito do qual emanava uma grande força. Sua convicção, sua segurança e o desprezo com que parecia considerar o mundo inteiro me perturbaram e, confesso, seduziram. - Você não vai aceitar, vai? - perguntou-me Bernardo, preocupado.

Você não vai aceitar, vai? - perguntou-me Jean-Luc, na noite seguinte. Ele fora me buscar em Orly, algumas horas antes. "Poderia ter ido a nosso encontro na Inglaterra, em vez de ir a Roma", dissera

na mesma hora. "Você sabe que não falo inglês!" A má vontade de minha resposta o fizera sorrir e ele me abraçara. "Senti sua falta!" "Eu também!" Ufa, reconciliados! Mas, por prudência, eu retardara o momento de lhe falar de Marco Ferreri e de Carmelo Bene, e contara como Pasolini havia enfrentado sozinho um anfiteatro cheio de estudantes de extrema direita, num ambiente de linchamento. Os Irmãos Citti e eu, que o acompanhávamos, sentíramos medo por ele, mas Pasolini não, nem por um segundo. "Sempre admirei sua coragem...", admitira Jean-Luc, sonhador. Das filmagens com Jean-Jock ele não me dissera muita coisa. De volta ao apartamento, deixei-o fazer algumas ligações, e fiz o mesmo. O jantar estava marcado com Rosier e Bambam no Balzar e foi somente no momento em que nos preparávamos para sair que ousei contar as novidades.

Comecei pela proposta de Marco Ferreri: "Um pequeníssimo papel, uma participação, como se diz". Ele fez uma careta de contrariedade, quis responder, mas não lhe dei tempo e emendei falando de Carmelo Bene. - Você não vai aceitar, vai? E, num início de pânico: - Mas como o conheceu? Conte-lhe. Ouvir que eu imediata e firmemente me recusara a filmar nua o tranquilizou, em parte. Apesar do frio intenso que fazia em Paris, ficamos parados na calçada, na frente do restaurante, discutindo o que fazer. Era evidente que ele queria que eu recusasse e ficasse a seu lado, mas o novo espírito de maio o impedia de exigir de mim uma coisa assim. - Você é livre - disse a contragosto. Beijei-o ardentemente, feliz e aliviada com seu consentimento, e ele acrescentou: - Preciso admitir que Carmelo Bene é inclassificável, que seu cinema não tem nada a ver com o que em geral se faz, que está procurando uma linguagem. Vi em algum lugar na Itália, durante um festival, talvez Pesaro, seu primeiro longa-metragem, Nossa Senhora dos Turcos, muito estranho, interessante. Cournot estava comigo, acha inclusive que ele é um gênio, escreveu uma crítica entusiasta.

Na manhã seguinte, enquanto eu bebia na cama a segunda xícara de Nescafé que ele me servira, o telefone tocou. Ele atendeu no escritório e me chamou num tom duro. - Ferreri, para você. Peguei a extensão e percebi que Jean-Luc não desligara a sua. Que importância teria se ouvisse nossa conversa? Marco Ferreri mudara a ótica de seu filme. Pensava que o casal de sobreviventes

comoveria mais se fosse interpretado por pessoas jovens, queria a mim para o papel principal. Meu

159

parceiro ainda não fora encontrado, Annie Girardot interpretaria a mensageira, "Marcello", como ele dizia, não participaria do elenco. "Escrevi para você uma sinopse que chegará à sua casa no fim do dia, você entenderá melhor. Volto a ligar amanhã. As filmagens começam em meados de abril e vão até junho. Ciao." Fiquei pasma e Jean-Luc, que viera até o quarto, mais ainda. - Você não vai desaparecer por dois meses, vai? E como eu não soubesse o que responder, continuou: - Não vai me abandonar por tanto tempo, vai? Você na Itália e eu na Tchecoslováquia... Que absurdo! Ele me pegou nos braços e me apertou contra si. Sentia-me invadida por sentimentos contraditórios em que se mesclavam o orgulho de ter sido escolhida para um papel principal, a vertigem diante de propostas que se encadeavam, o medo de não estar à altura e o de me separar de Jean-Luc, de viver longe dele, privada dele.

O correio anunciado chegou no fim do dia. Lemos juntos as cinco páginas da sinopse. Na última, Jean-Luc caiu na gargalhada. Baixei a cabeça, furiosa e humilhada. Pois embora a história correspondesse ao que Marco Ferreri me contara, um novo detalhe mudara tudo: a jovem que ele me propusera interpretar ficava nua durante três quartos do filme. - Muito bem, isso resolve tudo - disse Jean-Luc alegremente. - Porque você vai recusar, sem dúvida? - Sem dúvida. Respondi com firmeza, mas foi

difícil dissimular minha decepção. Numa nota acrescentada ao fim, Marco Ferreri avisava de que me telefonaria na manhã seguinte para saber minha resposta. Eu tinha perdido toda vontade de falar com ele. Virei-me para Jean-Luc. - Você poderia atender para mim? Dizer não da parte de nós dois?

160

- E como, com todo prazer! Mas o que esses cineastas tarados têm na cabeça para ficar querendo tirar a roupa da minha mulher? Quando Ferreri ligou, eu estava ao lado de Jean-Luc, ouvindo pela extensão. Este último estava visivelmente em êxtase. Como um perfeito comediante, foi muito educado, quase frívolo, e disse que "não, minha mulher não quer filmar nua". O imenso respeito que fingiu sentir por seu interlocutor não podia enganar um homem tão esperto quanto Ferreri. Portanto, este respondeu na hora que não iria desistir e que encontraria uma solução. "Não vejo como", disse Jean-Luc. Eles se despediram com novo ataque de cortesias. "Ufa, já vai tarde!"; foi seu único comentário. E me deixou para ir a uma reunião no Beaux-Arts, satisfeito consigo mesmo e já perdido em outros pensamentos. Fiquei pensativa. Ferreri dissera que não desistiria e que encontraria uma solução. Estranhamente, acreditei nele. E não me enganei. Dois dias depois, ele ligou e conversou diretamente com Jean-Luc. Falava com a mesma cortesia excessiva de Jean-Luc na vez anterior, era ele quem ditava o jogo agora. A jovem que eu deveria interpretar estaria vestida e mudaria constantemente de figurino. O casal, ao naufragar na praia, encontraria na casa abandonada

uma mala cheia de belas roupas femininas, que a jovem usaria. Seu companheiro, em contrapartida, escolheria viver nu, como um perfeito selvagem. Jean-Luc ficou tão desconcertado que perdeu completamente a capacidade da réplica. "Vou falar com minha mulher", contentou-se em dizer antes de desligar. Depois, virando-se para mim: "Merda. Você não vai aceitar, vai?".

160

161

Aceitei.

Não foi fácil. Jean-Luc não podia me proibir, mas tentou por todos os meios me dissuadir de aceitar. Alguns de nossos amigos, a quem, no entanto, ele não pedira nada, acharam que deveriam ajudá-lo. Jean-Pierre Léaud, por exemplo, que encontrei por acaso num café do boulevard du Montparnasse, ficou indignado: "Depois dos filmes que fez, você não pode se rebaixar a filmar com Marco Ferreri!". Seus gostos em matéria de cinema se limitavam, naquele momento de sua vida, a alguns diretores e excluía todos os outros. Quando tentei me defender, ainda disse: "Imagine se você morrer durante as filmagens: as últimas imagens que teremos de você serão as desse filme. Que vergonha!". Na rue Saint-Jacques, o clima era tenso. Jean-Luc ia e vinha entre a montagem de *British Sounds* e nossa casa, onde eu me entediava. Eu não podia confessar-lhe a que ponto tinha medo de viajar para longe dele, pois ele tiraria proveito

disso. Ao ficar sabendo, durante um desvio de conversa, que o banco chamara a sua atenção para seus múltiplos saques a descoberto, julguei sensato lembrar-lhe que ganharia dinheiro na Itália. Pensei até, com certa despreocupação, que se nossos caminhos profissionais se separassem por algum tempo, nossa ligação sairia fortalecida, e que seria saudável eu me tornar um pouco mais independente, um pouco mais livre. Jean-Jock,

162

presente, concordou comigo. Ao mesmo tempo, espantou-se que eu não quisesse participar do grupo Dziga Vertov e que preferisse filmar na Toscana a segui-los à Tchecoslováquia. Ele parecia mais confiante, falou-me por longo tempo a respeito do movimento dos secundaristas, que se ampliava, e da agitação política dentro de várias fábricas. Depois, criticou-me por minha falta de engajamento: "O cinema não é a única coisa na vida, olhe um pouco ao redor". Pouco antes de minha partida para Roma, Rosier nos convidou para jantar em sua casa, com Cournot. Fazia tempo que não nos encontrávamos os cinco ao mesmo tempo e aquilo me deixara feliz. Jean-Luc se contentara com um vago: "Se isso deixar você feliz...: Parecia em outro lugar e seguia nossas conversas distraidamente. Rosier era quem mais falava. Pulava de um assunto a outro com um bom humor um tanto forçado. Eu lhe contei que Carmelo Bene queria que eu usasse o vestido de lã rosa que ela fizera para mim, e ela se declarou "lisonjeada". Disse-me, então, que vestira Audrey Hepburn num filme de Stanley Donen a que Jean-Luc e eu tínhamos assistido e gostado muito, Um caminho para dois. A refeição chegava ao

fim e continuávamos à mesa quando ela mencionou minhas duas filmagens na Itália e as de Jean-Jock e Jean-Luc na Tchecoslováquia. Em seu desejo constante de animar a conversa, acontecia-lhe de cometer gafes, o que Bambam em seguida lamentava amargamente. Assim, ela perguntou a Jean-Luc e a mim: - Vocês nunca estiveram separados por tanto tempo. Não estão angustiados demais, tristes demais? - Sim - respondeu Jean-Luc, ainda mais sóbrio. - Sim - repeti. De repente, Cournot, que ainda não abrira a boca, dirigiu-se a mim.

163

- Que você trabalhe por uma semana com Carmelo Bene, que é um gênio, ótimo. Mas que perca seu tempo com Pasolini e Ferreri, é difícil de engolir. Rosier interveio, com paixão: - É muito bom que Anne trabalhe. Queria que ela fizesse o quê? - Que ficasse ao lado de Jean-Luc ex-Godard, na Tchecoslováquia ou em qualquer outro lugar. O lugar de uma esposa apaixonada é ao lado do marido. Caso contrário, a porta fica aberta para qualquer coisa. Houve um silêncio estupefato, que Rosier, sinceramente indignada, quebrou: - Está falando como o pior dos reacionários! - Mas Cournot é um reacionário! Jean-Luc falara com voz firme, parecia ter recuperado um pouco de sua vivacidade. E lançou-se num discurso feminista para defender a liberdade e a igualdade de todas as mulheres, a começar pela sua, tanto no trabalho quanto no amor. Rosier aprovava-o, enquanto Bambam começava a gemer: suas costas o faziam sofrer, ele precisava se deitar. - Bobagens, idiotices - resmungava Cournot de tempos em tempos. Jean-Luc continuava seu discurso, mescla de todas as

ideias em voga desde o mês de maio. Com seu tom professoral, recitou a lição do perfeito militante revolucionário. Sua aparente boa-fé me dava um pouco de pena. Embora ele em teoria acreditasse no que dizia, eu não tinha tanta certeza de que fosse capaz de aplicá-la a mim, a nossa vida cotidiana. Não imaginava a que ponto.

164

O dia de trabalho chegou ao fim do mesmo modo que começara: suavemente, preguiçosamente. Os maquinistas guardavam os equipamentos, para a noite, na casa em que filmávamos as principais cenas de interior. Subi para o quarto reservado à maquiagem, no andar de cima, para me livrar o mais rápido possível da base, do rímel e do batom. Chico, nosso maquiador, ficava desolado, pois dia após dia ele se divertia me transformando, segundo suas palavras, numa heroína "tão mais feminina, tão mais desejável" do que aquela que chegava pela manhã, ainda sonolenta. Ele me criticava afetuosamente pelo que chamava de meu lado acqua e sapone. Nosso diretor, Marco Ferreri, concordava e zelava com cuidado maníaco pelas inúmeras roupas que eu deveria usar, às vezes as minhas próprias, mas principalmente as que a costureira Lina Taviani selecionara. Os dois tinham acabado de entrar em acordo: no dia seguinte eu usaria o vestido longo de tricô rosa que Michèle Rosier criara para mim e que eu já usara algumas semanas antes no filme de Carmelo Bene. A semente do homem havia começado em meados de abril. Estávamos na véspera do fim de semana do feriado de 1º de maio e tudo ia muito bem

com nossa equipe. Morávamos todos juntos num hotel confortável, filmávamos numa imensa praia deserta e na única casa que lá havia. Marco Ferreri não respeitava o plano de trabalho porque improvisava o tempo todo, ao sabor de seus humores e das coisas que lhe inspirávamos, meu

165

companheiro. Eu aprendera direitinho com meus diretores anteriores, portanto era flexível, disponível, bastava-me confiar nele: embora nem sempre entendesse em que direção o filme seguia, ele, pensava eu, sabia. No carro que nos levava ao hotel, Marco Ferreri me pediu notícias daquele que nunca chamava pelo nome, mas sempre de "seu marido" ou "Godard". Talvez ele quisesse nos visitar no fim de semana, alguma decisão fora tomada? Disse-lhe que não recebera uma única ligação nas últimas 48 horas e ele me lembrou das dificuldades de contato entre a Itália e a Tchecoslováquia, mudando de assunto depois de concluir: "É normal, não se preocupe". Eu não estava preocupada. Ainda não. Jean-Luc só recebia meus recados muito tarde à noite, talvez alguma mensagem dele me esperasse no hotel. Não havia nenhuma carta, nenhum telegrama. Todos voltaram a seus quartos para uma ducha antes do jantar. Passei uma noite agradável na companhia de Marco Ferreri, Lina Taviani, do diretor de fotografia, Mario Vulpiani, e da primeira-assistente, Joya. Esta tinha a mesma idade que eu e nos tornáramos muito cúmplices, "as garotas", como os mais velhos compreensivelmente nos chamavam. Ela era bonita, eficaz no trabalho e sempre pronta para se divertir. Ria

por qualquer coisa e, em meus raros momentos de melancolia, era quem eu procurava. Saber-me casada com um homem famoso, dezessete anos mais velho, a divertia bastante. "Ele não é um pouco velho?", perguntava depois de vários cálices de chianti. "Claro que não." "Você não se sente atraída por caras da nossa idade?" "Não." Mais uma taça e ela me explicava como encarava a própria vida: "Até os trinta anos, quero estar livre para amar quem eu quiser e quando quiser, para ser livre, livre como nossas mães nunca foram... Depois, quero casar, ter filhos, seguir a tradição". Maio de 1968 havia imposto essa exigência a muitos

166

corações, mencioná-la um ano depois quase se tornara um lugar-comum. Eu tentava explicar que, para mim, o empolgante aprendizado da liberdade tivera início durante as filmagens de meu primeiro filme, A grande testemunha, de Robert Bresson. Meu casamento com Jean-Luc e os acontecimentos de maio de 1968 nada mais tinham feito que confirmá-lo. Eu me queria livre. Eu já dormia há algum tempo quando o telefone me acordou. Era Jean-Luc que, numa voz sufocada, me perguntava por que eu voltara tão tarde, o que tinha feito, com quem estava. Ele arquejava, falava muito baixo e eu não entendia tudo o que me perguntava. Ele me anunciou que chegaria ao hotel no dia seguinte ao fim da tarde e que "conversaríamos". Depois, percebendo que eu estava voltando a pegar no sono, desligou. No dia seguinte, de fato, quando voltei ao hotel com Marco Ferreri e a equipe, o porteiro me anunciou que meu marido chegara e me esperava no quarto.

"Diga-lhe que será bem-vindo a nossa mesa. Mas imagino que prefiram ficar sozinhos e apaixonados, e, nesse caso, seremos discretíssimos", disse Marco Ferreri com um sorriso malicioso e algo que dava a impressão de que estava zombando. Ao primeiro olhar, compreendi que Jean-Luc não estava bem, que algum drama pesava no ar. Ele não estava barbeado, tinha a pele oleosa, as roupas amassadas. Parecia um mendigo que não tomava banho havia vários dias. O quarto fedia a cigarro Boyards de palha e eu fui logo abrir a porta que dava para o jardim. - O que aconteceu? Ele não respondeu, contentando-se em me encarar com tanta hostilidade que acabei ficando furiosa. - Por que veio me ver se foi para fazer cara feia? O que eu fiz? Quase acrescentei "para merecer isso". O dia de trabalho tinha sido muito produtivo, eu conseguira dar a Marco Ferreri mais do que ele me pedira, como se a perspectiva de reencontrar Jean-Luc tivesse me dado asas.

167

Como ele continuava em silêncio, adivinhei que sofria e que seu sofrimento devia ter alguma relação comigo. - O que aconteceu? Minha voz estava mais doce, sentei-me a seu lado e o abracei. Beije seus olhos, seu rosto não barbeado, seus lábios. - O que aconteceu? Seu corpo finalmente se distendeu e ele conseguiu me responder. "Aconteceu" que fazia três noites que ele ligava para o meu quarto e que o recepcionista lhe dizia que eu não estava. - Só isso? Vivendo com ele, eu descobrira um lado sombrio de sua personalidade: a possibilidade repentina, sem motivo, de ele se tornar ciumento. Seus motivos sempre se revelavam absurdos e, depois de

minhas explicações, de esclarecimentos para "provar minha inocência", tudo voltava ao normal. Pensei que o mesmo aconteceria daquela vez. Jurei ter passado todas as noites bem-comportada em meu quarto e sugeri que interrogasse o recepcionista, fizesse uma investigação e, por que não, prestasse queixa contra mim. Primeiro, precisávamos jantar e contar um ao outro o que tínhamos feito ao longo de todas aquelas semanas. - E tome uma ducha, faça a barba, e mude de roupa! Eu não queria que meus amigos italianos o vissem naquele estado lamentável. O que Joya teria pensado?

A conversa, durante o jantar, se revelou cansativa. Jean-Luc mal ouvia o que eu dizia e não falava nada sobre o filme na Tchecoslováquia, que ainda não se chamava Pravda. Alguns metros adiante, uma alegria ruidosa reinava à mesa de Marco Ferreri. Todos antecipavam as visitas que receberiam durante aquele fim de semana prolongado, as excursões às ilhas ou ao interior. Ninguém pareceu se ofender com o fato de Jean-Luc não responder a seus cumprimentos.

168

De volta ao quarto, foi pior ainda. Tomado por sua ideia fixa, Jean-Luc voltou a me interrogar sobre o que eu havia feito nas noites anteriores. Ele não acreditava que um recepcionista pudesse ter se enganado três vezes seguidas, portanto, eu mentira. Estava disposto a admitir que talvez eu tivesse apenas me divertido nas boates da praia, mas na companhia de quem? Por que eu insistia em negar, se podia tranquilizá-lo simplesmente

contando a verdade? E quanto mais eu jurava não ter saído do quarto, mais suas suspeitas se transformavam em certezas. Ele via em minha obstinação a prova de minha culpa. O tom começou a subir entre nós. A princípio paciente, comecei a ficar exasperada, agressiva, maldosa. Nada que eu dissesse, que eu sentisse, nada tinha efeito sobre ele, decidido a fazer o que fosse preciso para obter o que chamou de minha "confissão". Quando compreendi que nada o desviaria de sua fixação, que apesar de seu cansaço e do meu, passaríamos a noite daquele jeito, engoli na frente dele dois comprimidos de Imménoctal.

O sol iluminava o quarto quando acordei. Pela porta do jardim ainda aberta chegavam os sons familiares do hotel: conversas no jardim, algumas risadas e vozes agudas de crianças, uma canção de Adriano Celentano que a rádio italiana tocava sem parar naquele ano, Azzurro. Meu relógio marcava meio-dia, estava na hora de levantar. Sacudi Jean-Luc, que dormia de roupa a meu lado. Sacudi-o várias vezes, cada vez mais forte, até perceber que a caixa de Imménoctal estava vazia em cima da mesinha de cabeceira. Então compreendi e fiquei horrorizada por alguns segundos, olhando para ele. Estava morto? Ainda vivia? Pareceu-me que respirava. Mas sua respiração era tão fraca que talvez eu estivesse enganada, e isso me levou a reagir, a chamar por socorro o mais rápido possível.

No corredor, choquei-me com Mario Vulpiani, cujo quarto era vizinho ao meu. Ao me ver ainda de pijama, minha cara transtornada, logo compreendeu que alguma coisa grave havia acontecido e me seguiu imediatamente. Ele se debruçou sobre o corpo inerte de Jean-Luc, viu a caixa de soníferos vazia e, em voz baixa, com uma autoridade que eu ainda não vira: "Que sorte a dele, um amigo meu, médico, veio almoçar comigo. Vou correndo chamá-lo pois precisamos ser rápidos, talvez já seja tarde demais". E após um breve olhar severo sobre mim, que tinha começado a chorar: "Recomponha-se, vista-se e, acima de tudo, feche a porta: o hotel está cheio de jornalistas que vieram entrevistar Marco Ferreri".

Várias horas tinham se passado e Jean-Luc, embora respirasse, não acordava. Seu estado preocupava muito o amigo de Mario Vulpiani, que tentara reanimá-lo várias vezes e de várias maneiras. Ele também conseguira improvisar um soro. Era um jovem médico às voltas com seu primeiro suicídio. Assustado com aquela responsabilidade, quisera transferi-lo para a emergência do hospital mais próximo. Mas Mario Vulpiani conseguira demovê-lo dessa ideia: com todos os jornalistas espalhados pelo hotel, aquilo nunca passaria despercebido e haveria tumulto em torno da ambulância, no hospital. Que presente para eles! Jean-Luc e eu costumávamos fugir da imprensa, portanto, surpreender o famoso cineasta entre a vida e a morte depois de tentar o suicídio no quarto da jovem esposa, atriz principal do filme do igualmente famoso Marco Ferreri... O escândalo seria retumbante, atrairia uma multidão depaparazzi, prejudicaria a retomada das filmagens de A semente do homem. Mario Vulpiani agia tanto por compaixão quanto para proteger o filme, no qual

acreditava muito. Por isso, fechara imediatamente as venezianas e espalhou o boato de que Jean-Luc e eu deixáramos o hotel para um fim de semana "apaixonado".

170

Passei a tarde prostrada na penumbra do quarto, tendo acessos de choro, sem perder Jean-Luc do olhar. O jovem médico continuava ali, vigiando incansavelmente um regresso à vida. Às vezes, dirigia-se a mim: "Seu estado continua estacionário" E vendo que minhas lágrimas voltavam a correr: "Isso quer dizer que não está piorando". Eu o adivinhava comovido por minha angústia, buscando uma maneira de me consolar, de me tranquilizar. Em seu desejo de salvar Jean-Luc também havia o de acabar com meu sofrimento. Era um homem sensível e afetuoso. A atitude de Mario Vulpiani era diferente. Para despistar o restante da equipe, que continuava no hotel e não suspeitava de nada, dava breves passadas pelo quarto. Estava cada vez mais tenso e dizia "não entender como um casal chegava àquele ponto". Quando, em prantos, tentei explicar-lhe o motivo do gesto insano de Jean-Luc e minha inocência, ele me interrompeu na mesma hora: "Os motivos dele e os seus não me dizem respeito". Sua severidade comigo acabou me derrubando. Até então, ele apreciava meu trabalho e gostava de mim. Agora, agia como um juiz. Estávamos nesse ponto quando Jean-Luc subitamente começou a se agitar e a articular algumas palavras incompreensíveis. Debruçado sobre ele, o jovem médico sacudiu-o suavemente. Falava com ele em italiano, eu entendia que estava suplicando que voltasse até nós,

que se agarrasse à vida. Jean-Luc, em resposta, começou a se debater, a gemer. O médico se voltou para mim: "Acho que está chamando por você". Cedeu-me o lugar, coloquei minhas mãos nos ombros de Jean-Luc e comecei a falar com ele, repetindo em francês o que o médico lhe dissera. Jean-Luc arregalou os olhos e murmurou com muita clareza "Meu amor", esboçou um sorriso e voltou a dormir. "Está a salvo!", exultou o médico. Levada pela emoção, voltei a chorar. "Não precisa mais ter medo, vai dar tudo certo agora." Ele irradiava orgulho e alegria.

171

Mario Vulpiani pôs um fim a essas efusões. Seu amigo passara o dia todo dentro do quarto, ele queria levá-lo para jantar e me deixar sozinha com Jean-Luc. "Mas o soro..:", protestou o médico. Mario Vulpiani me estendeu a bolsa com o precioso líquido. Mostrou-me como segurá-lo, o braço estendido, em pé ao lado da cama, de modo que as gotas pingassem corretamente na veia de Jean-Luc. "É sua vez de agir, voltaremos à noite", ele disse depois de um tapinha amigável em meu ombro. A porta se fechou atrás deles e eu vi o olhar enternecido de Jean-Luc. "Obrigado", ele murmurou numa voz fraca, "agora sei a que ponto me ama. Errei em duvidar de você". E voltou a dormir, tranquilo. Eu estava tão exausta que só consegui contemplá-lo com incompreensão e raiva. Ele tinha acabado de me agredir de uma maneira que considerarei, e que por muito tempo continuei considerando, intolerável. Ainda não sabíamos, mas haveria um antes e um depois daquele terrível fim de semana de maio de 1969. Nossos caminhos profissionais, que já tinham começado a se separar, aos

poucos se tornariam maneiras diferentes de conceber a vida, o amor e a morte. Nossa separação definitiva levou mais de um ano, quase dois, para se concretizar. Foi extremamente dolorosa, tanto para ele quanto para mim, embora a iniciativa pareça ter sido minha. O triste fim de nossa história foi banal e privado, deixei de ser uma testemunha privilegiada daquela época. Não escreverei sobre isso.

172

Este livro contou com o apoio à publicação do Institut Français.

Un An après (c) Editions Gallimard, 2015

Todos os direitos desta edição reservados à Todavia. Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

capa

Renata Mein

imagens de capa

Getty Images

preparação

Manoela Sawitzki

revisão

Vanessa Gonçalves

Amanda Zampieri

Lívia Azevedo Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Wiazemsky, Anne (1947-2017)

Um ano depois: Anne Wiazemsky

Título original: Un An après

Tradução: Julia da Rosa Simões

São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2018

176 páginas

ISBN 978-85-93828-60-7 i. Ensaios 2. Crônicas 3.
Memórias i. Título

CDD 869.4

Índices para catálogo sistemático:

i. Ensaios: Crônicas 869.4

todavia

Rua Luís Anhaia, 44 05433.020 São Paulo SP

T. 55 II. 3854 5665 www.todavialivros.com.br Pr

L

fonte Register* papel Munken print cream

80 g/m2 impressão Geográfica